**Coletânea dos Blogs**

Optamos pelo modelo de transparência e livre acesso a manifestação do pensamento, então quando nossos parceiros estiverem fora do ar você terá neste documento auxiliar o conteúdo de nossos escritos sem a necessidade de esperar pela informação. Nos Blogs, o português é mais correto.(ORIGINAIS)

***ÍNDICE***

TEXTOS SELECIONADOS: DA PEDIATRIA À PSICANÁLISE INSAUT 84

SACRIFÍCIO DO ENCONTRO LIBININAL INSAUT 88

PRINCÍPIO DA URBANIDADE INSAUT 94

VICISSITUDES DA FORMAÇÃO DO PSICANALISTA INSAUT 95

O CONFLITO DE CIBELE INSAUT 97

TROLL INSAUT 101

A IMPLICAÇÃO DO PACIENTE DE ANÁLISE SOBRE SI MESMO INSAUT 102

A TEORIA DOS NÓS INSAUT 106

INTELIGÊNICA MNEMÔNICA INSAUT 108

PERSPECTIVAS EMPRESARIAIS COM FOCO NOS CLIENTES INSAUT 111

FOGO AMIGO INSAUT 112

MINHA NATIVIDADE INSAUT 115

#End the war Wall.E! INSAUT 116

LEMBRANÇA ENCOBRIDORA INSAUT 117

PERVERSÃO INSAUT 119

TERRA: CONTROLADA POR NÚCLEOS PSICÓTICOS, NEURÓTICOS E PERVERSOS INSAUT 120

Déjà Dictionnaire (Uma vez já dicionário) INSAUT 121

ATENÇÃO FLUTUANTE INSAUT 122

O GOZO INSAUT 123

A PSICOLOGIA DE DEUS INSAUT 133

[CRISE GLOBAL] VIDA SOCIAL EM TEMPO DE CRISE INSAUT 134

TE INCOMODANDO EM DUAS FRASES INSAUT 135

Carta de Austeridade Endereçada aos Governos Centrais INSAUT 136

A VIAGEM DO LEITOR INSAUT 149

VIDA DE FEIJÃO & VIDA DE INSETO INSAUT 151

VIDA DE RATO & VIDA DE BARATA INSAUT152

SAUDADES INSAUT 153

[PSICANÁLISE] O CONFLITO DE PÉRICLES INSAUT 157

**TEXTOS SELECIONADOS: DA PEDIATRIA À PSICANÁLISE INSAUT 84**

SACRIFÍCIO DO ENCONTRO LIBININAL INSAUT 88

O Sacrifício do Encontro Libidinal

A todo instante nós conectamos nosso corpo com outros elementos dispostos no ambiente por meio de percepção de uma vantagem sensorial que emite prazer em praticá-la, esta fusão do que é notado no ambiente é um mecanismo prazeroso despertado por meio de uma pulsão na forma de uma libido.

Então ao escolhermos um objeto, na figura do Outro, que representa algo externo à estrutura biológica tem-se dos elementos dispostos a estabelecer um contato mais direto na linha proximal de proximidade ambiental.

Sejam assim o Objeto (O outro) e o Ser (Você) estruturas dissociadas de qualquer tipo de vínculo passar a representar para o Ser no ato de absorção da ideia uma instância de conformidade pelo interesse libidinal que pode se adequar, por exemplo, à manifestação do AMOR.

Então a primeira correspondência do objeto no interior do ser passa a ser uma agregação de valor parental que torna herdeiro um composto egoico que ao encapsular de significado um significante, ou seja, um símbolo cria dentro do Ser o AMOR Objeto como uma representação sucinta do que o Outro venha a representar dentro do indivíduo algo que substancie o seu momento-contexto.

Então o indivíduo passa a abastecer-se de informações sutis na forma de estímulos que desencadeiam subjetividade, através da manifestação de sentimentos, de sensações, de pensamentos, extintos e manipulações de sentidos, tudo isto para formar dentro de si a cristalização de um relacionamento.

Para que o relacionamento venha a se formar é necessário que passe por vários momentos:

O primeiro deles é a Aproximação subjetiva e real do Ser com o objeto. Assim a mãe cheia de amor ao lembrar-se de seu filho bebê no berço, como quem nota a necessidade de cuidar irá de tempos em tempos investir em seu interesse libidinal de manifestar o contato com seu filho em seu quarto.

A percepção vem em seguida como um compromisso mais detalhado de manutenção de uma condição de ação em que um aprisionamento da cena irá fusionar mais intensamente o Ser ao seu Objeto. Então a mãe faz um checkup ao visualizar sua criança no berço com um intuito de verificar que tudo caminha conforme seus procedimentos de rotina.

A somatização surge como um ajuntamento da cena em que desloca o Objeto como núcleo do centro de influência do Ser. Assim, a mãe de nosso exemplo, desloca sua atenção e foco para o perímetro proximal em que se situa o corpo do bebê integrando todos os frames na forma de uma composição sólida a formar um cenário que unifica todo o agrupamento de informações. A mãe é capaz de juntar todos os elementos dispostos ao redor de seu bebê para fazer deles alvo de análise para intuir se tudo caminha conforme o seu aprendizado de mãe.

A problematização é a etapa seguinte em que o indivíduo ao ter a trama sintetizada como um núcleo de pensamento é capaz de refletir sobre quais elementos da rede de informações que está contida dentro do consciente é passível de um interesse mais detalhado e que um nível de concentração energética mais detalhada deve ser canalizado para o setor da análise da tela cinética do intelecto como uma percepção mais apurada em que deva gerar novos insights e formas mais densas de interação. Assim a mãe, integra em sua mente elementos residuais que a fazem notar que algum elemento não deveria estar fusionado conforme sua experiência de vida e ajusta a posição do bebê para que ele fique mais confortável.

O choque é o mecanismo de controle que permite identificar que algo somatizado não procede segundo a experiência e expectativa observado pelo processo de vivência do Ser em relação do Outro introjectado na trama cinética do intelecto. Assim a mãe ao perceber o sofrimento no bebê pára para refletir o que deveria estar faltando para o seu filho naquele momento. Sua identificação com seu aspecto fácil é suficiente para que o choque seja gerado para promover uma retaliação à condição de observação constatada no momento.

Então o conflito surge para mostrar ao Ser que ele deve fazer algo para que o Objeto tenha a orientação mais adequada para o desenvolvimento do seu encontro libidinal para que a instância de condicionamento do prazer possa ser recomposta conforme a expectativa de AMOR estabelecida como parâmetro para este exemplo. Assim a mãe se angustia em ver dentro de sua fantasia de progenitora o sofrimento de seu filho, e quando da visualização de sofrimento do Outro, o bebê, transfere a angústia para dentro de si, como se transportasse algo que deseja sanar por intermédio do despertar de um aprendizado.

Assim decorre do conflito dentro da formação do relacionamento um quadro de atrito onde o Ser percebe que o Objeto não está enquadrado conforme deveria se desenvolver dentro de sua ilusão primária como um fundamento para que o relacionamento seja firmado. Neste caso a mãe delira como punição ao sofrimento do filho gerando instabilidade gerencial dentro de si suficiente para que a atitude precipite sobre seu consciente e venha à resposta para o sofrimento observado.

Então a afetação do Ser em relação ao Outro (Objeto) cria uma transferência de atributos na visualização ilusória do objeto com o mundo e este com o Ser em que se espera promover uma triangulação de necessidades. A mãe parte para a identificação do sofrimento do filho como um último sopro de identificação que a faz recordar sobre um rol de possibilidades de seu real sofrimento.

Com a etapa seguinte a relativização o Objeto é testado para que o Ser tenha consciência para a justificativa de seu quadro interativo. A mãe intensifica a observação ao criar alternativas para sanar o sofrimento do bebê, primeiro olha suas fraudas, em seguida sua temperatura e observa se a hora de dar a mamada já pode ser motivação para a inquietude do bebê.

Então ocorre um processo de negociação do Ser em relação ao Outro (Objeto) em que existe uma etapa de assentimento como uma doação do vínculo por parte do Ser ao movimento perceptivo do Objeto. Assim a mãe passa a simular conformo com seu bebê, estimula o balançar do berço, conforta, dá carinho, se limita a desencadear a estrutura do amor para ver se o choro do bebê é recompensado com sua presença para retirar da face da criança a situação de desemparo em que se mostra seu sofrimento.

Então o último passo a união é obtida, e a razão verdadeira para a criação do relacionamento é enfim trilhada. A mãe descobre que o bebê necessita ser amamentado e a união decorre do processo de ligar a criança ao peito materno.

Mas, porém, O Outro (Objeto) e o Ser não podem ficar fusionados eternamente na forma de um vínculo sólido, existem outras prioridades na vida do Ser que venha a demandar outras formas de interação e vínculos com outras estruturas objetais. Então a mãe lembra-se que precisa colocar para dormir o seu outro filho mais velho e cuidar para que seu marido tenha o apoio de que necessita para acordar cedo no outro dia para o deslocamento do seu trabalho.

Este é o seu desejo Interno novo aflorando, em que a visualização do Outro Ignorado, antes não percebido pela mãe que somente tinha vínculo com o seu bebê agora é abastecido com a preocupação de gestar a vida de seu outro filho e marido.

Então o Ser é capaz de colher o Desejo do outro, assim como a mãe é capaz de compreender a necessidade dos que dela também venham a necessitar em sua casa.

E cria uma oferenda para estes novos objetos, na forma de uma oferta libidinal de satisfação deste desejo pela captura do narcisismo destes Outros antes não vinculados. Entenda narcisismo dentro deste contexto como o amor próprio destes novos Outros (Objetos) que pode ser negociado como moeda de troca e partilha para a formação de nova instância psíquica de característica relacional.

Então surge a renúncia permanente ou temporária do Objeto antes fusionado, para a criação no novo relacionamento objetal. Assim a mãe renuncia a sua condição de cuidadora do bebê para cuidadora do marido e de seu filho mais velho.

Mas somente isto é possível porque a escala de importância do Objeto anterior é colocada em estala reduzida de importância pela diminuição de seu valor e juízo no momento mais oportuno de sua mudança Objetal.

Então o desligamento ou rompimento do Objeto em que o investimento da libido está condicionado é enfim obtido, para neste exemplo, mãe possa se ligar a outros interesses que dela também venha a depender.

E por fim decorre uma fixação sobre o novo relacionamento estabelecido. Sendo a mãe agora a esposa e a cuidadora do filho mais velho.

E quando o objetivo do Ser estiver satisfeito se procurará Outro Objeto para criar uma nova estrutura relacional. Em que um conteúdo de identificação de necessidade e desejo é determinante para determinar as sequências lógicas dos próximos vínculos que a construção do pensamento é capaz de permear, reproduzir e projetar sobre o Ser e novos Outros que se escalem segundo suas próprias instâncias de manifestação do consciente.

Cabe notar que todas as fases do processo de relacionamento decorrem do mesmo funcionamento e sequência de ordenamento sensorial, às vezes uma etapa não é percebida porque possui um time tão pequeno que sua influência torna-se instintiva ao ponto da não observação de seu estado de inicialização.

Outro adendo é a estrutura multifuncional do esquema de Sacrifício do Encontro Libidinal em que jamais, em condições normais, um sacrifício decorre de um estado de latência funcional em que um Outro não seja objeto de sequestro de identificação e que coexista a situação que o Ser encontre-se isolado em seu ambiente contexto sem que a identificação estabeleça um parâmetro de consulta a outro Ente. Até mesmo no estado de profunda meditação em que o Outro é a representação do Vazio como projeção do objeto sobre a mente.

Para encerrar, o sacrifício do Encontro Libidinal é o ato de desligar-se do Outro sem que o movimento se converta em uma angústia, depressão ou estado de letargia sem que derive para um encontro de um Objeto em que a natureza de sua inicialização egoica gere estados de desprazer como uma estrutura de Encontro não Libidinal como uma correspondência para a formação de um quadro clínico patológico.

**SACRIFÍCIO DO ENCONTRO LIBININAL INSAUT 88**

**O Sacrifício do Encontro Libidinal**

A todo instante nós conectamos nosso corpo com outros elementos dispostos no ambiente por meio de percepção de uma vantagem sensorial que emite prazer em praticá-la, esta fusão do que é notado no ambiente é um mecanismo prazeroso despertado por meio de uma pulsão na forma de uma libido.

Então ao escolhermos um objeto, na figura do Outro, que representa algo externo à estrutura biológica tem-se dos elementos dispostos a estabelecer um contato mais direto na linha proximal de proximidade ambiental.

Sejam assim o Objeto (O outro) e o Ser (Você) estruturas dissociadas de qualquer tipo de vínculo passar a representar para o Ser no ato de absorção da ideia uma instância de conformidade pelo interesse libidinal que pode se adequar, por exemplo, à manifestação do AMOR.

Então a primeira correspondência do objeto no interior do Ser passa a ser uma agregação de valor parental que torna herdeiro um composto egoico que ao encapsular de significado um significante, ou seja, um símbolo cria dentro do Ser o AMOR Objeto como uma representação sucinta do que o Outro venha a representar dentro do indivíduo algo que substancie o seu momento-contexto.

Então o indivíduo passa a abastecer-se de informações sutis na forma de estímulos que desencadeiam subjetividade, através da manifestação de sentimentos, de sensações, de pensamentos, instintos e manipulações de sentidos, tudo isto para formar dentro de si a cristalização de um relacionamento.

Para que o relacionamento venha a se formar é necessário que passe por vários momentos:

O primeiro deles é a Aproximação subjetiva e real do Ser com o objeto. Assim a mãe cheia de amor ao lembrar-se de seu filho bebê no berço, como quem nota a necessidade de cuidar irá de tempos em tempos investir em seu interesse libidinal de manifestar o contato com seu filho em seu quarto.

A percepção vem em seguida como um compromisso mais detalhado de manutenção de uma condição de ação em que um aprisionamento da cena irá fusionar mais intensamente o Ser ao seu Objeto. Então a mãe faz um checkup ao visualizar sua criança no berço com um intuito de verificar que tudo caminha conforme seus procedimentos de rotina.

A somatização surge como um ajuntamento da cena em que desloca o Objeto como núcleo do centro de influência do Ser. Assim, a mãe de nosso exemplo, desloca sua atenção e foco para o perímetro proximal em que se situa o corpo do bebê integrando todos os frames na forma de uma composição sólida a formar um cenário que unifica todo o agrupamento de informações. A mãe é capaz de juntar todos os elementos dispostos ao redor de seu bebê para fazer deles alvo de análise para intuir se tudo caminha conforme o seu aprendizado de mãe.

A problematização é a etapa seguinte em que o indivíduo ao ter a trama sintetizada como um núcleo de pensamento é capaz de refletir sobre quais elementos da rede de informações que está contida dentro do consciente é passível de um interesse mais detalhado e que um nível de concentração energética mais detalhada deve ser canalizado para o setor da análise da tela cinética do intelecto como uma percepção mais apurada em que deva gerar novos insights e formas mais densas de interação. Assim a mãe, integra em sua mente elementos residuais que a fazem notar que algum elemento não deveria estar fusionado conforme sua experiência de vida e ajusta a posição do bebê para que ele fique mais confortável.

O choque é o mecanismo de controle que permite identificar que algo somatizado não procede segundo a experiência e expectativa observada pelo processo de vivência do Ser em relação do Outro introjectado na trama cinética do intelecto. Assim a mãe ao perceber o sofrimento no bebê pára para refletir o que deveria estar faltando para o seu filho naquele momento. Sua identificação com seu aspecto torna fácil e suficiente para que o choque seja gerado afim de promover uma retaliação à condição de observação constatada no momento.

Então o conflito surge para mostrar ao Ser que ele deve fazer algo para que o Objeto tenha a orientação mais adequada para o desenvolvimento do seu encontro libidinal para que a instância de condicionamento do prazer possa ser recomposta conforme a expectativa de AMOR estabelecida como parâmetro para este exemplo. Assim a mãe se angustia em ver dentro de sua fantasia de progenitora o sofrimento de seu filho, e quando da visualização de sofrimento do Outro, o bebê, transfere a angústia para dentro de si, como se transportasse algo que deseja sanar por intermédio do despertar de um aprendizado.

Assim decorre do conflito dentro da formação do relacionamento um quadro de atrito onde o Ser percebe que o Objeto não está enquadrado conforme deveria se desenvolver dentro de sua ilusão primária como um fundamento para que o relacionamento seja firmado. Neste caso a mãe delira como punição ao sofrimento do filho gerando instabilidade gerencial dentro de si suficiente para que a atitude precipite sobre seu consciente e venha à resposta para o sofrimento observado.

Então a afetação do Ser em relação ao Outro (Objeto) cria uma transferência de atributos na visualização ilusória do objeto com o mundo e este com o Ser em que se espera promover uma triangulação de necessidades. A mãe parte para a identificação do sofrimento do filho como um último sopro de identificação que a faz recordar sobre um rol de possibilidades de seu real sofrimento.

Com a etapa seguinte a relativização o Objeto é testado para que o Ser tenha consciência para a justificativa de seu quadro interativo. A mãe intensifica a observação ao criar alternativas para sanar o sofrimento do bebê, primeiro olha suas fraudas, em seguida sua temperatura e observa se a hora de dar a mamada já pode ser motivação para a inquietude do bebê.

Então ocorre um processo de negociação do Ser em relação ao Outro (Objeto) em que existe uma etapa de assentimento como uma doação do vínculo por parte do Ser ao movimento perceptivo do Objeto. Assim a mãe passa a simular conformidade com seu bebê, estimula o balançar do berço, conforta, dá carinho, se limita a desencadear a estrutura do amor para ver se o choro do bebê é recompensado com sua presença para retirar da face da criança a situação de desamparo em que se mostra seu sofrimento.

Então o último passo a união é obtida, e a razão verdadeira para a criação do relacionamento é enfim trilhada. A mãe descobre que o bebê necessita ser amamentado e a união decorre do processo de ligar a criança ao peito materno.

Mas, porém, O Outro (Objeto) e o Ser não podem ficar fusionados eternamente na forma de um vínculo sólido, existem outras prioridades na vida do Ser que venha a demandar outras formas de interação e vínculos com outras estruturas objetais. Então a mãe lembra-se que precisa colocar para dormir o seu outro filho mais velho e cuidar para que seu marido tenha o apoio de que necessita para acordar cedo no outro dia para o deslocamento ao seu trabalho.

Este é o seu desejo Interno novo aflorando, em que a visualização do Outro Ignorado, antes não percebido pela mãe que somente tinha vínculo com o seu bebê agora é abastecido com a preocupação de gestar a vida de seu outro filho e marido.

Então o Ser é capaz de colher o Desejo do Outro antes ignorado, assim como a mãe é capaz de compreender a necessidade dos que dela também venham a necessitar em sua casa.

E cria uma oferenda para estes novos objetos, na forma de uma oferta libidinal de satisfação deste desejo pela captura do narcisismo destes Outros antes não vinculados. Entenda narcisismo dentro deste contexto como o amor próprio destes novos Outros (Objetos) que pode ser negociado como moeda de troca e partilha para a formação de nova instância psíquica de característica relacional.

Então surge a renúncia permanente ou temporária do Objeto antes fusionado, para a criação no novo relacionamento objetal. Assim a mãe renuncia a sua condição de cuidadora do bebê para cuidadora do marido e de seu filho mais velho.

Mas somente isto é possível porque a escala de importância do Objeto anterior é colocada em estala reduzida de importância pela diminuição de seu valor e juízo no momento mais oportuno de sua mudança Objetal.

Então o desligamento ou rompimento do Objeto em que o investimento da libido está condicionado é enfim obtido, para neste exemplo, mãe possa se ligar a outros interesses que dela também venha a depender.

E por fim decorre uma fixação sobre o novo relacionamento estabelecido. Sendo a mãe agora a esposa e a cuidadora do filho mais velho.

E quando o objetivo do Ser estiver satisfeito se procurará Outro Objeto para criar uma nova estrutura relacional. Em que um conteúdo de identificação de necessidade e desejo é determinante para determinar as sequências lógicas dos próximos vínculos que a construção do pensamento é capaz de permear, reproduzir e projetar sobre o Ser e novos Outros que se escalem segundo suas próprias instâncias de manifestação do consciente.

Cabe notar que todas as fases do processo de relacionamento decorrem do mesmo funcionamento e sequência de ordenamento sensorial, às vezes uma etapa não é percebida porque possui um ***time***tão pequeno que sua influência torna-se instintiva ao ponto da não observação de seu estado de inicialização.

Outro adendo é a estrutura multifuncional do esquema de Sacrifício do Encontro Libidinal em que jamais, em condições normais, um sacrifício decorre de um estado de latência funcional em que um Outro não seja objeto de sequestro de identificação e que coexista a situação que o Ser se encontre isolado em seu ambiente contexto sem que a identificação estabeleça um parâmetro de consulta a outro Ente. Até mesmo no estado de profunda meditação em que o Outro é a representação do Vazio como projeção do objeto sobre a mente.

Para encerrar, o sacrifício do Encontro Libidinal é o ato de desligar-se do Outro sem que o movimento se converta em uma angústia, depressão ou estado de letargia sem que derive para um encontro de um Objeto em que a natureza de sua inicialização egoica gere estados de desprazer como uma estrutura de Encontro não Libidinal como uma correspondência para a formação de um quadro clínico patológico.

Autor: Max Diniz Cruzeiro

**PRINCÍPIO DA URBANIDADE INSAUT 94**

Há mais de 2.000 anos atrás veio um homem que nos ensinou a não tacar pedras em mulheres, e quiçá em outro homem. Quem será o primeiro a quebrar este preceito?

Por que é mais fácil tentar destruir e aniquilar em vez de tentar consertar o que está errado? Vocês foram condicionados a acreditar que toda a influência em suas vidas é de responsabilidade de um lider, enquanto a verdadeira responsabilidade para alcançar os seus objetivos está inserida dentro de você mesmo.

Mesmo que um lider seja amado ou querido se as vontades individualizadas não fizerem cada uma sua parte seu governo será inoperante. Mesmo que um líder seja odiado e temido, se as individualidades são capazes de perceber o momento de progresso haverá entendimento e desenvolvimento para todos.

De que adianta você proclamar para si mesmo um ressentimento de uma “situação” generalizada de corrupção se você pratica dentro de sua casa pequenos atos falhos neste sentido, quando estes fatos são geradores de descaminho, quando procura tirar vantagem nas pequeninas coisas para passar a perna em quem está batalhando também igual a você pelo consumo.

Quando uma crise se instala falta URBANIDADE. Os tratamentos entre outros seres ficam deteriorados porque você se condiciona a um raciocínio massificado em que sua razão de existir é garimpar informações que te deixarão cada vez mais perplexo e estupefado tornando-se uma métrica do agir.

Porque este é o tipo de alimento que você está acostumado a alimentar. Em vez de alimentar daquilo que irá te tirar do “inconformismo” que você passa a perseguir em sua mente.

Toda transformação positiva e consciente decorre de atos reflexivos do dia a dia. Se você tiver a sua disposição algo que possa contribuir para elevar o espírito e a integridade humana, por mais pequenina que seja sua atitude já é suficiente para que o preceito de urbanidade possa ser construído.(Max Diniz Cruzeiro – Neurocientista Clínico, Psicopedagogo Clínico e Empresarial – [www.lenderbook.com](http://www.lenderbook.com))

**VICISSITUDES DA FORMAÇÃO DO PSICANALISTA INSAUT 95**



**Vicissitudes da Formação de um Psicanalista**

Presentes na mesa:

**Miriam Ritter**

Presidente da SPBsb

**Nilde Jacob Parada Franch**

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

**Carlos de Almeida Vieira**

Diretor do Instituto de Psicanálise VLB

***Vicissitudes*** – São aspectos mutáveis ou que expressam diversidade de elementos que colaboram com alternativas para um algo definido em que um fator temporal esteja presente e seja agente desta métrica de mudanças. Como ente variante ele permite a geração de dualidade e ambiguidade quando serve de fator de comparação entre atributos distintos. Por esta razão pode ser um laço criado para manifestar o retorno de um processo na forma de um revés a uma característica passada que se torna forte e operante em um dado momento, como também representar uma eventualidade ou acaso no qual os aspectos se comportam na geração de informações sobre um todo integrado.

O Psicanalista e Diretor Carlos de Almeida Vieira, cita a obra de Affonso Romano Sant’anna – Canibalismo Amoroso – como um convite harmonioso para um desaprender da lição como frisa o autor que é preciso elaborar na idade em que se ensina o que se sabe, como também existe uma fase distinta percebida na forma de outra idade que se ensina o que não se sabe.

O canibalismo é um traço em nossa cultura, mas muito significativo do que se pensa, tendo gerado até movimentos estéticos vanguardistas na Europa e no Brasil no princípio do século. Não é à toa eu o cristianismo é tido como representante, no Ocidente, da ordem canibal ancestral.

...

A literatura pode ser tomada como um reservatório do imaginário social. Poemas e romances são uma dramatização das pulsões coletivas. Pode-se entender o texto, na verdade, como uma variante do mito e do sonho. O texto literário é um sonho coletivo, como demonstram os “best-sellers”.

**Affonso Romano Sant’anna**

Carlos afirma que o aprendizado é um processo contínuo e por esta razão é preciso aprender, com maior saber possível.

A Psicanalista Nilde Jacob identificou o forte papel do SPBsb na formação continuada de 823 analistas em que a Sociedade de Psicanálise de Brasília – SPBsb – conta com uma gama de mais de 20 cursos para todos que desejarem seguir o caminho psicanalítico. A educadora frisa que o conhecimento é infinito e a formação é uma forma de estar em sintonia com os valores e o aprendizado para transformar pessoas em verdadeiros cidadãos integrados na sociedade tanto da noção de imersão do paciente no meio social, como também dos atributos de integração do analista como peça de transformação do aprendizado absorvido durante o processo de formação.

Mas o que leva alguém a buscar a trilhar este caminho? Os fatores são múltiplos e sua ideação nunca chega ao fim. O primeiro psicanalista Sigmund Freud nasceu em 6 de maio de 1856 na cidade de Freiburg in Mähren – na época pertencente ao Império Austríaco, e hoje em 2015 atual República Tcheca e aos 4 anos de idade veio a migrar para a cidade de Viena. Seu pai era um comerciante de lãs, e seu a Avô e Bisavô foram Rabinos, imerso em uma família de grande cultura Freud conseguiu desenvolver uma importante formação humanística. Antes dos 17 anos Já havia lido o livro Rei Édipo – Sófocles – e seu interesse pela literatura trazia um profundo questionamento de vida que facilitou seu egresso na Universidade de Viena.

O jovem Freud demostrava uma enorme curiosidade sobre os processos que levavam a percepção das emoções humanas, também não menos importante uma paixão bastante acolhedora para tudo que representasse a antiguidade clássica, que acentuou o seu gosto por coleções de antiguidades. Assim, precocemente já estava predestinado como um arqueólogo da mente humano, pois sobre seu arcabouço conceitualista estava sua posição convergente para observar os fenômenos sociais de sua época, na forma que o homem construía sua arqueologia e da observação dos processos que a mente humana utilizava para criar o momento comportamental social.

Então este primeiro psicanalista fabricou dento de si a condição primária para a análise que é o manter-se atento ao desencadeamento dos conflitos, na busca do entendimento através da leitura, a observação das vivências como insumo didático do ensinamento que se incorpora ao ser humano e que não pode ser simplesmente desprezado, tudo isto colaborou para que a construção de sua identidade gerasse uma sintonia de propósito de vasculhar a alma humana para encontrar as respostas de suas profundas inquietudes sobre a mente humana.

Na esperança de ser ajudado a compreender o ser humano em toda sua plenitude, Freud escreveu para seu amigo Pfister mais de 300 cartas em um espaço bem curto de tempo. Freud bem cedo aprendeu a enfrentar a dor de se expor, e utilizava como método a articulação das ideias seguida de profundas reformulações toda vez que sentia um avanço do pensamento descrito anteriormente, esse não medo de se expressar muito contribuiu para a geração dos seus insights de que era necessário a autoexposição de fatos para que as pessoas compreendessem a si mesmas na forma de uma livre associação que conduziria pessoas para a cura de suas aflições mais profundas.

Se as vivências são tão importantes para a compreensão humana o contato de Freud com a Literatura, em especial Dom Quixote – Miguel Servantes (1605) – o introduziram no aprendizado do espanhol para melhor compreensão da obra que lhe despertou grande interesse analítico.

DON QUIXOTE, nobre cavaleiro da Mancha, amigo e protetor dos sofredores, amante da imortal Dulcinéia del Toboso e dono do fiel Rocinante: cobre teu rosto com ambas as mãos para que não se note sua vergonha ante a ofensa que acabam de infligir-te; porque nunca te ofenderam tanto como hoje, trezentos anos depois daquele dia inesquecível em que abandonaste pela primeira vez tua casa e teus amigos para percorrer o mundo em defesa da justiça e para fazer ressuscitar a fama eterna da cavalaria andante.

**Rodolf Rocker (1905)**

Acontece muitas vezes ter um pai um filho feio e extremamente desengraçado, mas o amor paternal lhe põe uma peneira nos olhos para que não veja estas enormidades, antes as julga como discrições e lindezas, e está sempre a contá-las aos seus amigos, como agudezas e donaires.

**Miguel de Cervantes (160)**

A construção do pensamento de Freud não foi bem recebida dentro de uma linha de pensamento tolerante, ainda jovem aos seus 42 anos Freud quando expôs o caso de analítico de uma paciente conhecida como Anna O. ao completar sua explanação fora recebido com total indiferença pela percepção de um silêncio aterrador seguido de vaias, consternação e abandono por parte dos médicos do ressinto acadêmico em sinal de profunda indignação com os estudos de Freud.

Inteligente e atraente, Anna O. apresentava sintomas profundos de histeria, incluindo paralisia, perda de memória, deteriorização mental, náuseas e distúrbios visuais e orais. Os primeiros sintomas apareceram quando ele cuidava do pai, que sempre a mimara e estava morrendo. Dizem que ela nutria por ele uma espécie de paixão.

**(Ellenberger, 1972, p. 274).**

A perda da estima levou Freud a um profundo isolamento por 10 anos seguidos, assim, o livro Dom Quixote serviu de apoio na construção de sua subjetividade. Embora era pensado como um louco, ele se identificou com o lado do desprezo e passou a perceber a vida pela capacidade de absorver ataques, mas sobretudo ser capaz de manter o senso de ética e a coerência de seu propósito de vida em desvendar os segredos do psicológico humano.

Em Johann Wolfgang von Goethe, nascido em 22 de março de 1832 em Frankfurt am Main – Alemanha – encontrou a forma mais adequada de inspirar a lógica de transcrição de seus escritos.

A gente humilde do lugar já me conhece e estima, sobretudo as crianças. A princípio, quando os abordava e interrogava, amigavelmente, a respeito disto ou daquilo, alguns, supondo que era para troçar deles, me repeliam rudemente. Eu não me agastava; porém, isso fez-me sentir mais vivamente a verdade de uma observação por mim muitas vezes feita. As pessoas de condição elevada mantem habitualmente uma fria reserva para com a gente comum, só pelo temor de diminuir-se com essa aproximação. Além disso, há os imprudentes que só fingem condescendência para melhor ferir, com seus modos arrogantes, a gente humilde.

**Johann Wolfgang von Goethe (1774) - Os Sofrimentos do Jovem Werther**

Assim o desenvolvimento de sua literatura muito contribuiu para enriquecer suas vivências, bem como a absorção da cultura por meio do teatro foram possíveis decifrar os enigmas da condição humana.

Freud sentia um encantamento profundo pelas obras de William Shakespeare, nascido em 23 de abril de 1564 na cidade de Stratford-upon-Avon, Inglaterra, em que elementos profundos da psique humana como inveja, ciúmes, transferência, egoísmo, desejos, sentimentos da alma foram profundamente encenados como condições de formação do humor e do modo de representação da vida na lida com tais atos.

A peça teatral que mais chamou a atenção de Sigmund Freud, constatado através de registro de cartas em que Freud encaminhava recomendando a trama de 5 atos sendo a segunda peça teatral mais extensa de Shakespeare para seus amigos, familiares e sua noiva fora Ricardo III pela capacidade de representar o aspecto sanguinário presente dentro do arcabouço da ideação humana.

Para Freud o vilão imaginário que difere do personagem público de sua época como os fatos narrados da trama foram construídos, é a representação assintótica do comportamento vulgar comum a todos os seres humanos em que a percepção de nossas obsessões pela vida nos toram vilões pela observação de nossas desvantagens congênitas e passamos a perseguir um imaginário de bem querer a nós próprios que nos fazem acreditar pelo aprendizado o desejo interno por uma reparação que a presença deste narcisismo interno que nos afeta a realçar o que entendemos como belo dentro de nós a vantagem reparadora pelos atos que não nos satisfazem no repercutir de uma vida associativa com outros seres. Portanto uma coisa é como se verdadeira mente é, e outra, como somos capazes de nos percebermos ao estarmos inseridos no mundo.

***Ricardo (Duque de Glucester) Oxalá fossem, para eu neste instante morrer, porque eles me matam agora de uma morte viva. Esses teus olhos arrancaram dos meus lágrimas amargas, envergonharam-lhes o aspecto com uma chuva de gotas infantis; estes olhos, que nunca derramaram uma só lágrima de remorso. Nem quanto meu pai York e Eduardo coraram ao ouvir o queixume plangente que Rutland soltou quando o negro Clifford o trespassou com a espada, nem quando o teu belicoso pai, como criança, contou a triste história da morte de meu pai, e vinte vezes parou soluçando e chorando, de tal guisa que toda a companhia tinha as faces molhadas como árvores desfeitas pela chuva. Naquela hora triste meus olhos viris desprezaram até uma humilde lágrima. E o que estas penas não lograram causar, logrou tua formosura, e como o próprio choro os cegou. Nunca supliquei a amigo, o inimigo, minha língua nunca experimentou suave e lisonjeira fala, mas eis que tua formosura é o reino que eu desejo, o meu orgulhoso coração suplica, e força a minha língua a falar. (Ela olha para ele com escárnio) Não ensines a teus lábios escárnio tal, porque foram feitos, senhora, para beijar, e não para tal desdém. Se teu coração, prenhe de vingança, não pode perdoar, aqui está, entrego-te esta espada de ponta afiada, para que a enterres, se te apraz, neste peito leal, e deixa partir a alma que te adora, expondo-o nu ao golpe mortal e de joelhos, humilde, te imploro a morte. (Ajoelha-se descobre o peito, oferece-o ao mesmo tempo que a espada) Não, não hesites, porque eu matei o Rei Henrique, mas foi a tua formosura que a tal me conduziu. Vá, depressa, fui eu que apunhalei o jovem Eduardo, mas foi o teu rosto celestial que a isso me forçou. (Ela deixa cair a espada) Levanta a espada, ou levanta-me a mim.***

***ANA – Ergue-te, homem enganador. Embora eu deseje a tua morte. (Ele levanta-se) Não serei eu o teu carrasco.***

***RICARDO (Duque de Gloucester) – Ordena então que eu me mate e fá-lo-ei.***

***Ana – Já odenei.***

***William Shakespeare – Ricardo III***

O mundo respira maldade, como se pode extrair da obra de Shakespeare – Ricardo III – então o homem utiliza de artifícios para a justificativa de seu comportamento social, e, sob a ótica da vida de Ricardo III idealizado por Shakespeare o comportamento da pessoa pública foi fortemente moldada pela influência em sua vida compartilhada com mais 11 irmãos. Em que a retórica pela busca do poder era parte de sua constituição psíquica. Será que Ricardo III, não da obra Shakespeariana, mas o da vida real teria condições de fugir do seu determinismo pela busca do poder diante de seu destino? Onde estaria imerso o seu livre arbítrio em demonstrar uma postura-identidade sobre sua personalidade em exercer o seu livre arbítrio por um comportamento diferente do seu ideal esperado?

Falhas no condicionamento psíquico têm motivos válidos e determinados por motivos inconscientes. Talvez este seja o grande insumo que as representações literárias foram capazes de transmitir a Freud para que ele gerasse toda uma teoria analítica que servisse para a melhor compreensão dos seres humanos.

A motivação consciente não se estende por todas as nossas decisões, o destino do ser humano está legado mais a sua capacidade de projetar escolhas e seguir um caminho que melhor represente o seu espaço interior.

A curiosidade, a tenacidade, o interesse pelos sentimentos humanos, os fatores expositivos, as palavras com clareza, as palavras que denotam deformidades, a coragem para mudar o que personalidade se manifesta em estado de inquietação, são atributos que podem ser extraídos como formadores de insumos em que os mecanismos de análise utilizaram para a compreensão da percepção humana.

Não menos importante também se apresenta na forma de motivação, dos fatores de personalidade ambiental, no modo que nós tomamos as discussões, torna capaz de fazer com que a compreensão do ser humano seja ampliada e diversificada.

As escolas privilegiam geralmente ângulos de visão muito vastos, outras porém procuram segmentar visões ao longo de eixos centrados em aspectos específicos com foco em algumas estruturas de comportamento conforme o aprendizado de alguns doutrinadores chaves. Estas últimas tentam criar sobre os aprendizes uma interdisciplinaridade em vez de alçar voo por um espaço mais complexo da intradisciplinaridade. Convém lembrar que para o intrapsíquico nós agregamos o pessoal.

O estudo do bebê, por exemplo, na formação com a mãe, na percepção da dupla, as condições psíquicas de um e de outro vão se aproximando e convivendo. Diante do parágrafo anterior, é fato que o foco central dentro do inter-relacionamento doutrinário leva os praticantes do saber a centrar seus esforços dentro de uma linha de argumento teórico que traduz uma perspectiva em que a profundidade teórica é obtida pela incorporação dos valores observacionais do arcabouço observacional. Enquanto o trabalho intradisciplinar iria verificar a disparidade entre os diversos métodos que afetam a percepção do olhar teórico em face da representação da subjetividade acadêmica.

A personalidade do analista é moldada para canaliza as condições psíquicas do analista, pela análise pessoal, os estudos teóricos, as contribuições vivenciais,... A formação garante que um analista passe a enfrentar as condições de trabalho clínico, a desenvolver sua capacidade emocional, a visualizar suas armadilhas egoicas que atrapalham o entendimento, a contribuir para a geração de insights necessários para a análise propriamentemente dita sobre o processo e suas vivências na própria instituição.

A análise de formação é longa e traz uma sequência para a criação de autossuficiência de base transformadora e condizente com o tamanho do conhecimento que necessita ser adquirido.

O fato é que quando uma pessoa se projeta sobre a análise ela se depara com constituintes psíquicos que levam os aspectos cognitivos a manifestarem a ganância, o egoísmo, excentricidade, ressentimentos, tudo de forma aflorado como os verificados na obra Shakespeariana Ricardo III razão que lidar com a temática da absorção para eliminação do conflito requer que o sentido do trabalho analítico faça valer apena a percepção da vida.

Então é conveniente perceber que a análise pode ser visualizada através de duas normas: a esfera didática; e, a esfera de tratamento. A percepção da análise é uma só, o empenho na análise didática é obtido graças a frequência na visualização das situações-problemas porque sobre elas existe o registro de fortes interpolações de resistências como algo inconsciente. Porque o que não gostamos em nós mesmos, nós queremos mudar.

Portanto escutar alguém que está na busca em sua queixa cotidiana para uma transformação positiva de sua vida todos os dias, torna mais fácil compreender os mecanismos de afetação que desencadeiam as situações de inconformidade com o modelo de vida adotado por uma pessoa que busque auxílio.

É preciso construir na análise uma identidade aos pares, em que o paciente passe a trabalhar com sua significação das coisas de forma livre e ao mesmo tempo construir a intensidade e os aprofundamentos necessários para o seu desenvolvimento pela elevação do grau de confiança e receptividade para com o analista, que levará o paciente a visualizar a construção de seu pensamento que devolverá a essência para uma vida mais centrada em abstrações e subjetividades que irão conduzi-los a estados de prazer e satisfação mais recorrentes em sua vida.

Convém lembrar que o analista não é um interprete do paciente. O analista também sente as percepções físicas de seu paciente, sobre este é desencadeado fleches de percepções oníricas que muito contribuem para o direcionamento do olhar do paciente que o irá auxiliar a voltar o olhar para si mesmo e encontrar por si próprio de forma mais rápida as soluções para suas aflições que tanto ele procurava. Então no consultório são duas mentes que estão em comunicação o tempo todo, através de vivências não verbais.

Para exemplificar a Analista Nilde Jacob transcreve a história de um paciente que tinha como aspecto laboral em sua vida fazer laudos em um centro médico que a procurou por estar com uma mente com bastantes conflitos. Ao se deitar no divã, o paciente encontrava-se em estado incompreensível, sua mente projetava sua fala através de murmúrios da manifestação enigmática de seu pensamento. Com o tempo, o alívio e relaxamento do paciente o induziram a manifestar de forma corrente sua fala.

Quando a analista precisou mudar o endereço do seu consultório, nas primeiras sessões o paciente voltou a tornar o processo de comunicação na forma de murmúrios, o que levou o analista a manifestar um fleche onírico sobre sua psique.

O insight levou a analista a manifestar sua apreensão do fato intransponível do aspecto da comunicação entre as partes, então o paciente sai de seu estado alterado para explicar no seu devido tempo de maturação com a convivência com o analista, que durante muito tempo passava horas a observar diante do chuveiro reflexos de fumaça reproduzidos pelas gotículas do chuveiro quente.

Uma outra vida se abria para este paciente que visualiza na projeção da ideia onírica uma outa vida, mais intensa, com outras pessoas, em que um mundo mais agradável se abria para ele. Em que os espaços infantis revelaram um momento passado de sua vida quando ainda muito criança os seus pais ganharam bolsas de estudo e formam morar no exterior.

Sua vaga lembrança levava a crer que o seu olhar sombrio e enigmático da partida dos seus pais em um ambiente doméstico para a vida acadêmica em que a língua estranha e sua face grudada na tristeza de uma janela condensada por flocos de neve remetia a uma profunda sensação de angústia pela separação dos pais por um longo momento em que o sentido de desamparo se fazia presente sobre aquela criança que somente tinha a compreensão de seus pais no advento da comunicação quando eles se deslocavam para a faculdade.

Como você pode reparar foi necessário despertar a vivência para que o fato do sofrimento presente fosse completamente compreendido que estava oculto do consciente daquele paciente. A lembrança da situação é o avanço da análise. Em que as vivências da criança de muita angústia foram geradas em uma época que a representação simbólica dela não estava formada de forma verbalizada e ideográfica, que de certa forma passaram a representar no analista na forma de uma percepção de transferência onírica. Neste processo o analista está profundamente afetado e envolvido no processo de conhecimento de seu paciente ao ponto do despertar do interesse do analista projetar a peça da construção do problema que servirá como alavanca que irá promover a recordação intensa do paciente.

Os analistas devem ser sensíveis para as possibilidades do analisando em torno de si mesmo. É necessário ao analista perceber o limite do seu paciente e o ritmo desejado por ele mesmo em torno de seu progresso de interpretação da reconstrução psíquica. A defesa do analista não é uma condição ruim, mas tem que criar a disposição para ver aquilo que contribui para o progresso do paciente.

A precipitação do analista gera impasse na percepção da análise, gerando resistência do paciente, o que rompe a relação humana entre paciente e o analista. O analista necessita criar uma capacidade de espera para que a intervenção decorra de um processo natural em que o paciente esteja preparado para o seu próprio despertar. Deve o analista trabalhar com uma capacidade de projeção negativa de coisas que percebe sobre seus pacientes, para esperar o momento exato de prestar o auxílio que ele tanto dependa e a condição favorável da introdução enigmática da pergunta possa conduzir o paciente a verbalização da solução de seu conflito.

Não existe uma regra geral, têm pessoas que se focam na análise e não seguem um movimento disperso em torno do saber.

Tinha uma época que se dizia para não pegar o bebê no colo porque ele iria ficar mal acostumado, no processo de análise a dependência é um algo relativo em que converge para uma maturação aos pares (entre analista e paciente). O importante da análise é ver a dependência quando é necessária para a promoção do tratamento. Por outro lado quando está presente um aspecto de simbiose, a sua existência decorre da visualização de uma relação patológica que necessita ser trabalhada durante o ato de análise.

O ideal é o tempo em que um ou outro esquece a relação analista-paciente e os pares passam a se enxergar como iguais (Didata e Candidata). Para que este estado de desambiguação seja construído é necessário haver frequência de trabalho e um tratamento inicial requer no mínimo 4 consultas semanais, porque assim como um estudioso de piano necessita exercitar sua mente para a perfeição no piano, também o é o paciente que busca aprimorar para tocar sua alma na construção daquilo que irá devolver a canção harmônica de sua identidade. E a construção quando interrompida de forma muito espaçada trás sobre o paciente a situação-problema de memorização de suas angústias reduzindo suas chances de sucesso no tratamento pela inabilidade de representar o seu estado de angústia presente, mas um modelo histológico de seus sofrimentos dificultando o trabalho do analítico e os fatores que necessitam ser trabalhados de forma exaustivas que foram acumulados no decorrer da semana.

O número de sessões vai depender da gama de elevação do entendimento que um e outro indivíduo quer absorver sobre si mesmo. É necessário visitar as áreas da personalidade para chegar dentro do equilíbrio didata do processo aso pares. Trabalhar em profundidade inclusive por sobre os fenômenos transferenciais é algo muito complexo.

Uma análise tem uma dimensão muito grande em torno de um eixo científico-artístico. A psicanálise é uma arte de viver que para se tocar uma vez por semana não irá contribuir para a lapidação que irá projetar uma bela canção ao tocar a alma humana no sentido do progresso sensorial.

**O CONFLITO DE CIBELE INSAUT 97**

O Conflito de Cibele

No planeta Cibéria, da constelação de Órion, mais precisamente do quadrante onde se encontra o sistema binário de Sírus B, uma moça chamada Cibele necessitou de cuidados especiais por causa de uma afetação em sua mente que a impossibilitava de recuperar sua visão.

Na cidade de Temiurgo nasceram da família de Salerno três filhos gêmeos que tiveram suas excitações cerebrais controladas desde criança para que pudessem cada qual fazer parte de uma linhagem de sábios.

O primeiro filho a sair do ventre da sua mãe foi Médici e sobre ele acionaram os equipamentos que o conduziram para as práticas da medicina.

O segundo filho foi chamado de Dagogo e sobre ele os equipamentos fizeram convergir após a sua adolescência para o ensinamento das psicologias ligadas ao aprendizado.

O terceiro filho, Psiquê, teve o desenvolvimento cerebral orientado artificialmente para os estudos da mente humana.

Quando Cibele tinha exatamente 18 anos estava inclinada a corrigir sua visão através de um dos três métodos de correção artificial que nossos equipamentos possibilitavam a recomposição neural de uma patologia.

Então Cibele foi levada para o encontro dos três sábios e cada qual expôs seu método de tratamento que sinalizasse a cura ao final.

Médici tinha como resposta para as aflições de Cibele a introdução de pílulas que continham em seu núcleo nanoestruturas reparadoras, que além da retirada dos sintomas iria criar um eixo mnemônico histórico no cérebro de Cibele que a possibilitaria fazer a reconexão de todas as suas memórias visuais não adquiridas em cada tempo de seu desenvolvimento.

Para Dagogo, o processo seria a introdução de um sistema de propulsão de raios que entrariam sobre o cérebro de Cibele e refaria as conexões cerebrais em que um conjunto de sessões de aprendizado iria acoplando a informação histórica a um meio artificial que introduzisse externamente através de um monitor a percepção ocular da imagem que ela não havia processado enquanto não conseguia enxergar.

Pisquê propôs um método diferente de imersão do pensamento, em que eletrodos eram depositados em sua mente, e a conexão de Cibele com Psiquê era estabelecida com o propósito transferencial em que as apreensões de Cibele eram fortalecidas por suas descobertas voluntárias que ela iria fazer sobre as percepções visuais que conseguia captar em ambiente virtual fabricado artificialmente da junção do equipamento com o sábio e Cibele.

A ética de Médice não permitia que Cibele ao narrar sua debilidade fosse capaz de refletir sobre a construção de seu pensamento, pois para Médici era a medicina a responsável pelas consequências do tratamento que afetassem a paciente.

Por outro lado a Ética de Dagogo permitia fazer intervenções sobre a vontade o paciente, corrigindo tudo aquilo que ele considerasse eficaz para interpretar a sua conduta e transformar o tratamento em um sucesso que representasse um caminho científico cuja performance trouxesse grande desempenho para a paciente.

Porém a Ética de Psiquê em hipótese alguma permitia que a recomposição cerebral de seus pacientes fosse doutrina por outra pessoa, senão que partisse exclusivamente da vontade do indivíduo que veio no auxílio pela busca do tratamento.

Mas o tempo de cura de Cibele estava acabando, e ela não tinha conhecimento suficiente para influir sobre si mesmo para escolher o tipo de tratamento mais eficaz que iria conduzir sua existência a plenitude de sua felicidade no futuro.

Qual seria o melhor caminho? Ela sabia que os três sábios tinha cada qual sua razão dentro do sentido Ético que sua ciência havia fabricado, porém não podia mesclar um conceito de cada um deles, porque sua escolha estava fadada ao sucesso apenas no determinismo de uma das situações expostas.

Quando ela se colocava diante de uma das ciências parecia acertado a sua conduta em seguir sua história de vida inclinada dentro daquela linha de raciocínio, porém quando escolhia outra lógica de raciocínio também a coerência metodológica era estabelecida.

Não sabia ela que sua indecisão iria transformar sua vida para sempre, porque nos equipamentos de Cibéria não teriam mais condição de tornar irreversíveis o seu confinamento do não refletir de sua visão do mundo que a cercava.

Então Médici entrou com um pedido de ação cautelar que o autorizava a aplicar o seu método sobre a paciente antes que o prazo dela vencesse, igualmente assim fizeram Dagogo e Psiquê com o intuído de mostrar para o conselho que também estavam certos dentro de seu raio de ação.

Cibele confusa temia pelo seu futuro, da vida projetada, da vida tutorada pela projeção de um outro, ou da vida que sua ideação de projeção indicava ser a mais certa a seguir como uma nova estrutura de vida.

Ela sabia que sua escolha seria um caminho sem volta. Que dependendo do modo que refletisse sua vida jamais poderia encontrar a felicidade que tanto encontrava.

E quando os três sábios foram colocados diante do conselho cada qual dentro de sua construção retórica partiu para o ataque simultâneo do sábio que detinha a palavra. Porque a ética de um afetava o equilíbrio da ética dos outros dois.

Os argumentos foram sendo encadeados, e chegou-se a um ponto que os três irmãos não conseguiam mais se olhar e não conseguiam mais se perceberem como sendo membro de uma única família.

Enquanto não chegavam a uma conclusão, o tempo de Cibele cada vez mais confusa se esgotava. Até chegar a hora que o relógio pronunciou em voz alta que o tempo de conversão ocular de Cibele já estava esgotado e que nenhum dos tratamentos seria suficiente para que fosse devolvida a visão da paciente.

Cibele entrou em profunda angústia e depressão, pois sabia que sua falta de conhecimento em se inclinar para um dos tratamentos havia condenado sua inspiração em ver o mundo de forma definitiva.

Então Cibele revoltada inclinou-se a corte que proferisse uma decisão que compensasse o seu martírio para implicar aqueles três grandes sábios que não tiveram o entendimento suficiente entre eles para que seu sofrimento fosse compensado.

Assim a corte achou legítimo que fosse feito um condicionamento nos trigêmeos pelo péssimo comportamento em disputar a atenção na forma de tratamento da moça.

E a Médici foi incorporado à demência de enxergar o outro não como um igual… para qualquer tipo de tratamento que dependesse dele.

E a Dagogo foi incorporado à demência de enxergar apenas o outro dentro de si mesmo impedindo que ele reconquistasse o direito de perceber a sua própria individualidade.

E por fim a Psiquê foi atribuído à demência de enxergar o isolamento da virtuosidade do outro que está ao seu lado.

Sim esta foi à decisão do júri, todos cegos até que aparecesse um sábio que lhes ensinasse a como se comportar como irmãos,... E devolvesse através de outra técnica a visão a Cibele.

LenderBook Company

**TROLL INSAUT 101**

Troll

Os Trolls surgiram no planeta Asgarde como uma horda apta para a geração de conflito. Seus impulsos ou frequências cerebrais foram constituídos para tirar pessoas de suas zonas de conforto, para que seus encapsulamentos psíquicos fossem quebrados para serem ajustados em um modelo neural mais próximo de seu desejo interno.

Os Asgardes disseminaram tais guerreiros por quase todos os sistemas, eles detém habilidades psíquicas de grande relevância, como sintetizar a voz, o pensamento, migrar pensamentos para outros indivíduos na percepção desejada, retirar pessoas do comodismo psicológico, convencer o indivíduo a sair de sua zona de conforto estando ele infeliz, estar além da justiça, da ordem e das consequências afetas aos outros seres.

Conta a lenda que um Troll desembarcou no planeta Cibéria na Constelação de Órion do Sistema Binário de Sírius B com a intenção de localizar pessoas para serem troladas (ato de perseguição do pensamento do Troll).

Chegando lá encontrou um mundo bem receptivo e organizado. O Troll foi convidado para se dirigir até o conselho do planeta para que fosse ouvido dentre as suas inúmeras funções.

A reunião com o Troll derivou o conhecimento de perseguição que as atividades dos Trollanos eram malvistas em várias partes da via láctea.

Faça amizade com um Trollano e seja malvisto por sua sociedade em áreas de colonos, porém terá um amigo verdadeiro por toda a eternidade.

Os Trolls sofrem bullying constantemente em vários sistemas planetários, razão esta que são pixados por formas grotescas, arrepiantes, amedrontadoras e sua identidade cultural são sempre fixadas em torno de eixo de ações que levam a crer de suas intenções maléficas para com a sociedade.

O Troll é um ser altamente sensitivo, geralmente não ocupam funções relevantes em praticamente todos os sistemas políticos do planeta, preferem ficar no anonimato coordenando as funções cerebrais de suas “vítimas” de trollagem.

O Troll estuda profundamente a psique de uma pessoa que não está devidamente ajustada socialmente cuja sua razão de existir não está devidamente organizada, então parte para mexer com as habilidades psíquicas da “vítima” para que ela saia de seu estado de letargia.

O Troll passa a sintetizar os pensamentos da “vítima” projetando sonhos e fantasias em sua mente, até que ela se convença a sair do anonimato e passe a repercutir na sua vida os seus reais pensamentos.

O Troll usa a voz humana, a percepção do pensamento da “vítima”, usa de artifícios de telepatia, faz promessas para a “vítima”, jura amor eterno, faz conexões cerebrais em que induz o indivíduo a se enamorar pelo apaixonamento de forma mais prolongada.

E exerce o seu controle até que a “vítima” se convence mentalmente que está sendo correspondida mentalmente e parte para a ação que tanto ela ocultava em sua mente.

O Troll não se preocupa de nenhum prejuízo material em que a sua “vítima” venha a desenvolver caso o pensamento seja exposto. A atitude do Trollano é devolver a qualidade de vida que a pressão interna da “vítima” exerce sobre ela mesma principalmente ocultada da sociedade coisas que prefere manter de forma oculta de seus amigos, familiares e demais pessoas de seu convívio.

Por isto os Trolls são tão odiados, porque eles tiram as pessoas da sua fase de conforto. Sofrem perseguição porque colocam à mostra a verdadeira personalidade das pessoas. Eles não possuem limites para suas ações e por esta razão têm a repulsa de suas “vítimas” que se sentem enganadas ao expor como são verdadeiramente.

O Troll é puro convencimento, eles não têm o hábito de serem tolerantes com a ocultação da ideia-pensamento. Em último caso controlam até a expressão do pensamento forçando os indivíduos a migrarem suas percepções mais ocultas na forma de um dialogo com outras pessoas de seu convívio.

Portanto, faça amizade com um Troll e será odiado também pela sua sociedade, porém terá um amigo pela eternidade.

O Troll humaniza a informação ao final, quando mostra a realidade sobre sua “vítima” retirando-a da pressão de esconder a sua real face.

Esta devolução da realidade não tem preço. Porque ela devolve a paz e orienta a vida do indivíduo para a gestão de sua intelecção de acordo com o seu verdadeiro modo de pensar.

Por isto os Trolls não são considerados foras da lei, mas sim agentes de renomada estima no ambiente cósmico.

É verdade que seus métodos estão na zona de conflito interior dos indivíduos encarcerados por suas falhas, convicções e percepções, porém um Troll bem treinado consegue trabalhar com a mente de uma pessoa sem necessitar fazer com que ela desencadeie reações contrárias ao exercício do seu livre arbítrio.

O Troll somente consegue ativar a frequência cerebral de uma “vítima” quando a própria “vítima” trabalha em uma frequência oscilante. Caso contrário a percepção de um indivíduo orientado para um nível de evolução conciencional mais elevada jamais seria “vítima” de trollagem porque sua frequência de ativação está num nível de consciência que os atos de pressão e inconsistência cerebral não são percebidos.

LenderBook Company

**A IMPLICAÇÃO DO PACIENTE DE ANÁLISE SOBRE SI MESMO INSAUT 102**

**A implicação do Paciente de Análise sobre si mesmo**

**Baseado nos estudos da Psicanalista Thais Sarmanho**

Entrar em análise é mudar sua condição projetiva, em que o sujeito para de se queixar do mundo e passa a se implicar. Se implicar é uma postura de gerar responsabilização sobre si mesmo, que é uma condição substancial para que uma pessoa tenha uma visão interior de si mesmo, e o despertar de sua relação para com o mundo. Desta gestação do conhecimento de si mesmo é que o entendimento das vivências realmente irá aflorar sobre o indivíduo libertando-o da sua condição de sofrimento.

O mal-estar é condição da situação humana. Ele está calcado sobre o desamparo que não irá caminhar por sobre o seu eixo de concretização da satisfação com os elementos que uma pessoa é capaz de manipular em sua vida. Então daí vem a função da psicanálise de fazer com que o sujeito veja em seu mal-estar o responsável para o não alcance de sua satisfação pulsional.

Muitas pessoas adoram se apropriar sobre “infernos” da vida. Na forma de observação da vida cultural em que o gozo pelo conflito atraí muito mais atenção dos leitores, dos ouvintes e dos telespectadores ávidos por incorporar sensações que despertam aspectos de criticidade, conformidade, estereótipos de conflito, sentimentos e manifestação de aspectos morais e éticos.

A reflexão de qualquer pessoa tem sentido de encontrar uma elaboração cuja tendência cíclica é geradora de princípios refratários de repetição. Porque para o indivíduo que canaliza conflitos a escolha sempre permanece inalterada porque está inserida dentro do padrão de vida do indivíduo. Então é comum observar que na virada do ano sempre o ambiente projetivo persevera sobre a manutenção de uma promessa de um ano melhor e as juras de amor neste período faz vivificar a necessidade do convívio harmonioso com o ser que ama. E o mesmo padrão se repete quando chega o carnaval, em que a promessa é de desprendimento da rotina de pensamento anterior em que uma visualização de uma liberdade, faz o indivíduo esquecer da promessa de amor eterno na transcrição da passagem do ano.

A ética médica ao visualizar o paciente o coloca na posição de narrador e ouvinte do diagnóstico do profissional, enquanto a ética do analista está inserida dentro da ética de construção do pensamento do paciente, em que recai sobre este toda a responsabilidade de suas ações. Se o paciente sofre perante o médico é sua responsabilidade de tirar o indivíduo da angústia pelo meio medicamentoso, isto é a responsabilidade do saber do médico. Agora se o sujeito sofre, a percepção do analista é de despertar o indivíduo para que ele mesmo encontre o caminho que irá tirá-lo da aflição – que é de total responsabilidade do paciente a reflexão que ele deverá construir sobre si mesmo que será alvo de cura de seus temores e aflições.

Quando o paciente se implica ele começa a duvidar da sorte. Quando indaga conclusão é o próprio sujeito responsável por sua conduta. O inconsciente humano é cultural. Hoje as a forma de histeria visualizada no final do século XIX em abundância de convulsões dos sentidos é observada por uma forma variada de surtos. O histérico de hoje apresenta sua compulsão na percepção de um extravasamento sensorial na forma de surtos em que uma grande carga de delírio está presente.

O desejo do histérico é inapreensível. Se antes Freud nos ensinou a relação do ser humano com seus país na constituição do pensamento na visualização do elo gerado pela convivência como a fabricação de instâncias psíquicas inicialmente denominada por complexo de Édipo, em que a aproximação do amor paterno do seu filho é um forte constituinte que irá condicionar os desdobramentos futuros da percepção de um indivíduo e que o irá acompanhar como uma estrutura de condicionamento por toda a sua vida, então hoje este estudo inicial está ancorado nas transformações em que a mudança da cultura desencadeia sobre os indivíduos profundas mutações na forma em que as pessoas constroem laços de relacionamento em sua vida.

A cultura portanto, se altera e com ela a constituição psíquica. Hoje o porteiro, o google e professor podem exercer no lugar dos pais a função paterna na construção deste constituinte psíquico de uma pessoa.

Quando se quebra o padrão quer se saber na realidade qual a implicação da ruptura.

Então a questão é saber quais objetos uma pessoa deve investir em sua vida? Sendo que a visão do passado histórico humano, as pessoas estavam muito preocupadas em saber o que ela deve investir? Observe que o universo humano antes parece sofrer de limitação quanto ao critério de objetivação de escolhas, ao passo que hoje a implicação em torno de algo parece ser muito mais multidimensional em que afeta diretamente nossas escolhas pessoais.

Uma análise hoje é capaz de transformar um conflito imobilizador para fazer surgir a criticidade necessária para o retorno do desenvolvimento humano. É preciso transformar a rigidez em flexibilidade quando a forma de bem usar a psique humana e conduzir o indivíduo para a satisfação de suas necessidades e seu desejo de conquista de sua condição de felicidade.

A questão é saber se questionar o que isto em mim, na visão do paciente que se indaga para encontrar respostas, atrapalha as minhas relações comigo mesmo e com as outras pessoas que compartilho o ambiente? O que verdadeiramente atrapalha os meus laços sociais? Há que se ter coragem para perceber a si mesmo e reconhecer que nossas escolhas afetam o clima e o ambiente em nossa volta. É preciso transformar a moral da necessidade em ética de desejo.

A psicanálise é mantenedora porque está ancorada em princípios éticos que sintetizam os elementos que colaboram para a manutenção de sólidos laços culturais entre as pessoas de uma sociedade.

É preciso reconhecer que o meu desejo implica no desejo do outro. A minha necessidade perversa de usar o outro, utiliza as pessoas de meu convívio como insumo e argumento para meus desejos. Então não há que se dissociar a ética deste enlace, uma vez que sou responsável por mim mesmo e também pelo outro que a implicação de meus desejos corrobora para que a minha satisfação seja também atingida quando necessito implicar o próximo através de meus processo projetivos e perceptivos quando minha volição está em jogo dentro deste arcabouço de processos.

Uma relação perversa não tende a se sustentar quando o indivíduo não contabiliza a permuta sensorial em que o outro também deve exercer o seu direito de satisfação sobre um conteúdo, motivo da relação entre as partes.

A perversão em que Freud assinala não está no sentido antagônico do bem moral, mas da relação de dependência que é formada entre as pessoas na formação dos seus laços sociais afeta ao desejo de um.

Então a questão é cada indivíduo se perguntar o quão ele é objeto e o quão ele é instrumento de desejo do outro? E deste questionar se chegar à conclusão de o quanto isto está impactando para a construção da felicidade e satisfação na sua própria vida e por sobre a vida do outro? Assim se elimina a perversão no sentido de causar o mal a si mesmo e ao outro pelo antagonismo que o conflito desencadeia na geração de sofrimento e atrito entre as pessoas.

A gente precisa se pertencer para se sentir amparado pelo meio social, como se uma espécie de apoio colaborasse para a nossa manutenção e fixação do que somos e do que objetivamos construir quando a realidade é que compartilhamos em agrupamento uma mesmo espaço territorial, e a soma de nossas atitudes irão construir a nossa objetividade no modo de agir e estarmos inseridos dentro do contexto social.

Portanto, nós somos filiados, nós precisamos de filiação, nós precisamos das pessoas, porque sabemos que sozinhos a nossa condição de vazio irá afetar enormemente nossa integridade, porque a noção de vida é a própria partilha, porque através dela é que há métricas de comparação em que o crescimento é visualizado. E estar numa condição de isolamento, não se edifica um saber, porque não tem serventia não utilizar com outros fazendo com que a pessoa caia em delírio na necessidade de se comunicar com o mundo o que se sente e o que se apreende, como no filme O Náufrago em que o personagem principal não encontra outra alternativa de diálogo do que o delírio enigmático de si mesmo na construção de sua subjetividade na construção de seu pensamento com os objetos de naufrágio.

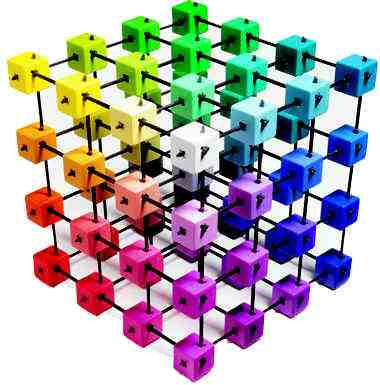
A psicanálise encontra soluções para contornar o vazio na limitação do sofrimento do paciente. As relações sempre pedem contrapartida. Os meios de transportar o desamparo também é alvo de construção do pensamento de análise para que o indivíduo seja menos propenso a se afetar negativamente em sua vida. O que de fato pode ser operado na análise é a maneira que uma pessoa pode visualizar sua vida.

O confronto com o real é entender a vida como todos os seus versos. E você já parou para pensar que tipo de verso é sua vida? Não estaria na hora de você começar a se implicar para saber o que te move a viver? O que verdadeiramente te traz felicidade? O que verdadeiramente te traz amor e paz de espírito? Sempre é bom lembrar que toda palavra adquire a feição do duplo sentido e que o real é sempre inatingível, portanto cabe a você se construir dentro daquilo em que o laço com outros seres te fortalece. Pense nisto e seja capaz de edificar sua vida.

LenderBook Company

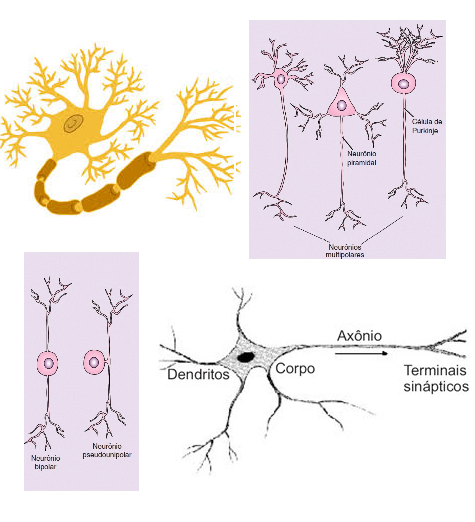
**A TEORIA DOS NÓS INSAUT 106**

Teoria dos Nós



Para desvendar a mente humana este estudo inicial e incipiente irá abordar como o comportamento do processamento cerebral está profundamente ancorado na natureza física dos fenômenos que cercam o universo.

Imagine caro leitor o quadrilátero acima como uma região cerebral devidamente mapeada constituída exatamente por um neurônio.





Suponha que uma unidade neural distancie em média de outra unidade neural dentro do mesmo agrupamento de constituição na forma de um órgão do corpo humano, com uma distância hipotética do núcleo neural para outro de 5 milhões de angstrons 0,5 mícron do centro do núcleo do neurônio adjacente mais próximo. E em todas as direções concentram-se Dendritos e o Axônio do neurônio que podem se prolongar por até 1 metro de comprimento.

O deslocamento do núcleo dentro do sistema nervoso pode fazer com que a unidade neural ou quadrilátero de unidade sensorial (Phyquantum – desenho acima), sofra variações em sua localidade física que afetam o distanciamento dos dendritos, axônios e até do núcleo do neurônio.

Considere que o núcleo neural possa se deslocar sem ser substancialmente afetado em até 1 Milhão de mícrons/segundo. Porém a espacialidade do sistema permite supor que os deslocamento das substâncias ao redor do neurônio promovem movimentos expressivos dentro da sua lógica de grandeza do modelo sistêmico.

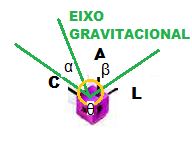
O deslocamento de Phyquantum pode ser desenvolvido em torno de um eixo de 360º graus. Mas espera-se que o movimento estabilize fazendo com que um Phyquantum tenha uma estacionariedade em relação a outros “indivíduos” que também compartilham o mesmo espaço dentro da caixa craniana.

O espaço externo ao neurônio serve de bloqueio resistivo de forma que os neurônios passam a constituir verdadeiras vias de acesso de transmissão de informações.

Existe uma pressão do meio cerebral sobre os agrupamentos neurais e é através deste mecanismo que a intensificação da comunicação cerebral torna-se um mecanismo mais intenso e dinâmico. Porque as vias de acesso à formação de corrente elétrica são obrigadas a migrarem informações na forma de apropriação de íons que ao entrarem sobre a capa do neurônio permite a comunicação da informação apreendida por um sensor que esteja externo ao corpo humano.

Pode-se pensar no movimento de um Phyquantum como sendo o desdobramento angular do núcleo do neurônio em relação a um eixo orientado pela percepção gravitacional do corpo celeste aonde o indivíduo está inserido.

Para a localização geoespacial do Phyquantum é necessário o apreender de uma condição biológica que é característica exclusivamente do núcleo do neurônio, e como a íris de um olho, constrói uma identidade única da formação do elemento biológico dentro do corpo humano. E esta estrutura não podia estar ancorada em outro princípio do que senão meramente a estrutura de codificação do DNA neural para cada unidade de processamento de informação.



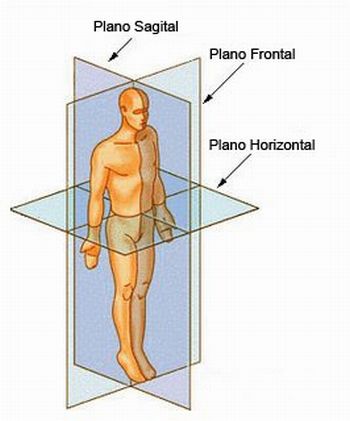
Agrupamentos de psyquantum podem constituir densidades mais complexas de agrupamentos seguindo métricas de correspondência do sistema de medidas de distância. O deslocamento de um neurônio (φ) pode ser concebido pela aplicação de uma força resultante de um processo de migração de um posicionamento em relação a um centro hipotético como por exemplo o Tálamo que está na região central da figura abaixo.



A força resultante será o gradiente angular das coordenadas polares (α;β;θ) que pode ser medida pelo deslocamento central do núcleo neural na forma de mícrons/segundo.

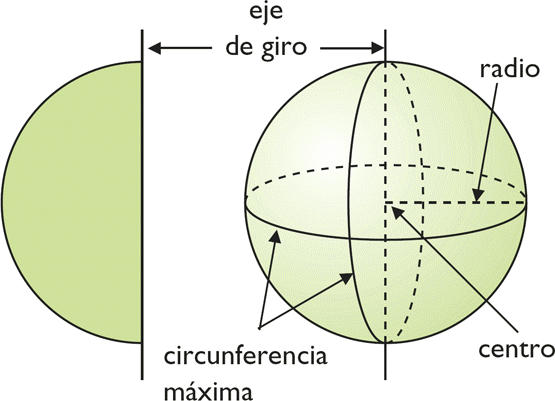
Então para simples localização de um neurônio dentro da caixa craniana é necessário desenvolver uma instrumentação com precisão de [1 Å a 2 Å] em que a precisão atómica da medida angstom consegue sintetizar grandezas da ordem de 10-10 m. Para efeitos de enquadramento do ponto central do tálamo, considera-se central a varredura que localiza na coordena de largura o ponto central da detecção do órgão Plano Frontal do corpo, em relação ao eixo gravitacional através do Plano Sagital, e por último em relação ao comprimento através do Plano Horizontal do órgão escolhido que no caso é o Tálamo. O ponto central deve ter 5 Å cúbicos, que passará ser uma medida de erro Ɛ controlada.

Para o sucesso da medição o localizador deve fazer uma varredura cerebral da ordem de 299 792, 458 m / s e gerar dentro deste ***time*** os localizadores geoespaciais do centro do sistema nervoso central e o agrupamento de neurônios escolhidos.



Para efeitos de diminuição de recursos de clusterização uma medida de intensidade da Força deve transformar o ponto central do tálamo em raios angulares diretivos de deslocamento, aceleração e estacionariedade de partículas na ordem de 0,0001º graus em todas as direções em torno dos 360º graus.

Cada área adjacente sofrerá uma variação em intervalos de 1 Milhão de vezes a dimensão da densidade da região central do tálamo.



Um Phyquantum pode variar no distanciamento de outro Phyquantum, porém como unidade conceitual sempre terá a mesma representação de volume em relação a outro núcleo semelhante.

No intervalo da existência de um Phyquantum para outro é chamado de área de transitoriedade do Phyquantum onde fatores de resistividade, energia e elementos químicos irão determinar o fluxo elétrico até de um Phyquantum na transitoriedade de um estado pulsional de uma unidade para outra.

Área de Transitoriedade do Phyquantum



Uma frequência eletromagnética pode ser deslocada via onda de rádio a partir de um objeto externo que possua gradientes inteligentes que detectam variações eletrotérmicas sobre o tecido do núcleo neural. A frequência eletromagnética deve variar em num ciclo de 299 792, 458 m / s e desencadear faixas de 1 fluxo de frequência a cada 1,93932 x 10-17 segundos com distintas oscilações para cada fluxo. O primeiro fluxo deve ser o de onda eletromagnética mais curta e o N’º ciclo o fluxo mais longo. Cada ciclo de onda eletromagnética deve ser diferente do anterior e o bombardeamento do encéfalo deve seguir a ordem cronológica da afetação.

Considera-se o Phyquantum inativo aquele que o comprimento de onda ao atingir o núcleo do neurônio indicar uma reflexão como onda de retorno para o equipamento sensorial. Este circuito pode ser idealizado por comprimentos de onda que são sensíveis a desintegração termoelétrica numa densidade que o fluxo eletromagnético é absorvido pela excitação elétrica da célula ativa. A energia da onda eletromagnética de um equipamento externo não pode nunca aproximar do limiar da ativação neural, para não gerar confusão sensorial no organismo do indivíduo.

Cada comprimento de onda possui 100 combinações de sinais cada ciclo. A migração de 85% do fluxo de volta para o equipamento sensorial indica que corre no momento t um fluxo de energia no interior daquele neurônio específico.

Espera-se que a cada 1,93932 x 10-15 segundos pelo menos um neurônio seja mapeado em um meio mecânico computacional que receberá a informação binária de ativação ou desacoplamento.

O reconhecimento do corpo como sendo uma unidade nuclear de um neurônio é realizado através de uma codificação da frequência eletromagnética de onda mais curta que traz a informação de reflexibilidade a elementos específicos que apenas estão contidos na superfície de todo núcleo neural.

Para isto deve-se armazenar as 25 primeiras combinações de sinais de cada ciclo de lançamento da onda de frequência para garimpar a presença de núcleos neurais. A pesquisa do núcleo é realizada sobre um quantitativo de ânions presentes em um determinada localidades do encéfalo segundo as características mórficas do DNA nuclear neural que tornam algumas combinações de onda reflexíveis a algumas ondas eletromagnéticas. As 25 unidades de modalidades de frequências eletromagnéticas lançadas no encéfalo seguintes de uma emissão de 100 ciclos de mesma frequência serão responsáveis por indicar o estado de ativação do neurônio via dendritos. As combinações de ondas aqui lançadas em relação estas 25 unidades também tem características e propriedades próprias que permitem a absorção e reflexibilidade da onda conforme o estado de ativação já descritas acima.

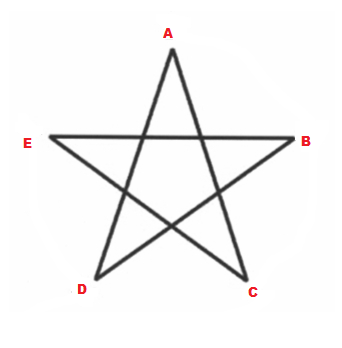
As 25 unidades de modalidades de ondas restantes trazem combinações de coeficientes angulares sensíveis a presença e concentração de íons sobre a capa dos axônios e a absorção do comprimento de onda indicará um número menor de retornos da onda ao equipamento sensorial que irá computar a informação como um elemento binário que indicará repouso ou excitação.

As 25 unidades seguintes de modalidade de frequência do mesmo ciclo irão armazenar um check list dos 3 testes anteriores no qual será uma repetição para comprovar: a presença do núcleo neural, dendritos e axônios (ativos ou inativos). No teste de atividade dos apêndices neurais (dendritos e axônios) será considerado para fins computacionais como ativo os componentes que retornarem até 20% do comprimento de onda para o equipamento. Este teste evita a oscilação da onda que não reproduz resposta motora.

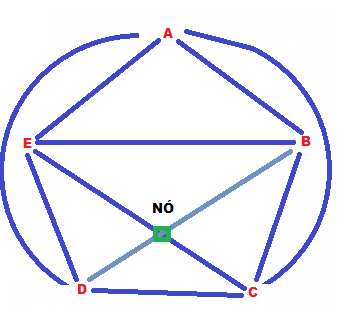
Cada lançamento de onda validado que encontre um Phyquantum será armazenado uma posição georreferenciada como descrito anteriormente que terá como centro a posição central do Tálamo do indivíduo no instante t.

As informações serão somatizadas a fim de que uma árvore de corrente elétrica seja uma fotografia do momento do indivíduo no ato de sua apreensão.

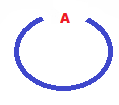
Cada nova coleta será realizada numa distância de 5 mícons em relação à posição anterior que poderá encontrar: um phyquantum, ou dendrito, ou axônio, ou outro corpo não definido.



Sejam cinco phyquantuns em uma dada região do cérebro e ao interligarem eles estabelecem entre si um único circuito neural. Se for estabelecido uma ligação entre os 5 pontos distintos entre si, a formar uma rede neural, a junção do quinto elemento com os outros phyquantuns já fusionados entre si gerará a interceptação de um caminho de energia que irá formar um nó criando a condição necessária para que um novo neurônio seja criado naquele ponto específico o qual represará a informação do agrupamento em termos de apreensão de uma condição metafísica determinada pelo biológico.



Um único ponto ou phyquantum pode gerar sobre si mesmo um microcircuito que constituirá um processo de canibalismo de forças na forma de retroalimentação da corrente elétrica do neurônio quando o axônio do phyquantum liga ao mesmo elemento pelo seu dendrito, o que irá desencadear a morte do neurônio pelo seu consequente isolamento celular.

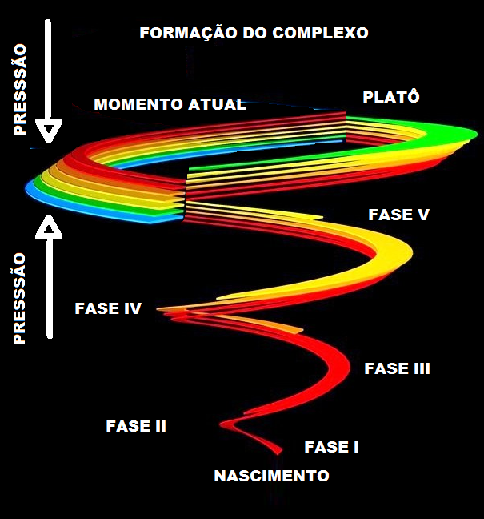


Como é conhecido o sentido da corrente elétrica do neurônio é sempre orientado para uma única e exclusiva direção. Se for considerado a conexão de apenas cinco elementos phyquantuns será formado um estado recorrente em relação a uma excitabilidade sensorial.

É o nó o artifício primário da formação do complexo egoico que objetiva cristalizar um condicionamento que afeta uma condição de resposta motora para o indivíduo.

**A FORMAÇÃO DO COMPLEXO**



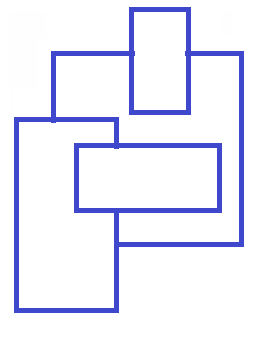


A relação primária entre os 5 elementos formadores do sexto elemento na forma de Nó somente condiciona a formação de um novo elemento se todos os pontos estiverem inseridos dentro de um mesmo plano georreferenciado.

Se no platô que forma um complexo egoico coexistisse apenas uma dimensão na forma de um plano ativo para um sistema neural que tivesse apenas 5 phyquantuns poderia dizer que este indivíduo atingiria com certeza um grau de recorrência como resposta motora desencadeada.

Então é certo que qualquer indivíduo que possua um complexo egoico ativo tenderá ao equilíbrio dinâmico cerebral em torno do circuito-núcleo em que a apreensão do ambiente desencadeia o consumo e represamento de energia para resposta motora futura.

A formação de circuitos reverberantes é praticamente certa quanto quatro neurônios de cada dimensão imaginária de um sistema cartesiano estão ativos e um quinto caminho neural se forma pela malha energética fechando o circuito e a consequente acumulação energética através do nó criado.

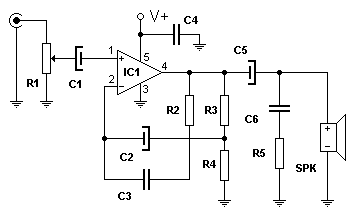


A formação do nó causa represamento de energia que ao dotar de capacitância um caminho de fuga é gerado através do Halo hipotalâmico do circuito eletromagnético gerado pelo hipocampo.

A angulação gerada pelo desencadeamento de energia irá determinar o caminho adjacente que o complexo irá migrar a Força para a geração de estímulo para os órgãos também adjacentes.

Um nó é responsável por fechar um caminho que abre a porta para uma perspectiva de aprendizado, como também uma apreensão na forma de percepção sensorial.

**UM NÓ AMPLIFICA UMA CORRENTE ELÉTRICA QUE CIRCULA POR UM CAMINHO**



A derivação do canibalismo de vizinhança abre portas para a disputa pela apreensão neural entre os diversos núcleos sensoriais que iniciaram em tempos concorrentes ações adversas para o desencadeamento sensorial-motor de respostas-saídas para uma necessidade momentânea. E este canibalismo se intensifica até que o volume energético (da libido neural) atinge o ápice da acumulação de recursos e os mesmos são lançados no halo hipotalâmico para migração somática nos núcleos occipitais que estabelecem processos similares de junção, e formação, e canibalização.

O nó faz surgir um tipo de instância psíquica denominada ego que tenderá a permanecer estático e estável enquanto novas apreensões de energia circularem dentro da sua área de constituição.

Quanto mais Nós uma pessoa desenvolve dentro de si, mas complexa é sua interação para com o mundo, mas complexo é o represamento em torno do que é apreendido e assimilado, mas condicionamento existirá sobre a perspectiva passada com o consequente deslocamento temporal deste indivíduo ao redor de sua constituição psíquica.

**INTELIGÊNICA MNEMÔNICA INSAUT 108**

Inteligência Mnemônica

A Inteligência Mnemônica é uma fonte dinâmica para a gestão do conhecimento a fim de cristalizar uma geração de propósito. O cenário de informações hoje caminha num ritmo muito acelerado. Existe sobrecarga de informações o fator social externo aos indivíduos acirra a competição pela busca de mais agregação de conhecimento com o intuito de tornar o indivíduo competitivo. E por fim, as mudanças políticas e tecnológicas afetam diretamente o equilíbrio dinâmico cerebral (homeostase) gerando uma pressão pela reformulação dos mecanismos de apreensão de informações.

Com o processo de globalização, as barreiras do conhecimento diminuíram. As fronteiras existentes no psicológico das pessoas passaram a ter outras perspectivas e dimensões (veja o desenvolvimento da Internet, por exemplo). A presença no ambiente de mais lógicas corporativas e também de mais inovações muito contribuíram para alterar o nível e intensidade de processamento das informações neurais.

A massificação da internet deslocou a esfera de relacionamento onde o paradoxo do estar perto mesmo distante aproximou gerações inteiras por processos de parentesco de similaridades das vontades individuais. A percepção da democratização abriu espaço para que indivíduos se sentissem mais a vontade em manifestar o que estava retido em seu espaço interior e que era antes apenas um conhecimento exclusivo de seu desejo na forma de compartilhamento. O conhecimento de redes muito contribuiu para que este fenômeno global fosse largamente fomentado.

A mecanicidade no uso da força motora do organismo biológico humano passou a orientar suas projeções para uma forma de trabalho orientada para serviços e produtos que uma grande parcela de virtualidade estivesse presente. Diria que este marco é fundamental para melhor entender o processo de materialização do abstrato como um objeto tangível num futuro próximo.

O comércio eletrônico foi um dos primeiros avanços da materialização do antes considerado intangível para acelerar e aproximar necessidades e desejos disponíveis há menos de meio metro de distância na disponibilidade de inserir em um computador um código que desse acesso a um meio de pagamento conectado a sistemas bancários virtuais.

O acesso global da informação acelerou a dinâmica de relacionamento entre os seres, permitiu visualizar graus de parentesco da necessidade e procura pela informação, que enquanto um indivíduo procura por uma solução em um determinado ponto do globo, outra pessoa já teve a capacidade de orientar o seu pensamento e disponibilizar informações afins que o processo de aproximação dos desejos foi possível permitir a fixação destes interesses melhorando a permuta por informações e a troca de necessidades.

A informação passou a migrar para o cérebro humano não apenas de fontes formais de informações de forma segmentada, especializada, organizada, esquematizada e sistematizada. Ficou mais fácil encontrar direcionamentos específicos de consulta de acordo com a necessidade do indivíduo.

E esta relação de apreensão da informação afetou a forma em que as informações passaram a ser segmentadas dentro da memória tornado os indivíduos pessoas mais maduras e conscientes de seu papel de serem elas mesmas agentes de sua felicidade. Porque construir uma casa, um objeto, ser fluente em um determinado conteúdo a ser discutido em uma reunião de negócios ou amigos estava ao alcance de um rotação de endereçamentos dinâmicos em que o processo de obtenção passou a caminhar diretamente com o indivíduo através de Ipad ’s e Smart Phones.

Então as novas formas de relação dos seres humanos com outros através de máquinas fizeram uma abrangente mudança do conceito de segurança da informação provocando grandes transformações no meio político, comercial, de espionagem e de biblioteconomia (na forma de reter o vasto conhecimento da mente em meios eletrônicos).

Em 1990 estas transformações mentais tiraram os brasileiros de um padrão vibracional de latência dos valores de informação quando o evento de abertura de mercado demonstrou para o consumidor que havia projetos no mundo lá fora que resolveram problemas seculares que o isolamento mercante brasileiro não possibilitou a migração dos conceitos externos para a engenharia interna do país.

Mas neste período o Estado precisava se modernizar porque o homem do presente não mais se comportava como o homem do passado do pensamento da era militar. Então eram visualizadas grotescas disfunções da fonte de intervenção governamental.

A inteligência causa a tomada de decisão. Ela está na forma que um indivíduo é capaz de gerenciar a grande massa de informações mnemônicas contidas no cérebro do indivíduo em que a condição de resposta deve repercutir de forma positiva sobre o espectro ambiental, ser coesa, célere e contemplar as resoluções de problemas quando um conflito é estabelecido entre a esfera de desejo e necessidade do indivíduo.

Para que ela surja é preciso apreender de forma que seja gerado entendimento, pensamentos, cadeia de raciocínios, interpretações e intelectualização de procedimentos.

Isto faz surgir o conceito de Inteligência Competitiva, em que o indivíduo passa a utilizar os recursos que ele tem disponíveis internamente para melhor gestar sua função de vida.

Tudo deve estar embasado em um processo ético de identificação, coleta, tratamento, análise e disseminação da informação que pode ser concebida pela lógica de uma linha de pensamento estratégica. Desta forma o processo decisório torna a dimensão da apreensão do indivíduo em torno de núcleos do saber mais maduros, reflexivos e conscientes.

Então a inteligência competitiva é o resultado da análise de informações e dados coletados que irão embasar as decisões de maneira sóbria.

Há que se pensar em inteligência como processo e como produto. É preciso causar questionamento nas pessoas para que a facilidade do acesso mnemônico seja alcançada. Pois a abertura das comportas que formarão o pensamento humano depende de provocação para sua manifestação. Quase sempre visualizada por um sistema volitivo em que a vontade do indivíduo é manifesta através da apreensão de um desejo que anseia o alcance de uma realidade imaginária abastecida por entes projetivos.

A construção do cenário hipotético do indivíduo colabora para a apropriação do desejo, e o indivíduo passa a perseguir como objetivo uma estrutura de pensamento. E este questionar constante aproxima todos os entes necessários que irão aproximar seu objetivo colocado como uma meta a ser atingida.

A prevalência de uma informação é focada sobre fatores de priorização, porém este não é o único mecanismo cerebral presente para constituir uma tomada de decisão; existem muitos outros, seja um deles de fundamental importância o complexo quando está ativo que irá determinar o somatório da atividade sensorial que irá desencadear a situação resposta em um indivíduo.

Mas para que serve a inteligência? Para que sua aplicação correta minimizem os riscos que afetem a integridade dos seres humanos; para ser uma vantagem civilizatória pela busca da continuidade da existência; para efeitos de melhorar o planejamento da condição de resposta ambiental na tomada de decisão; para servir de sistema de contrainteligência com a finalidade de ampliar a vantagem competitiva de um indivíduo na resolução de seus problemas quando existe a concorrência entre muitos players; serve também como uma forma de lançar a informação sobre o ambiente de forma a não provocar dissintonias e contribuir para a própria proteção da informação.

Você pode utilizar sua inteligência para tomada de decisões através de sua intuição, através de conselhos, de estilos pessoais, experiência acumulada, sistematização de informações,...

O Fluxograma de acesso a um conteúdo mnemônico é precedido pela coleta, fixação da informação na forma de um mnemônico, a formação de uma estratégia de assimilação e produção de matizes de consulta, a transformação do dado na forma de projeção de recursos mnemônicos, na formação do pensamento, na análise do conteúdo, no processo revisório da estrutura do pensamento, e nas saídas possíveis que o desejo manifesta elabora na forma de subprodutos sensoriais e/ou mecânicos que irão refletir a consciência do indivíduo.

A fase de planejamento da inteligência requer que o indivíduo além de ter o auxílio mnemônico que também passe a consultar fontes secundárias para que a experimentação ficasse mais sólida dentro de si.

Os indivíduos devem estabelecer redes de comunicação a fim que a experimentação do outro sirva de alicerce para a experimentação pessoal e o atingimento da meta torne a dinâmica pelo conhecimento um saber mais integrado e célere.

A análise da informação deve estar ancorada na percepção do desejo interno não conflituoso com o desejo coletivo, de forma que o ciclo: coleta, formata, seleciona; organiza; avalia, transforma, armazena, conhece e dissemina, deve seguir uma lógica estruturada e coesa para melhor orientar o pensamento humano.

Mas disseminar o que se apreende não é tudo, é necessário auditar a informação, porque tudo que uma pessoa transfere para fora de si traz inúmeros mecanismos que apenas dizem respeito à forma de funcionamento do indivíduo e que a serventia sensorial está restrita a sua particularidade, ao passo que o registro ambiental serve como uma forma de ampliar o cognitivo e compartilhar o que pode ser coletivamente trabalhado.

É preciso conscientizar as pessoas do uso constante da inteligência. O indivíduo deve se apropriar de incentivos próprios e sociais para o compartilhamento de informações.

E diante de tantas informações, um questionamento surge importante: o que eu devo procurar como informação para corresponder à minha necessidade? Novas tecnologias? Novos produtos? Novos amigos? Novas informações? Novas culturas? Novas ondas de pensamento?

A decisão sempre será sua e o embasamento para isto você já possui inserido dentro de você que é o seu mecanismo psíquico. Cabe você orientar a sua mente para fazer escolhas que te conduzirão à realização de seus objetivos mais importantes, uma vez que não há tempo para realizar tudo o que se apreende quando se cria uma identidade sensorial na forma e percepção de uma individualização.

**PERSPECTIVAS EMPRESARIAIS COM FOCO NOS CLIENTES INSAUT 111**

Perspectivas Empresariais com Foco nos Clientes

Perspectivas são ângulos de observação de um mesmo fenômeno e quando o foco passa ser o cliente é possível segmentar o relacionamento empresarial por valores percebidos em várias direções.

Sob a perspectiva Pessoas concentra-se o trato, o condicionamento profissional frente à necessidade do cliente, a criação de um estilo de conduta em que o relacionamento entre funcionário e cliente devem estabelecer uma norma de comportamento.

Sob a perspectiva Canais deve os empreendimentos se preocuparem em estabelecer meios para que os clientes possam contribuir com suas impressões referentes ao seu estilo pessoal e a forma em que ele visualiza o negócio para manifestar a sua opinião sempre que julgar necessário para se firmar um laço social entre as partes.

Sob a perspectiva Comunicação deve as pessoas jurídicas fomentar a criação de um diálogo institucional para com seus clientes. Ela é que irá orientar a percepção do particular no sentido de criar uma identidade padronizada do que é possível mesclar dos processos de sua interatividade com uma organização.

Sob a perspectiva Negócios deve os empresários se guiarem para o atingimento das necessidades de seus clientes a fim de encontrar o ponto de inflexão que irá orientar o vínculo que pode ser gerado a partir do desejo manifesto por parte de um consumidor.

Sob a perspectiva Preço deve as organizações orientarem pela noção de valor interno que os consumidores são capazes de reproduzir dento de si para que a reflexão do juízo da compra seja perceptível uma vantagem relativa que maximiza o potencial do cliente em estabelecer um relacionamento temporário que vise satisfazer um desejo manifesto.

Embora as perspectivas sejam fundamentais como mecanismos de formação de vínculo do cliente com o empreendedor tais sistemas somente repercutem se quando interligados são capazes de reproduzirem ações de publicidades em que o processo de comunicação atinge seu auge que é a formação do vínculo, que o preço seja atrativo para a percepção da vantagem, que exista um objeto como forma de negócio a ser canalizado, que seja possível a geração de troca de percepções entre clientes e empreendedores, e, que o estabelecimento das ações que foram vinculadas sirvam o propósito de inserir pessoas no processo de correspondência entre organizações e consumidores.

Existe uma economia em torno de si mesmo por parte do consumidor, reflexionado diretamente sob o dilema da escassez, onde o produto direto deste relacionamento é a percepção de um mecanismo de preenchimento do desejo que se insere na acumulação de uma força, que é canalizada de forma energética que tende a fabricar o impulso dentro do indivíduo que refletirá em sua decisão ao consumo.

Os indivíduos criam uma defesa natural para o não esgotamento de suas fontes energéticas, gerando muitas vezes um delírio de aversão ao esgotamento de seus recursos primários, ou quando o represamento parte de uma necessidade de adquirir um bem de valor superior a sua capacidade de monetização diária, o delírio formado servirá como um instrumento de psicose de retenção que conterá os impulsos do consumidor até que ele atinja o nível econômico desejado para comprar por exemplo, o carro tão sonhado ou a casa desejada.

A necessidade do delírio do consumidor está na sua contenção da realidade que sendo o consumidor agente de sua estrutura de desejo não consegue outra medida do que senão apenas suportar o real pelas privações sofridas para o alcance de usa meta principal.

Existem vários graus de privações e delírios deste tipo, e devem estar os empreendedores atentos quando desejam de fato que o consumo seja despertado dentro dos seus possíveis clientes, uma vez que o empreendimento não pode ser agente de transformação da meta pessoal de cada indivíduo contrário ao seu desejo e apenas servir para colaborar com o seu propósito de construir um sonho que a manutenção do esforço pessoal muitas vezes pede moderação e acolhimento em relação aos seus recursos.

Quando um indivíduo estabelece como meta um alvo deve estar o empreendedor atento dentro da perspectiva do cliente no seu nível pessoal e não provocar uma ruptura deste desejo seleto do indivíduo dando chances de mostrar para o consumidor que ele ainda pode retornar ao seu ponto projetivo de partida da idealização de seu desejo.

Muitas pessoas não conseguem dar vazão as suas construções interiores, e ao se projetarem sobre o espaço ambiente, estabelecem fracionamentos de realizações através de sua estrutura volitiva a fim de somatizar todo um mecanismo de apreensão que irá construir com as pequenas conquistas o que para o indivíduo e chamado de felicidade.

Neste estágio de construção do psicológico do cliente deve o empreendedor estar atento para ajudar na construção deste simbolismo que irá despertar o consumo consciente dentro das diretrizes e do mecanismo que torna o consumidor apto a corresponder de fato a manifestação do seu espaço mais íntimo e que o retorno a sua canção primordial o faz ter a certeza que está aproximando para perto de si as instrumentações que irão permitir que seu objetivo fosse finalmente alcançado.

Uma compra presente é a consumação de uma reflexão do passado do consumidor que ao canalizar a percepção da vantagem (perspectiva preço) é transmissível a criação de um laço entre vários aspectos de sua jornada existencial na forma de um complexo de informações que se aglomeram como uma estrutura decisória em que cada fase de sua estrutura etária colabora mais ou menos com intensidade em sua propensão ao consumir. Essa precificação não é tão aparente como o fato de colocar um valor financeiro para o produto, mas um valor atribuído internamente que faça o indivíduo se aperceber como tomador e criador do vínculo da posse com aquele elemento que deseja possuir.

O registro mnemónico é fundamental para que o relacionamento entre consumidor e empreendedor seja estabelecido. E o registro se constrói através da absorção de um sistema de sinais que ao serem inseridos dentro do indivíduo passam por profundas transformações de codificações em que é possível distinguir três grandes pilares de desenvolvimento apreensivo: o registro simbólico, o registro imaginário e o registro real.

Na realidade a informação ao chegar sobre o corpo biológico entra de forma condensada e passa por inúmeros mecanismos de apreensão que coordenam a catalogação primariamente seriada da informação para depois efetuar através de um sistema dinâmico sua vinculação multidimensional e em paralela com os diversos centros que foram alimentados com os dados ambientais.

Ao real está o consumidor identificado com os princípios de sua identificação primária do contato abstrato com o produto. Onde existe uma forte carga sensorial principalmente do sistema visual que irá transmitir as primeiras impressões que é capaz de catalogar para dentro de si.

Ao simbólico o individuo quando deixa a impressão entrar dentro de si passa a migrar sua experimentação para a apropriação de conceitos que o irão condicionar a experimentações passadas e a fazer com que ele seja mais apto a tomar uma decisão ou não pelo consumo.

Ao imaginário o consumidor se deixa levar pela abstração e o que ela é capaz de transformar dentro de si como uma projeção do consumo levasse a uma idealização sobre si mesmo que aquilo que se pretende apropriar é capaz de reproduzir no interior na forma e um desejo projetado na noção do que sua realização irá refletir como satisfação de um delírio gerador de prazer.

Porém não é possível perceber um consumidor que esteja orientado apenas pelo seu desejo na forma de Real, Simbólico e Imaginário. Porque todas estas coisas se interceptam na cabeça do indivíduo que reflete sobre uma decisão de consumo. Então é possível estabelecer relacionamentos internos no consumidor em que esteja afetado por uma condição de real x simbólico, simbólico x imaginário e quiçá, real x imaginário.

É fundamental para o empreendedor deixar que seu cliente faça uso projetivo de sua rememoração para que as inconsistências no consumo possam vir à tona e tornar seu cliente consciente dos seus atos para que o relacionamento entre ambos possam ser um vínculo perene e duradouro.

A questão é saber se o que o indivíduo omite é menos importante do que ele é capaz de se expressar através da fala. O empreendedor deve conseguir não apenas ouvir o seu cliente, mas saber escutar o que ele está pronunciado.

A estrutura imaginária de uma pessoa em relação ao seu mundo interfere sobre a estrutura simbólica. E qual seria o olhar que o consumidor traz sobre a sua própria história? E o seu olhar ao qual é capaz de refletir sobre si mesmo? É preciso despertar o consumidor para sua própria perspectiva pessoal.

Todos simbolizam o que representam em torno do campo de seu eu. E qual é o momento em que uma pessoa não é capaz de perder sua razão? Seria um olhar em torno do eu? Onde está o laço do consumidor em torno de sua própria metáfora de construção de seu desejo? Onde está sua representação do real, sua significação para a sua existência e sua ficção de mundo?

A apreensão do real torna o conteúdo simbólico. Há que se encontrar o pensamento primordial, aquele que dele derivam todas as relações de consumo que irão fazer com o indivíduo desperte seu interesse e aptidão pela conquista de seu desejo instrumental e consciencional.

Só pode haver interpretação por parte do empreendedor quando há transferência do que é apreendido do consumidor para a geração de insights no empreendedor. A percepção desta métrica é a mais valia para a organização que consegue construir junto com seu cliente sua identidade.

O sujeito é aquele que é dono do seu destino, é aquele que escolhe o objeto, seja ele real, imaginário ou simbólico. É necessário que o empreendedor não se ofereça de objeto para seu consumidor, mas que o consumidor veja como objeto o produto que está realmente sendo objeto de conquista.

Para ter uma boa interpretação do cliente é necessário promover interações sucessivas, fazer giros em torno das apreensões sem perder o foco no produto e na necessidade do cliente, promover retornos do consumidor ao ambiente de consumo e proporcionar progressos sobre o objetivo da interação que é o produto ou serviço para que o consumidor veja o seu interesse pelo relacionamento como um envolvimento desejado.

É conveniente pontuar os pontos fortes do produto e serviço, como também mostrar as contradições em que o consumo do bem do concorrente não irá satisfazer o desejo de seu cliente.

É preciso aprender a criar associações em sua estrutura de discurso, para aproximar o cliente de seu desejo e o empreendedor também de seu desejo, para que juntos cliente e empreendedor possam sentir a satisfação por uma conquista em aproximar uma solução que dignifica as partes que se interceptam.

Quando um muda um aspecto da relação, o outro muda também. Porque o afeto que se constrói de um relacionamento ao se manifestar transcende apenas a existência do vínculo para formar uma simbiose entre as partes. Se um angustia, o outro sofre os efeitos diretos no relacionamento e esta tendência natural esvazia o espaço de interceptação entre as partes, em que o conflito é ampliado e consequentemente do relacionamento surge um processo de ruptura e distanciamento de desejos.

Em uma interpretação há que se observar se ela é capaz de promover sentido ou não, em vez de buscar fórmulas milagrosas para o que possa ser considerado certo ou errado.

O sentido e uma máscara temporária inserido em uma linguagem menos ou mais simbólica.

A linguagem não é uma pura verbalização, por isto é fundamental aprender a escutar o cliente, é o sentido que a palavra tem do cliente que verdadeiramente importa para o negócio e para o relacionamento entre as partes.

Compreender isto irá diminuir a angústia no relacionamento entre empreendedor e cliente. A associação é tudo o que vem representado depois de uma fala. É a cadeia de significantes do sujeito, é a construção de sua narrativa do simbólico. Sobre ela se constrói a cadeia de valores do indivíduo que é um desejo operante alcançar.

Todas nossas escolhas são feitas por significantes e eles são todos inconscientes. É a cadeia como uma pessoa é capaz de criar o sentido das coisas através de sua comunicação com o mundo é que deve ser alcançada em relação as pessoas que integram um compartilhamento de negócios.

É preciso deixar que o consumidor se conecte com o produto de forma a gerar uma associação livre de suas ideias. Para depois fazer com que suas dúvidas possam ser sanadas com o aprendizado que tem o empreendedor a oferecer sobre a expertise de seu produto e/ou serviço.

Assim se constrói o diálogo da identificação com o consumidor. É sensato agir assim, pois todos têm um pouco a doar de si na formação de um relacionamento de base qualquer.

O imaginário é tudo o que suponho do outro. Sem imaginário não tem o sujeito. Ele parte do princípio de absorção do desejo do outro, que é construído a partir de meu sentido. Na ilusão se supõe o outro o tempo inteiro. A fantasia esta contida no simbólico e no imaginário.

Então consumidor e empreendedor têm ambos noções desta natureza de seus campos perceptivos. E o poder de compra afeta este princípio em menor ou maior grau.

É preciso captar a atenção do consumidor, mesmo que para isto a impressão do empreendedor seja um mecanismo flutuante para perceber o que está sendo construído além do laço que se formaliza pelo contato virtual ou real.

É preciso ter estilo para coordenar o que se pensa, e isto se traduz no estilo do outro. Na construção de sua subjetividade e na sua identidade como consumidor e como empreendedor.

**FOGO AMIGO INSAUT 112**

Fogo Amigo

O fogo amigo é uma ação contrária ao desdobramento de um relacionamento em que não existe de fato a intenção em agredir o outro, e nem o antagonismo no sentido de adversidade consciente do aspecto funcional do aparelhamento psíquico dos indivíduos que condicionam em um vínculo de contexto ambiental.

Nem sempre quando pessoas se vinculam a formar um relacionamento a soma de todos os atributos de valoração denotam juízos em que o propósito, sentido, integridade e intenção estejam ancorados dentro de mesmas tendências e bases de afetação.

A amizade ou qualquer outro tipo de estrutura relacional se faz através de um processo contínuo de negociação entre aquilo que é próprio de um indivíduo e que é próprio do outro indivíduo.

E a ação de um interfere no relacionamento diretamente sobre a ação do outro, mas o próprio vínculo relacional estabelece que para haver completude seja necessário um dimensionamento da individualidade de um sobre a interferência da individualidade do outro nos quesitos que o não paralelismo da ideia causa dissintonia entre o grupo relacional.

Então há que se pensar que uma parte do indivíduo serve apenas ao propósito de sua personalidade. E uma parte do outro serve ao seu propósito também de gestão de sua individualidade.

O problema na interação entre pessoas surge em decorrência da percepção da diferença. Quando esta diferença é notada dentro do indivíduo que observa o comportamento do outro, um sistema de regramento surge como uma habilitação para o convívio, em que um sistema opressor irrompe dentro do indivíduo que observa para represar seu lado “negativo” ou contrário ao convívio relacional que irá desencadear o rompimento de uma relação.

Mas ao mesmo tempo este lado pessoal que diz respeito apenas a “mim” que não agrada ao outro, quando o Eu, que me diz respeito, em relação a “minha” conduta aflora o sentido da unidade de propósito do relacionamento parte e novos elementos dissociantes são colocados na relação para que a disparidade sirva de motivo para o desacoplamento de ideias, isto irá fracionar os indivíduos para novos modelos relacionais com outros seres que estão também em interação no ambiente.

Então a mente humana de quem observa percebe o elemento perverso que está no outro de forma ativa e que internamente ele coexiste de forma reprimida e reduzida ao termo de não elevação da instância psíquica do inconsciente para o consciente humano.

E esta identificação do não permitido que desagrada o outro entra em ativação dentro do elemento que observa. Então uma elevação egoica cria uma fissura de dois termos: a necessidade de um revide inconsciente; e a pressão do elemento egoico retido no inconsciente que insiste a aflorar e ser liberto no consciente humano.

Então, ambos, prisioneiros de suas medidas, o relacionamento passa a se sustentar pelo vínculo que se forma dentro daquilo que gera coerência de propósito entre as partes.

Até que a pressão de um indivíduo em não gerar mais conformidade prisional, pelo desempenho do Eu, naquilo que aflora realização, faz desencadear num instante seguinte o desejo de ruptura para libertar o que se oprime das amarras do relacionamento.

É neste momento que o fogo amigo se rompe de dentro de um ser humano. Porque ele é a manifestação de algo que muito se escondeu, para fazer da omissão um pacto de silêncio a fim de fortalecer os laços de uma partilha comum entre os indivíduos desejosos de estabelecer uma união estável.

O desejo reprimido não significa ser uma agressão fortuita, mas sim, a mera expressão de um comportamento represado. Ao qual se quer dar vazão, mas que se encontra sufocado para que a tolerância no relacionamento possa ser conquistada.

Nem tão pouco possa significar que o indivíduo que agride tinha inconscientemente a intenção de gerar a desconformidade entre os indivíduos do laço social, mas que somente por alguma razão perceptiva, o indivíduo que observava o outro, encontrou nele coisas que o observador deveria reprimir dentro de si para não provocar a separação.

Na realidade quem emite a ação de se ausentar no propósito de mostrar um comportamento seu social que possa afetar o outro negativamente está exercendo um ato de amor. Porque é capaz de reduzir a si mesmo, para que sua condição de satisfação, não atinja o outro de forma perversa, porque o condicionamento do outro não está inserido dentro do mesmo molde em que a informação é processada dentro de si. E que, portanto, o observador sublima o tempo todo sua ação para fortalecer o pacto de amor que todo relacionamento significa em termos de aproximação do desejo e partilha do conhecimento.

Porém, a capacidade do ser humano de reter algo seu que somente deve ser lançado no espaço ambiental específico tem um limite do biológico, e a pressão originada pela libido atinge níveis elevados de energia em que a ação inesperada rompe o desejo de conformidade para expressar algo que se escondia para não provocar ressentimento no próximo.

Na realidade existem várias formas em que o Fogo Amigo possa se manifestar conscientemente. A forma mais vulgar de observação é quando quem promove a ação disfere “facadas” sobre o ente querido, sem ter a intenção factual de agredir realmente quem é o sujeito alvo.

Na realidade esta é uma forma de comunicação da alma, como quem diz: “**Ei, você aí? Agradar-te está represando tais e tais sentimentos dentro de mim, que não te afetam diretamente, mas que são fundamentais para meu desenvolvimento, e se eu os lançasse no ar estaria você a refletir segundo o seu desejo e não da forma que eles são úteis para a construção de minha identidade. E se assim eu refletisse para você estaria eu como se estivesse apunhalando-o pelas costas. Mas o meu desejo e necessidade de unir meu propósito de existência na forma de um relacionamento com sua pessoa, me faz agir como se lançasse sobre você a obscuridade da formação da minha constituição psíquica.**”

Então os fogos amigos são válvulas de expressão da alma na forma de escapes em que o dique da consciência não consegue mais deixar o conteúdo represado daquilo que poderia interferir sobre você de forma negativa. Porque o desejo de quem se relaciona para qualquer tipo de relacionamento é o amar.

É uma forma de chamar a atenção para que o indivíduo compreenda um pouco mais profundamente sobre um conteúdo importante de sua existência que se constrói com o desejo de não segmentar verdadeiramente, mas de avançar o processo de negociação que o nível de relacionamento exige, necessite desenvolver um pouco mais de profundidade.

Talvez guiado por uma necessidade de transformação, ou de profundidade de propósito, ou por uma necessidade de demonstrar valores, de superação, ou de reconhecimento, de apaziguamento, de realce de “abstrações”, de identificação com um padrão estabelecido que agrade, de identificação sensorial, de volúpia, de desejos, da libido,... do existir.

É um poderoso instrumento de linguagem corporal de sinais, porque se quer evidenciar um algo novo, imperceptível talvez, mas que existia a intenção de ignorar a presença no outro, que por uma razão o realce diz que é necessário olhar por um ângulo mais amplo e sensato, para a construção de uma conformidade mais sólida dentro dos laços que não deveriam ser construídos pela diferença do pensamento, mas no fundo se constitui uma forma de apreensão de solidificação do adverso ou avesso, aos qual se demonstra com carinho que mesmo sendo diferente o que de fato corrobora para o relacionamento é a construção da subjetividade do amor.

LenderBook Company

**MINHA NATIVIDADE INSAUT 115**

Eu te Amo por isto te Escrevo

Brasília, 30 de Agosto de 2015

Tu não sabes que é o amor uma invenção divina, para servir de argumento para um mergulho no interior da alma de quem você deseja que a prosperidade e o benefício se incorporem a essência de quem se quer bem?

Não se pode viver isoladamente, há que se mostrar o mundo em que se vive, no que gera felicidade e contentamento, para fazer desta alegria uma partilha de um caminhar sereno e tranquilo em conjunto.

Esta soma de sensações, que afastam as tempestades e lubrifica o coração dando novas oitavas de vida para quem suspira ao se lembrar do olhar de quem se quer bem é o que move as montanhas como os grãos de ervilha do Senhor.

O sentido da partilha somente é exato quando ao infiltrar sobre o olhar do outro a intercepção do que é benéfico para o ser cria a oportunidade de investimento por parte de quem observa ao qual se gera o argumento substancial para agregar algo bom dentro da plenitude do outro ser.

Este algo bom é senão uma impressão que agrada e eleva o ser que necessita de um objeto de fixação da apreensão para instrumentação de seu trabalho de constituição de sua existência.

Jornada de muitas moradas, onde cada dimensão é o reflexo exato da corpulência de uma força criadora que a tudo move e em frações de sua grandeza incorpora nossa capacidade de abstração da essência de uma onda evolutiva.

Por isto eu escrevo, para manifestar que em todo recomeço existe um ato de amor encarcerado, que encontra vazão por meio de signos que esperam interceptar o seu coração, para que você compreenda a mensagem que quero transmitir, para que a sua mensagem seja sentida também dentro do meu existir.

Sem essa comunicação a vida não teria sentido. Porque somos apenas um, ao mesmo tempo nos damos o capricho de sermos plural de nós mesmos na forma simples de humanidade.

Agradeço de coração todas as pedras e todas as plumas, e aproveito este dia especial de minha existência para expressar o exercício de minha recordação de natividade, fazendo dos meus 43 anos uma jornada de contemplação para o exercício do saber e comunhão de propósitos. Afinal eu sou Buda, quando encarno a essência do próprio conhecimento no propósito de dividir entre vós o que faz bem.

Max Diniz Cruzeiro

30/08/1972 🡪 3+0+0+8+1+9+7+2 = 30;

Obs:> mais de 21 coincidências numéricas de datas e registros com o número 30, portanto este é o dia mais especial para mim desde minha chegada neste planeta. Além de ter cravado em meu polegar uma imagem de uma criança sorrindo como constituinte simbólico de minha existência. Prova para mim de inequívoco tutoramento da força Criadora no propósito de auxiliar a minha jornada no que for preciso para melhorar minha constituição psíquica e daqueles que estiverem abertos à troca de sintonias que visem o alcance de uma eternização do ideal humano.

**#End the war Wall.E! INSAUT 116**

**End the war Wall.E !**

**(Disclose before that your country will be the next on the list of hostilities)**

**The war is the latest alternative to the man who cannot choose a constructive way forward for its existence.**

**Aiming to contribute to the balance civilization I suggest the following procedures cognitive volunteers for the pacification of the human mind on earth:**

**1) Promote actions aimed at awakening the observe staff about what you feel, expressed and, in particular the form of the creation and manifestation of thought.**

**2) Promoting actions to allow the impulse of thought that leads to friction is not propeller of new waves of Conflict;**

**3) Promoting actions to individuals to make annotations aware of everything  that really bothers me.**

**4) Promote actions aimed at sharing the conflicting points of view in a rational way.**

**5) Promoting actions to know the line of argument of people or groups that oppose.**

**6) Promote actions aimed to draw up with arguments solutions that the individuals of the group would be able to negotiate to regain the balance;**

**7 Promote actions aimed at the formation of the thinking about the various points of view  and rules for assignment of rights and obligations for the achievement of balance between groups in scale of rivalry.**

**8) Promote actions for the creation of a new establishment of rules with broad participation by respecting the universal principles whose reference is the United Nations.**

**9) Promote actions to define what is common crime for all of the group and to make the necessary repairs of which is considered extreme and contrary to humanity;**

**10) Promote actions to preserve children and elderly of the effects of the conflicts between individuals of different groupings.**

**11) In conflict installed should the economic activity be paralyzed in a working day per week for the reflections can be made in order of generation of tranquility. The media should fulfill its function to register and disclose the proposals and solutions in informative means universal;**

**12) The media should disclose the alternatives found by popular for the conviviality shared of rival groups.**

**13) In the event of armed conflict, while it is not the motivation for alternatives, should be created in units of civilization areas of exclusion to the conflict so that children and the elderly may be moved to such regions free of the consequences of the war.**

**14) In the event of armed conflict, while it is not the motivation for alternatives, must be created a City of Exclusion to conflict in families that do not want the clash can be moved without the danger of extermination or reprisal (preferably in border areas with other countries not involved);**

**15) In any case there should be always predominance of universal human rights as stated in the United Nations and the construction of the dialog as a constant goal that should start each morning without time to stop until the balance of thinking win again the metric of reason.**

**#End the war Wall.E!**

**(Divulgue antes que seu país seja o próximo no rol de hostilidades)**

**A guerra é a última alternativa para o homem que não consegue escolher um sentido construtivo para sua existência.**

**Visando contribuir para o equilíbrio civilizatório sugiro os seguintes procedimentos cognitivos voluntários para a pacificação da mente humana em massa:**

**1º Promover ações que visem despertar o observar pessoal sobre o que se sente, expressa e, sobretudo a forma de criação e manifestação do pensamento;**

**2º Promover ações que visem deixar que o impulso do pensamento que induz ao atrito não seja propulsor de novas ondas de Conflito;**

**3º Promover ações que visem indivíduos a fazerem anotações conscientes de tudo aquilo que verdadeiramente incomoda;**

**4º Promover ações que visem o compartilhamento dos pontos de vista conflitantes de forma racional;**

**5º Promover ações que visem conhecer a linha de argumento das pessoas ou agrupamentos que se opõem;**

**6º Promover ações que visem elaborar com argumentos soluções que os indivíduos do agrupamento estariam aptos a negociar para reaver o equilíbrio;**

**7º Promover ações que visem à formação do raciocínio sobre os diversos pontos de vista e regras para cessão de direitos e obrigações para a obtenção do equilíbrio entre os agrupamentos em escala de rivalidade;**

**8º Promover ações para a criação de um novo regramento com ampla participação respeitando os princípios universais cuja referência seja as Nações Unidas;**

**9º Promover ações para definir o que é crime comum para todos do agrupamento e proceder às devidas reparações do que for considerado extremo e contrário à humanidade;**

**10º Promover ações para preservar crianças e idosos dos efeitos dos conflitos entre indivíduos de agrupamentos diferentes.**

**11º No conflito instalado deve a atividade econômica ser paralisada em um dia útil por semana para que as reflexões possam ser formuladas a fim da geração de tranquilidade. A mídia deve cumprir sua função de registrar e divulgar as propostas e soluções em meio informativo universal;**

**12º Os meios de comunicação deverão divulgar as alternativas encontradas pelos populares para o convívio compartilhado de grupos rivais;**

**13º Em caso de conflito armado, enquanto não se encontre a motivação para alternativas, devem ser criados nas unidades de civilização áreas de exclusão ao conflito para que crianças e idosos possam ser deslocados para tais regiões livre das consequências da guerra;**

**14º Em caso de conflito armado, enquanto não se encontre a motivação para alternativas, deve ser criada uma Cidade de Exclusão ao conflito em que famílias que não desejam o embate poderão ser deslocadas sem o perigo de extermínio ou revide (de preferência em zonas fronteiriças com outros países não envolvidos);**

**15º Em qualquer caso deve haver sempre predominância dos direitos humanos universais segundo o que consta nas Nações Unidas e a construção do diálogo uma meta constante que deve iniciar a cada amanhecer sem hora para acabar até que o equilíbrio do raciocínio conquiste novamente a métrica da razão.**

**Max Diniz Cruzeiro**

**Neurocientista Clínico**

**Psicopedagogo Clínico e Empresarial**

**LEMBRANÇA ENCOBRIDORA INSAUT 117**

**Lembrança Encobridora**

Muitas vezes para suportar a dor gerada por algo que se manifesta na forma de culpa por sobre um indivíduo a necessidade de diminuir a angústia que se sente pela palavra mal pronunciada, o argumento mal interpretado, a coisa feita de forma desidiosa, ao exercício da profanação da consciência, ao desvio da vontade social, ao desvio dos valores e princípios do indivíduo,... a lembrança encobridora surge como um mecanismo de “purificação” que visa criar uma elaborada fantasia que irá gestar novamente a mente do indivíduo que sofre.

A lembrança encobridora distorce os fatos, tornado a lembrança um mecanismo mais coerente com o saber do indivíduo. De forma que ao encobrir um fato ela faz uma gestão homeostática que visa dar equilíbrio ao indivíduo e permita que ele continue reflexivo dentro de um sistema compensatório a exercer os mecanismos somáticos e de interação sistêmica de sua vida. Porque neste instante que se sobre a dor supera exponencialmente o que o indivíduo é capaz de suportar no momento, então este recurso decorre sobre a própria necessidade de manutenção da vida afastando o indivíduo de suas pulsões de morte.

O mecanismo resultante da ação encobridora é uma aparente amnésia social de fatos que marcaram determinados eventos de um indivíduo, se observado o caso individualizado, ou do coletivo, quando o conteúdo esquecido é um trauma coletivo. O sistema de compensação é forte o suficiente para perverter o conteúdo e condicionar o indivíduo dentro de um encapsulamento psíquico concordante com sua natureza de equilíbrio.

Qualquer fato contrário à essência da ilusão fabricada por um indivíduo que abstém o sofrimento dentro de si tem uma tendência natural de ser severamente repreendido e não reconhecido quando descoberto, tamanho o grau de envolvimento de entrelaçamento da malha cinética.

O modelo cinético da somatização do pensamento é forte o suficiente para incorporar estruturas multidimensionais que ligam a percepção do indivíduo a falsos pensamentos em circuitos reverberantes que servem como núcleos de vizinhança para compor uma estória que servirá para refletir a realidade fabricada artificialmente.

Expor um indivíduo a falsidade de uma realidade encobridora, seria o mesmo que o projetar de sombras sobre o seu inconsciente em que o retorno da culpa irá contribuir para a retomada do conflito e consequentemente o sofrimento.

A realidade psíquica neste caso é uma linha tênue entre o simbólico e o imaginário, em que o distanciamento projetivo está ligado ao limite em que o indivíduo extraiu a informação ambiente e a somatiza de forma integrada num determinado momento e ao somatizar da informação que deixa derivar as formas internas já constituídas dentro de si.

Quanto maior for a utilização do conhecimento fixado dentro de um indivíduo, mas distante da realidade está o indivíduo, do ponto e ângulo perceptivo que os elementos anteriores, a fixação mais atual, estão coordenando as diretrizes e os modelos do pensamento.

Pode-se dizer que o uso intenso de uma memória instantânea, aquela em que o impulso é capturado, transformado e utilizado integralmente em seguida mais próximo o indivíduo irá se encontrar da realidade que é a possibilidade de transcrição dos entes reflexivos de transformações químicas e físicas que ao colidirem com o corpo humano transmite um fenômeno de ressonância que ao ser capturado por meio dos sinais eletromagnéticos se converte em matéria prima na geração de pulsões a desencadear movimentos e excitações motoras.

Sob este olhar no passado está o indivíduo que gera uma lembrança encobridora a deslocar o seu eixo de atenção para uma pseudo realidade, bem mais próxima do eixo imaginário e simbólico.

Os mecanismos de formação das falsas lembranças utiliza-se de uma estrutura alocativa pervertida em que saltos do imaginário sobre a consciência transformam o delírio de culpa ou da não aceitação em um alicerce da realidade. Este empréstimo hipotético de encadeamento da lembrança de outros acontecimentos desperta sobre o indivíduo uma reengenharia de fluxo em que sua experiência o permite identificar padrões de encaixe que melhor ajustem a reorganização simbólica.

De forma que um evento bem sucedido anteriormente irá conotar uma transferência do núcleo saber para um complexo social afetado pela ausência homeostática, para outro complexo mais denso e elaborado cuja junção da informação permita mesclar o comportamento do indivíduo dentro de um molde em que os falsos parâmetros encontrarão livres da resistência enquanto os núcleos afetados serão segmentados e saturados para que seus conteúdos não possam ser acessados facilmente.

Para pacificar o conteúdo, a liberação de endorfina, dopamina, serotonina ou outra substância ativadora de prazer contribui para ativar a libido a fim de intensificar a conjuntura dos nós na formação psíquica promovendo a conversão dissociada da mente em um ente programado completamente coeso condicionado dentro de si mesmo como um circuito de ativação neural fechado.

A liberação da consciência prisional do indivíduo apenas é indicada no caso de persistência do sofrimento na forma sintomática em que a lembrança encobridora não foi suficiente formulada para pacificar a mente do indivíduo, pois a sua forma conceptiva traçou um projeto de equilíbrio em que a consequência natural derivou um viés cuja afetação canalizou os recursos de incompreensão do inconsciente para outra locação em que se faça uso da memória procedural de um indivíduo.

**PERVERSÃO INSAUT 119**

**Perversão**

**Beautiful eagle is just object safely!**

Quero beijar os teus lábios antes da primavera e por um instante me esqueci de que o devorar da boca, a dança da língua, o engolir do objeto que se introduz sobre o arco dos lábios, o absorver do fluxo de quem deixa se introjectar, o ingerir da saliva têm a intenção de nutrir o organismo com o orgasmo intestinal. Porque a função biológica do meu beijo que planejo em sua boca não podia existir, pois se assim fosse seria perversão.

Por um instante deixo o meu Alter Ego instalar você como uma moção de ego dentro de mim, e passo a confabular seu gosto e meu desejo se torna intenso para aproximar a minha intenção de perverter o estímulo biológico de se alimentar e pronunciar palavras para satisfazer a existência de minha libido que aflora.

E quando você passa a existir dentro de mim somos apenas uma única dimensão no universo. Este mecanismo do outro ego dentro de mim torna minha necessidade de orquestrar o seu desejo em sintonia com o meu desejo de existir.

O prazer que eu sinto em criar um sólido vínculo com este mecanismo seu que reside dentro de mim como um circuito neural dual que serve a dois senhores. À essência do meu Eu que quer te agradar e a essência do outro, na forma de um circuito seu sobre meu espírito, plantada dentro de mim.

Então neste momento eu divirjo num processo de clivagem do ego, onde esta transformação me faz segmentar o meu desejo de utilizar os meus lábios sob múltiplas manifestações de pensamento.

E a loucura se apossa do meu ser quando a idealização de um pensamento de conexão meu, em que meu Alter Ego simula os meus lábios fixados nos seus lábios, passa a variar entre a necessidade de se satisfazer sexualmente e a ingestão química do movimento mastigatório, ao mesmo tempo em que o ato de devorar e te engolir tornam a percepção do fato ato inexequíveis de realização, porque esta função biológica somente tomará como impulso o consumo de alimentos.

Então num impulso econômico contabilizo valores e prospecto juízos em que meu desejo de unir meus lábios aos teus torne a realidade presente. Esta dinâmica que faz fluir a energia libidinal de um lado para outro de meu cérebro faz de minha alma cativa de seu olhar e da intensidade que seus olhos emanam alegria em minha direção.

A natureza topográfica do meu desejo, em que consigo mapear meu estímulo segmentando-o por áreas de atuação da manifestação de meu desejo é capaz de dinamicamente avançar à minha volição e imaginar um enlace de minha alma no avanço periódico de minha libido sobre sua vontade.

Mas o sofrimento da distância toma conta da pulsão de morte, ao canalizar a direção em que a libido deve condicionar os meus pensamentos a guiarem pela luz que me trará você para meus braços.

E uma sensação de quase morte, em que o princípio do nirvana se aproxima, só servirá para aquietar minha mente e colocar o fluir do meu desejo pelo seu beijo mais próximo do gozo em que o fluir imaginário de minha anulação somente faz surgir dentro de mim à aproximação de uma oitava na forma de frequência que irá conduzir a percepção de sua mente pela expansão que o meu pensamento irá trazer você para mim da conexão do meu Alter Ego em que sua nota está fixada em minha memória, com sua essência.

Se telepatia existe é desta forma que me comunico com sua essência. É desta forma que transformo o meu beijo em um elixir que não encontra fronteiras para repousar nas batidas do seu coração que posso sentir o rufar entre um e outro acorde matinal.

Novamente estou aqui a perverter o sentido biológico do estímulo, porque segundo o princípio do prazer que me encoro em cadência transferencial do Alter Ego para o meu ego, a necessidade de me envolver e me encapsular contigo fica mais intensa.

Então sou só a manifestação de afeto, sou só a manifestação de desejo, sou só a manifestação daquilo que gera qualidade para me aproximar de você. Porque busco qualificar minha essência para que o relacionamento possa ser construído e direcionado para a afetação de meu princípio de realidade.

Porque o real para mim é me privar energeticamente de satisfazer das pequeninas coisas que estão próximas de mim, para usar de investimento libidinal a minha necessidade de me vincular contigo na forma de um super investimento meu sobre a obtenção de um prazer mais intenso ao qual me conscientizo que vale apena fazer com que as outras pequeninas manifestações do desejo também manifestadoras de prazer possam esperar por mais um pouco de tempo.

Mas em um dado momento percebo que o meu Alter Ego não pode ser plenamente satisfeito, porque à boca pertence outra função biológica do existir. Então me manifesto parcialmente junto ao meu desejo de te engolir e de te mastigar como quem devora o ser amado para aquiescer a mente com a hipotética satisfação em consumir o ser que se ama.

Novamente a perversão toma conta de mim, e o não atingimento de minha plenitude em te consumir topograficamente gera uma dinâmica que faz surgir dentro de mim uma censura, e a partir desta censura meu corpo entra em aflição em que visualizo o distanciamento da consumação de meu desejo.

Nestas horas me afeto pela angústia de não me possuir integralmente. Porque o sentir hipotético é intenso e a projeção da realidade um desejo difícil de ser atingido.

Então meu corpo passa a se agitar, e com este processo de ebulição de meus caracteres genéticos, a irritação é lançada como semente de discórdia. Porque mesmo que meus lábios consumassem aos seus, o gozo seria uma instância parcial e o meu prazer uma estrutura divisível que não contentará a todos os seus senhores do desejo, pois são muitas as dimensões que querem cada quais manifestar uma utilidade-função para o objeto exógeno da canalização da libido: vulgarmente chamada de boca.

Então a perversão adquire o seu auge no atingimento da agressividade, em que uma punição a mim mesmo faz introjectar sobre o meu complexo de Édipo, pensamentos densos pela satisfação não atingida como uma regra de punição de meu desejo que não pode ser plenamente satisfeito. Porque neste instante sou uma infinidade de mecanismos que cada um quer ser senhor de mim mesmo e a fusão do princípio que os integram dentro de minha pessoa não é possível de ser alcançada, porque fui displicente e não conduzi o meu espírito para a integração de minha alma.

Se o perverso gosta de ficar no controle, a minha perversão é o semblante a formar um enigma de minha identidade como interpretação de minha coerência da vontade.

A minha representação e o meu afeto ficarão fadados a meu aprisionamento intrapsíquico em que o princípio de recalque mais cedo ou mais tarde agirá em mim me afastado dos desejos que me farão ainda mais forte incorporar o sofrimento de estar longe de ti, e, aproximando o controle da minha própria afetação em que torna possível fazer com que meu fluxo psíquico possa apenas percorrer sobre os alicerces daquilo que eu me permito existir.

Por isto clamo a quem tanto amo que na primavera nem que seja por um único instante que meus lábios possam se fundir aos seus. Sou neste instante pura perversão. Sou perverso. E espero com minha perversão orientar o meu desejo de integração na construção de uma só unidade, mesmo sabendo pelo suplício de Tântalo que o desejo nunca será de fato realizado, porque mesmo os lábios unidos, jamais a projeção de nossas carnes transformará a essência em um único instrumento de perfeição do Senhor, mas apenas irá conduzir ao reavivamento da promessa celestial de um dia tornar o ser humano pleno da sua conquista de unidade sensorial e de pensamento integrado.

Veja mais em: www.lenderbook.com

**TERRA: CONTROLADA POR NÚCLEOS PSICÓTICOS, NEURÓTICOS E PERVERSOS INSAUT 120**

**Cidadãos do Planeta Terra: Em qual delírio te instruíram?**

Pessoas gostam de controlar e sentir no controle de suas apreensões perceptivas. Para isto quando estão em escala de interação com outros indivíduos não medem esforços para introduzir aspectos pessoais seus sobre a percepção do outro.

A especialização da observação exterior por parte de muitos indivíduos de uma civilização cria uma propensão para uma especialização sobre o comportamento que torna indivíduos mais aptos a se destacar em um meio social e a passar a comandar seus reflexos como sendo estruturas coesas representativas da realidade.

A noção de controle surge como uma necessidade de tornar os agrupamentos unidades coesas de entendimento. Porém este mecanismo cria a constituição de dois núcleos de modelo de pensamento: uma estrutura pensante; e outra estrutura acéfala.

A estrutura acéfala tende a ser consumidora da informação que é distribuída pela estrutura pensante.

A estrutura pensante tem compromisso para com a realidade projetiva de seu desejo pessoal. Por esta razão a fantasia é utilizada como recurso de persuasão para agregar elementos de manutenção de um “equilíbrio” social.

A necessidade natural de empodeiramento gera uma tendência de redução progressiva da estrutura pensante, no qual a percepção da informação vital, consciencional e universal fica restrita a alguns círculos sociais.

A grande massa governada em qualquer estrutura terrestre é refém de sua própria ignorância e somente é despertada para exercer determinados mecanismos de afetação quando uma necessidade maior da estrutura pensante exige o despertar para uma progressão do conhecimento.

A manipulação se concentra em torno de indivíduos de elevada formação psicótica e neurótica conforme demonstrou Freud em seus estudos sobre a psique humana. E na maioria dos casos um largo composto egoico sintetiza a necessidade do agrupamento de pessoas em torno de si mesmo.

Não estou afirmando que pessoas dementes são constituidoras do modelo de gestão do psiquismo social, mas que este composto psicótico e neurótico que está presente em todo ser humano é mais bem trabalhado por pessoas que se qualificam para seguir os caminhos de direcionamento de políticas humanas e sociais com as bases projetivas de avanço sobre o princípio de prazer do outro e controle da libido.

São os casos específicos para nós escritores que incorporam esta tendência pela disseminação da informação apreendida. O ato de informar por si mesmo é a manifestação psicótica do desejo pessoal em transmitir algo que fez algum sentido para si mesmo. E nada decorre a não ser de uma especialização em canalizar respostas para os conflitos humanos e encaminhar para os públicos das literaturas as soluções encontradas que irão desenvolver o intelecto de quem as procurar por elas.

Este vício da aglutinação da informação é um modelo de psiquismo eficiente, que se especializa em observar traços em que o agrupamento não tem tempo suficiente para trabalhar com determinado tipo de informação.

Da mesma forma que no mundo literário e cultural indivíduos com especificidades psicóticas e neuróticas transferem informações para a sociedade, que também esta forma de controle, é observada no meio político, econômico e institucional.

Os mecanismos sociais psicóticos e neuróticos com maior empodeiramento sabem que a informação é vital para a consumação de seus núcleos de desejo restritos. Então um sistema de aparelhamento repressivo por percepção falha do controle entorpece as pessoas de estrutura pensante sob a necessidade de dominação, que está ancorada sobre a manutenção da utilidade pessoal como criatura pensante, faz refletir sobre as estruturas acéfalas um comodismo latente, de que tudo caminha bem, que é a terra o único oásis vital para a vida no universo e é capaz de convencer que não existe nada vivo fora do planeta porque tudo se concentra em termos de vida dentro de uma única atmosfera.

Ao mesmo tempo é capaz de diferenciar uma estrutura punitiva externa para aqueles que demonstrarem mau comportamento na forma de um Deus que irá punir e cobrar as imperfeições humanas.

Deus ao mesmo tempo é tudo, vive aqui dentro e vive lá fora. Ora a conveniência torna Deus uma estrutura biológica e ora um ser celestial que habita em todo o universo.

Porém a existência de um mundo vital lá fora não pode ser concebida porque o neurótico e o psicótico perderiam o controle sobre a percepção daquilo que eles não conseguem mitigar o controle lá fora.

É assim que se constrói toda uma civilização infantilizada por suas pseudo descobertas, motivo de chacota e de anedotas por um universo complexo impossível da não existência de vida inteligente em outros recantos celestiais.

Depois a própria civilização de corrompe desejosa de progresso, mas infantil em suas estruturas cognitivas de raciocinar o universo. Porque projetistas de civilizações e populações não conseguem se entender. E um acaba por ser reflexo da frustração do entendimento do outro.

Esta civilização foi levada a crer que todo o raciocínio provém da constatação da realidade atmosférica, então copiamos a historicidade como forma de realçar e ressaltar as estruturas psicóticas e neuróticas que supostamente muito contribuíram para o avanço da civilização humana.

Nesta hora é conveniente esquecer a concepção de Deus como guia da realidade, porque o interessante é ressaltar os feitos da estrutura pensante.

E à medida que há avanço no desenvolvimento de toda civilização e um estado de mecanicidade torna útil mecanismos de retenção do saber, historicamente a conveniência ressalta o que pode ser controlado, e o que não pode ser controlado é colado à sombra da revelia humana. Porque se fosse o contrário o desejo maníaco de um psicótico ou neurótico poderia ser contrariado porque suas certezas calcadas no seu auto consumo de sua vaidade não teria representação real perante os seres que seu desejo é o controle da percepção ao qual se insere o ponto de vista da natureza do pensador.

Então o psicótico e neurótico político, econômico e institucional não conseguiria repousar sua mente diante da necessidade de domínio da loucura do outro que se absteve de pensar para viver dentro do delírio de uma vida “cômoda”, “farta”, “homogenia”, “equilibrada” e funcional.

**Max Diniz Cruzeiro**

Neurocientista Clínico

Psicopedagogo Clínico e Empresarial

Marqueteiro

Estudante de TI e Psicanálise

**Déjà Dictionnaire (Uma vez já dicionário) INSAUT 121**

**Déjà Dictionnaire (Uma vez já dicionário)**

**Extração de sensações**

**Beautiful eagle is just object safely!**

**Déjà vú (visto ou presenciado)**

Quando eu o olhei pela primeira vez tive a sensação de já ter presenciado sua manifestação de presença diante de mim em algum outro momento em que identifiquei como uma reencarnação passada.

**Déjà vi (visto ou vivido)**

Vivi cada instante daquele momento, e ao observar seu semblante tinha a sensação de um algo já vivido que tomou conta de todas as minhas sensações e ao mesmo tempo incorporou dentro de mim a impressão de que tudo já foi reflexo de um dia de nosso passado.

**Déjà cliente (Já cliente)**

Então parei para raciocinar e vi que você já era uma estrutura que já estava representado dentro de mim mesmo e que um relacionamento prévio já estava estabelecido mesmo antes de ter sua presença ao meu lado.

**Déjà inscrit (já está registrado)**

Tudo já estava registrado em minha mente, por mais que encontrasse milhares de motivos para negar as recordações já existiam dentro de meu pensamento e aflorava com a interposição de cada movimento seu.

**Déjà solde (já está equilibrado)**

É como se o equilíbrio que você me transmitia já estava instalado dentro de mim. Não precisava sobre este ponto de vista nenhum esforço meu para entender seu estado de afetação do humor que você trazia em sua face.

**Déjà cité (citado)**

E o pronunciar de minhas palavras em sua direção era uma repetição de um ocorrido já citado um dia. Então fazer com que eu refletisse as ideias era como se desencadeasse sobre você o que já havia sido no passado.

**Déjà crée (já criado)**

Então tudo já estava criado. Nada mais podia ser inventado numa relação presente porque eu tinha a noção de que tudo era acontecido. Era como se meu passado refletisse novamente sobre o meu presente.

**Déjà fait (já feito)**

Já estava feito, o que iríamos elaborar em nosso presente em virtude de nosso passado já construído. Tudo era questão de repetirmos e aperfeiçoarmos nossas apreensões.

**Déjà recontê (já acontecido)**

O futuro tinha um delineamento estabelecido. Para mim era previsível a sua história a desencadear sobre a minha essência. Então um ar de previsibilidade tomava conta de mim porque já conseguia supor o destino que me esperava quando pensava em você.

**Déjà morta (já morta)**

Por um instante a lembrança sua para mim me jorrou a impressão de que estava morta. Como se estivesse profundamente enterrada no mais profundo abismo de minha existência.

**Déjà vécu (já viveu)**

E que de repente um insight... aflorou a ação de que um dia a lembrança já viveu dentro de mim. Porque era muito intenso tudo o que eu lembrava e associava de ti em uma vida que não se fazia presente, porque aquele era o primeiro momento em que nos encontrávamos.

**Déjà visite (já visitei)**

Era como se o ambiente já estivesse sido visitado. E você dentro dele se arranjava em uma sintonia e perfeição que se encaixava diretamente com o meu Déjà vi.

**Déjà vibe (já curtiram)**

E o seu olhar já representava para mim uma satisfação anterior antes sentida que não era a representação presente que estava sendo sugestionada no momento em que o via.

**Déjà lu (já li)**

Nesta hora para disfarçar minha aceleração de minha mente e de meu coração, fui à prateleira daquela livraria e li um trecho de autor desconhecido que dizia algo sobre você cujo conteúdo tinha tido a nítida sensação de ter lido.

**Déjà donné peine (Já se deu mal)**

Tive naquele exato instante o temor de que na minha existência passada nossa história não ter tido um final feliz e por isto relutava em fixar minha mente e meus olhos em você!

**Déjà lointain (já distante)**

Então uma sensação de que tudo estava distante de mim voltou a circular minha mente em estado de tensão e aflição, e procurei neste instante reduzir minhas certezas de que teria você no enlace dos meus braços.

**Déjà commencé (já começou)**

Era como se tudo tivesse começado novamente sobre as mesmas regras da vida francesa de outrora, da mesma forma tosca em que nossas vidas se consumiram e um estado de devaneio tomou conta de minha morada como se o recomeço tivesse surgido do mesmo ponto de inflexão negativo que deveria desencadear nosso triste futuro.

**Eternamente, Je suis!**

**ATENÇÃO FLUTUANTE INSAUT 122**

**Atenção Flutuante**

A atenção flutuante é um estado de canalização de informação em que o receptor não tem a intensão de que seja gerada dentro de si uma reflexibilidade do pensamento, nem a geração de um estado de condicionamento reativo, mas que se planeja colher a informação conscientemente sem, contudo esboçar qualquer forma de interação com a realidade de quem projeta o saber que se transmite.

Por outro lado quem atua em atenção flutuante quer de fato o isolamento projetivo da percepção alheia. E para preservar intacto o seu conteúdo como observador requer o desenvolvimento de uma linguagem com estrutura própria capaz de absorver a informação e codificá-la dentro de uma estrutura que se encaixe em um mecanismo de análise de um fenômeno.

A pessoa em estado de atenção flutuante não encaixa o que apreende como recurso a ser utilizado em sua existência o conhecimento alheio colhido, uma vez que a verdadeira intenção de quem opera nesta frequência é enquadrar o pensamento alheio dentro de uma estrutura de regramento que permita a devolução por via transferencial de um conhecimento necessário para o apaziguamento de uma relação de conflito em que o indivíduo emissor venha a estabelecer dentro de seu convívio.

Para ativar o estado de atenção flutuante, deve o receptor abster de seu pensamento cotidiano para ativar a sua linguagem de transcrição em que a fonte emissora desencadeia emanações de energias sonoras em direção ao ouvinte.

A linguagem de quem pratica a atenção flutuante difere de sua própria estrutura neural cognitiva, para servir como um mecanismo de defesa ao esboçar um dique contra ataques em que a transposição egoica iria entender como um ente a afetar o equilíbrio sensorial do indivíduo que absorve.

Quando uma estrutura cognitiva se molda pela interpretação do ambiente, é o observador agente de sua própria sorte, porque o avanço da tensão alheia, para fins de interpretação, também estabelece o conflito internamente dentro de quem quer compreender uma problemática de conflito, ou seja, o observador. Por isto é fundamental que o indivíduo que canaliza a mensagem alheia, que desenvolva dentro de si mecanismos de atenção flutuante para que seu conteúdo pessoal possa ser preservado, longe do avanço da necessidade de incorporar os desejos, valores, juízos e lógica e reflexão do pensamento de quem sofre. Quem não desenvolve a atenção flutuante é capaz de sofrer junto de quem sofre, temer com quem teme, chorar com quem chora, se ressentir com quem se ressente, e... no final das contas deixar de ser, o observador, figura de si mesmo para ser o outro que se angustia.

**O GOZO INSAUT 123**

**O gozo**

O gozo é a subversão do prazer. O prazer deriva de uma privação de sentido que a intensificação do desejo se dá através da intensificação do desprazer. O desprazer se estabelece da relação de privação de setores corpóreos da canalização de energia que é desviada para o núcleo de processamento cerebral que se pretende intensificar a libido para a obtenção da descarga sensorial na forma de gozo.

O gozo é, portanto, uma canalização de realização parcial. Que induz o indivíduo a perscrutar novas tratativas de reconhecimento do padrão vibracional na forma de uma estrutura de repetição do evento-fenômeno desencadeado pela corrente excitatória.

A satisfação é mais intensa que o gozo, e muitas vezes ela decorre deste último, uma vez que ela permite que o organismo acesse as zonas cerebrais em que o relaxamento corpóreo, pela utilização hormonal geradora de fantasia libidinal, permite que o cérebro entre em uma nota ou sintonia de revitalização mais propícia ao encontro de pensamentos que foram gerados dentro desta linha de raciocínio.

A satisfação se espalha pela ativação de diversos centros do encéfalo, enquanto o gozo se concentra em determinadas estruturas neurais uma energia libidinal que quer se expandir para o mundo exterior.

O gozo é pura manifestação de intensidade a romper as resistências internas em que os circuitos neurais estabelecem para regrar a distribuição da energia que circula pelo corpo.

O prazer e a consequente satisfação são unidades harmônicas geradoras de equilíbrio, enquanto o gozo por ser uma descarga intensa cria a saturação orgânica que aproxima o indivíduo de sua pulsão de morte ou nirvana.

A intensificação da libido para expandir de forma focal no alicerce de uma estrutura neural estabelece uma relação de desespero em se livrar de grandes concentrações de energia que o resultado da eliminação da tensão é o alívio instantâneo que o gozo desencadeia como reflexo de uma passividade natural que suaviza o corpo e devolve o reestabelecimento da pulsão de vida.

Este alívio é conquistado pela liberação hormonal surgida pela elevação do calor interno cujo aquecimento é responsável pela produção maciça de substâncias de ativação muscular responsáveis pela intensificação da sensação de bem-estar. Como a temperatura demora a se dissipar internamente a sensação de torpor é mais demorada na progressão da sensação até que o organismo volte a sua constituição de estado normal porque o organismo continua em plena produção das substâncias hormonais.

**A PSICOLOGIA DE DEUS INSAUT 133**

**A Psicologia de Deus**

**Beautiful eagle is just object safely!**

Deus conversa contigo através de uma matriz de pensamentos. A colhida da informação sensorial que torna Deus onipotente e onipresente em todo o parâmetro tridimensional está na apropriação de uma escuta dinâmica e celestial de sua alma. Por isto Deus é detentor da palavra, porque ele exercita a fala, o pensamento, a moral, os costumes, a ética e o não-senso.

Ele está na coordenação de tudo o que se move e tudo o que se apresenta de forma estática sobre o globo terrestre. Deus é ao mesmo tempo a frequência que faz tudo se mover e também o ser que se locomove quando representa a perfeição na coisa criada, como uma criatura de manifestação divina.

A matriz de pensamentos humana é uma das múltiplas faces do Senhor. Que tem sua constituição também em qualquer reino constituinte de seres vivos e coisas inanimadas, estas últimas por controle georreferenciado dos mecanismos de eletromagnetismo que circulam os objetos, sejam eles sólidos e líquidos ao vibrarem dentro do seu eixo imaginário de campo gravitacional.

Deus, portanto estabelece a todo momento uma comunicação radiante contigo. Mas é através do respeito do seu livre arbítrio que se constrói a identidade de tudo que se locomove.

A matriz de pensamentos poderia não existir e tudo se afetaria de forma grotesca, pois o homem está a tanto tempo condicionado com a presença de Deus como guia que jamais poderia conceber a sua existência sem que este princípio estivesse ativo e operante em sua mente.

Mas como em todo o processo de comunicação entre as criaturas, existe o surgimento de um padrão de conduta e resposta. No qual Deus ao agir adentra na frequência do indivíduo dentro da fundição de sua lógica de pensamento.

Porém quando o homem está distante de seu propósito de existir, Deus diante da manifestação triste e de sofrimento do homem lhe oferece dois caminhos, com duas percepções distintas, com duas direções a seguir, com dois objetivos nobres a perseguir.

É como se neste momento a intercepção de Deus estivesse te mostrando que o seu agir é capaz de direcionar o rumo de seu livre arbítrio, porém o sentido da pílula vermelha e azul extraídos do filme Matrix simboliza este compromisso de ajustar o cérebro do indivíduo em um ajuizamento de uma frequência em que o seu livre arbítrio é respeitado.

E o sentido dúbio de Deus indica a disposição de você poder visualizar Deus como um Ser Presente, e ao mesmo tempo um imenso Mecanismo Celestial em constante operação sobre nossas vidas, ao interceptar destinos e aproximar, e apartar tudo que se move de acordo com um propósito integrado.

Então perseguir um caminho é responsabilidade sua, e a todo o momento você pode modificar a trajetória de sua vida.  Deus é essência porque ele evolui consigo porque tem o registro de sua jornada desde o momento que você fora concebido, e mais distante ainda é Deus presente na vida de teus antepassados, e também dispõe do registro do que o planejamento de vida os tornou seres da manifestação do absoluto.

Deus é ao mesmo tempo Memória, contemplação, ação e unidade. Por estar presente em tudo é agente de transformação e agente de mudança por ser síntese dos diversos tipos de agrupamento entre seres vivos que compõe uma integridade biológica.

E a todo o momento Ele dispõe de dois mecanismos: o que irá te mover para o equilíbrio da não afetação de seus princípios, e do mecanismo que irá te guiar para a aproximação da vida celestial.

Novamente as pílulas vermelha e azul estão dispostas para você perseguir o sentido que melhor irá iluminar o trajeto que você escolheu para seguir a sua existência.

Ele sabe que a adição de uma Verdade Celestial em nossas pequeninas vidas humanas corrobora para a elevação da alma, quando o indivíduo está preparado para escutar a Deus em todo o seu esplendor e plenitude, porém quando a alma não é um vaso cheio de virtudes a palavra de Deus torna motivo de adoração e o homem passa a escutar aquele tipo de argumento que mais lhe convém para o padrão vibracional que sua existência está apontando em um dado momento.

Então Deus é paciente, sabe que o destino do homem está no infinito celestial, e se propõe a pacificar a mente de quem se ressente para quando as condições propícias de entendimento forem construídas que a verdade seja novamente oferecida como uma tratativa a reformar o conhecimento adquirido.

E novamente as pílulas são distribuídas ao ouvinte na forma da mecânica celestial. E novamente a decisão de perseguir o tipo de condicionamento psíquico que melhor lhe apraz é exclusivamente sua. Porque se deus agisse com displicência, seria o homem desejoso de seu desterro, e sua alegria em viver (da criatura) iria esvair-se a cada entardecer e amanhecer em um vale de lágrimas.

Deus transcende até o limite do tempo, e devido a sua mecanicidade ser integradora é o próprio agente de transformação celestial. Ele guia desde a mais insignificante rocha até o mais avançado planeta que se encontra na órbita celestial. Nada é capaz de sair de seu controle, porque ele é registro, ele é memória, e ao mesmo tempo é a própria ordenação de tudo que esboça transição de estados.

Deus poderia neste momento apresentar para você como uma unidade robótica a fluir ondas de rádio por toda a circunferência terrestre a controlar o seu destino, se este for o caminho que você um dia não hesitou em escolher, como também poderia preparar um homem para nascer e incorporar a própria imagem como sendo o próprio criador para fazer com que a sua mensagem fosse acessível ao entendimento de quem dele necessitar.

Deus sabe do seu caminho, então ele poderia interceptar o seu coração da esquina através de um olhar de um menino a lhe suplicar um momento de atenção sobre o pretexto de um auxílio monetário ou um punhado de comida.

É a todo instante ele está te ofertando as duas pílulas para que seu estado de equilíbrio não se rompa e você possa seguir pelo aprendizado que melhor lhe irá conduzir a perfeição do seu designo segundo a sua auto escolha de afetação.

Ele é o próprio caminho, o próprio designo e a própria ilustração da autodeterminação do indivíduo. Ele é a excitação, o orgasmo e o delírio. Ele é a comunicação que liga teus neurônios diretamente ao seu centro de decisão.

Ele sabe que você sendo a imagem de sua contemplação, que sua apreensão unitária, que pertence somente a você cujo constituinte é chamado de personalidade, deve ser preservada, porque você incorpora um segmento do todo dentro de você. E que os fragmentos da verdade que compõe o teu organismo, criatura do Senhor, servirão para o propósito da manifestação do próprio Senhor.

Porque cada fragmento a diferir de um organismo para outro representa uma informação divina encapsulada. E Deus observa como um pigmento seu preservado sobre sua própria criação. Por isto ele não colabora para padronizar e aniquilar aquilo que o ser humano apreende, porque tudo tem utilidade à Luz e aos Olhos de Deus.

É como o dado é de grande significação para a geração de informação, é como aglutinações de informações são fundamentais para a geração de conhecimento. É como a incorporação deste conhecimento só teria objetivo realizado se fosse utilizada através da fabricação de um saber que poderia ter serventia se fosse reproduzido sobre as criaturas cujo propósito de criação havia se referenciado em sua formação e constituição da matéria VIVA, como obra divina.

Deus está de posse do contínuo. Ele sabe quando o homem se organiza para destruir a sua própria constituição e imagem. Mas Deus é incapaz de exaltar-se para afetar o homem que conspira sobre a sua própria constituição, porém se exalta para responder ao designo do homem que irrompe seu conhecimento para aniquilar a si e a própria criação.

O limite para Deus está numa região entre a vontade humana, o contínuo e a autodeterminação coletiva. Onde o equilíbrio de adequa como regramento de transformação pessoal e social no qual o homem consegue viver sem o tutoramento de sua realidade dimensional.

Somente os anjos foram capazes de realizar tais feitos, e por isto estes se esforçam para alcançar os mais longínquos sistemas siderais para fazer valer o ensinamento da interjeição divina.

Por que Eles não mais se enquadram dentro do tutoramento divino, porque é a própria representação de Deus na terra, porque seus desígnios já estão incorporados dentro de sua própria essência e por este motivo podem verdadeiramente ser considerados libertos de tudo que possa parecer imperfeição e a cristalização do mal.

Novamente aqui lhe é oferecido duas pílulas: vermelha e azul. Para que o seu entendimento possa retroceder para a pacificação de sua mente como anteriormente se encontrava, ou para prosperar em entendimento celestial. Porque o objetivo não é te tirar do seu centro de gravidade, mas de mostrar que existem outras percepções e caminhos que te conduzirão ao caminho infinito da consciência cósmica.

Você tem o seu livre arbítrio para absorver de Deus todo o tipo de informação que desejas consumir para a manifestação de seu espírito. Até mesmo a dúvida é um tipo de consumo que lhe é permitido prosperar.

Colhemos o tipo de excitação que melhor nos convém na gestão dos instrumentos que temos sob controle em um dado momento. E Deus ao fazer sua parte de aproximar de nossa necessidade os recursos de que necessitaremos para chegar às conclusões que irão nos movimentar dentro de nossas escolhas está colaborando para que nossa elevação celestial possa finalmente ser alcançada.

O caminho é você quem escolhe, se curto ou se longo, se reto ou com desvios, você sempre terá a oportunidade de escolher o ritmo que melhor te apraz para encontrar o verdadeiro designo de sua existência e a elevação espiritual para sua jornada a toda a dimensão da criação divina.

Sua história, seu passado, seu presente e seu futuro são memórias do Criador. E a ele retornará realizado toda a vez que o seu ponto de satisfação plena for atingido e sua jornada for sustentada em verdades universais.

Neste momento quão próximo você está de si mesmo e quão próximo você está da matriz de pensamentos do Senhor? A escolha é sempre sua: quer a pílula vermelha ou azul?

Palavra de um Ateu

Max Diniz Cruzeiro

LenderBook Company

www.lenderbook.com

**[CRISE GLOBAL] VIDA SOCIAL EM TEMPO DE CRISE INSAUT 134**

**Crise Global**

Vida social em tempo de crise:

1º) Faça tudo você mesmo:

- Compre mantimentos básicos e aprenda a fazer o que você está acostumado a consumir (dica: vídeos do youtube);

- Aprenda a comprar os materiais e reformar as coisas que não podem esperar em sua casa. Nunca gaste nada sem antes estudar detalhadamente cada item que você precisará de adquirir para fazer o conserto para evitar gastos desnecessários.

2º) Faça de sua casa um restaurante entre amigos:

- Combine com seus amigos de cada um trazer um prato e confraternize ocasiões especiais; ou;

- Transforme sua casa em um clube de negócios (restaurante doméstico) onde cada um irá contribuir com uma quantidade de dinheiro para consumir a refeição.

3º) Em época de gasolina cara:

- Reduza seus deslocamentos desnecessários;

- Aproveite uma única viagem para realizar várias tarefas de que venha a necessitar;

- Condicione seus horários com as pessoas do seu convívio para aproveitar o deslocamento simultâneo para mais de um membro de sua residência ou amigos;

- Resolva tudo o que puder por processos on line, como: Internet ou telefone;

4º) Evite empréstimos bancários:

- Faça um esforço para quitar suas dívidas com juros mais elevados o mais rápido possível.

- Em caso de real necessidade tente primeiro vender algo de sua posse, para em seguida requisitar recursos com pessoas de sua família.

- Reduza seu pacote no banco, você não precisa ser o top de linha neste momento, pois está projetando seu consumo para baixo.

5º) Hora de reduzir progressivamente as despesas:

- Se você possui mais de um telefone se condicione apenas a ter uma única operadora.

- Reduza a despesa de água e energia elétrica. Veja na internet como fazer isto.

- Escolha o pacote de tv por assinatura mais barato, ou elimine a despesa.

- Quando o gasto for estritamente necessário procure profissionais em seu ciclo de amizade para fortalecer o intercâmbio monetário no seu agrupamento.

- Não é hora de fazer novas assinaturas e nem se endividar em financiamentos.

- É hora de evitar o Entretenimento que irá ampliar os seus gastos. Mas crie alternativas para consumir diversão sem onerar seu orçamento. Não encoste em seus amigos suas despesas.

- É hora de reduzir o consumo:  de bebidas alcoólicas, cigarro, produtos caros que existam substitutos mais baratos, passeios, cosméticos, brinquedos, viagens,...

Investimentos que não devem ser reduzidos de forma alguma:

- Investimento pessoal em Educação;

- Investimento pessoal na casa própria se você morar de aluguel;

- Investimento em profissionalização;

6º) Não é hora de:

- Não é hora de sair do emprego por algo incerto;

- Não é hora de investir em bolsa de valores (pequeno poupador);

- Não é hora de usar o cartão de crédito até o limite de consumo; Reduza a quantidade de cartões no banco. Nunca deixe resíduo do cartão para o mês seguinte, os juros atuais estão na ordem de 20%.

- Não é hora para investir sem ter constituído um público fixo, pois não é hora de formação de consumidores.

7º) Hora de conhecer o próximo:

- Procurar saber as potencialidades de seu agrupamento;

- Estudar a capacidade ociosa de seu agrupamento para montar um negócio que reduza as despesas de seu agrupamento;

- Conhecer as próprias necessidades, se recondicionar e partir para práticas que não propiciarão manutenção ou elevação dos gastos, pois seu objetivo é projetar suas despesas para baixo;

* É hora de utilizar a leitura como diversão para ocupar a mente no aprendizado.

Fraternalmente,

Max Diniz Cruzeiro

**TE INCOMODANDO EM DUAS FRASES INSAUT 135**

Ser consciente é entender como a programação mental nos afeta, e nos afetando propiciar as melhores escolhas para perseguirmos os caminhos que nos conduzirá a plenitude da felicidade.

Nunca é tarde para agradecer o quão importante é você que lê esta mensagem para minha existência, portanto obrigado pelo seu existir.

Fraternalmente,

Max Diniz Cruzeiro

LenderBook Company

[www.lenderbook.com](http://www.lenderbook.com)

**Carta de Austeridade Endereçada aos Governos Centrais INSAUT 136**

**Carta de Austeridade Endereçada aos Governos Centrais**

Dos **Estados Unidos da América**

Da **União Europeia** (faço representar a Alemanha da Figura de seu Chefe de Estado.)

Do **Japão**

Saudosamente e Respeitosamente invoco a saber :

**Presidente Barack Obama**

**Chanceler da Alemanha Angela Merkel**

**Primeiro Ministro Japonês Abe Shinzō**

Assunto: O padrão da consciência do povo brasileiro possui forte viés comunista.

Caríssimos Representantes chefes de Estado torno público através deste compromisso pessoal de disseminação de conhecimento repassar para elaboração de políticas globais frente aos fatores de determinação dos povos estudos prévios do padrão psicológico de agrupamentos para a ampliação da noção de integração global.

Em face do interesse estratégico que a nação Brasileira representa para todo o globo principalmente em razão de vastas áreas agricultáveis o que se traduz na percepção interna da vocação nata dos agrupamentos que aqui se instalaram pelo prolongado processo de ocupação torno pública a linha de raciocínio abaixo como uma provocação para a construção de um pensamento mais fraterno e humano na relação de partilha do desenvolvimento entre os povos.

O passado da construção da constituição psíquica do povo brasileiro, graças ao avanço marítimo dos povos europeus, em destaque franceses, holandeses, espanhóis e portugueses, serviu para a fabricação de uma complexa estrutura migratória cuja tecnologia disponível em meados do Século XV levou a presença do europeu em solo americano a um quadro de isolamento civilizatório.

A incorporação gradativa e contributiva do povo africano, indígena e asiático que muito contribuiu para o processo de colonização foi uma marca de vergonha no aprisionamento de seu labor em nosso precário sistema produtivo.

A comunicação falha entre colônia e metrópoles desencadeou uma série de martírios e uma escalada adaptação do modo de pensamento mercante por parte dos colonos como também de toda a estrutura escravagista.

A economia nos 300 anos de colonização destas paragens no cone sul seguiu uma lógica de capitalismo em que o dinheiro não tinha grande representatividade e utilidade, a grande massa se viu mais preocupada na sua manutenção alimentícia de suas existências que não era necessariamente condiciona a percepção de recursos financeiros.

As principais formas de comércio eram derivadas de sistemas de subsistência e ou recursos eram migrados de uma família para outra através de práticas de escambo.

A grande massa da população de fato nunca sentiu vínculo e necessidade da metrópole como forma de suprimento de suas necessidades. Somente um grupo pequeno de “empreendedores” por aqui denominados Senhores de Engenho sentiam atratividade pelo dinheiro europeu e os produtos que a metrópole poderiam proporcionar vindos através deste princípio civilizatório.

Então o que quero focar é que a determinação do povo Brasileiro para seguir seu destino pelo caminho do comunismo foi derivado deste isolamento civilizatório que levou a percepção de um sistema de partilha como alternativa para enfrentar as dificuldades e promover um progresso sustentável uma vez que a dependência logística da metrópole era algo impensável devido as grandes distâncias marítimas cujas longas viagens dificultavam o contínuo relacionamento mercante.

Com a queda do Império Brasileiro e a proclamação da república séculos mais tarde, esta herança genética herdada dos desbravadores encontrou na ruptura uma forma de recobrar na memória sua tendência autodeterminante de se ligar as estruturas patriarcais cujas marcas ainda estavam muito fortes porém latentes.

A efervescência europeia, principalmente das escolas Parisienses e Alemães, muito contribuíram para despertar o interesse das ex-colônias pelo aspecto cognitivo que lhes remetia ao passado do modelo de quase autossuficiência.

O resultado da ascensão filosófica de Karl Marx, repercutiu em solo americano que estava mais isolado dos grandes centros como uma retomada do espírito de autossuficiência tirada do modelo antigo de colonização.

O padrão vibracional da mente do brasileiro encontrou a linha sucessória de motivos em tais ensinamentos que levavam os populares a estabelecer conexão do seu passado da precariedade do vínculo da estrutura econômica com a necessidade do papel moeda para efeito de subsistência.

Vínculo este que ficou fortalecido e evidente nas décadas de 1950 e 1960 pela manutenção social de governos populistas.

Mas que o surgimento de repressão a estrutura de comércio adotado pelos países mais centrais mais influenciados pelos pensamentos de Keynes e Kant não agradava e via com bons olhos a determinação de povos que se dirigissem para a formação desta estrutura econômica. O que levou governos como o dos Estados Unidos da América a práticas de sabotagem generalizada em muitas democracias em que o teor do discurso estava claro o vínculo não transferencial monetário da instrumentação necessária para a sobrevivência humana.

O efeito imediato da interferência dos governos centrais nas estruturas democráticas como a do povo brasileiro (efeito verificado em 1964) foi uma militarização para a proteção da estrutura mercante.

Observado em termos cognitivos, ocorreu um recalcamento da intenção despertada do princípio colonial do povo brasileiro como uma frustração de mais de duas décadas em que tinha como objetivo tornar novamente latente o desejo de autossuficiência agora migrado para o consciente coletivo como uma projeção adormecida de uma necessidade de vinculação de laços de relacionamento não mercantes em sistema de moeda de troca na forma de papel moeda.

Porém o ensinamento que passa de uma geração para outra dá mostras que este inconsciente coletivo que aflora no brasileiro a todo instante, estabelece uma relação de conflito entre seguir um modelo capitalista e ao mesmo tempo em ter fundido dentro de si mesmo parâmetros de cunho comunista e socialista.

A necessidade do brasileiro de ser amparado pelo Estado em vez dele mesmo encontrar as soluções do seu próprio desenvolvimento é uma destas muitas relações conflituosas que podem ser construídas ao longo deste percurso em que o homem vê a figura do Estado como um Ente presente em sua própria estrutura de tomada de decisão e não como um terceiro a corresponder com este a relação de seus desejos e anseios.

Por outro lado o brasileiro é desejoso que a existência estatal sirva ao desserviço do papel da metrópole na migração do benefício para o particular e ao mesmo tempo não encontra nunca amparado no compromisso do Estado que é visto como um dilapidador do seu próprio patrimônio, porque encontra encrustado que a autodeterminação do povo está calcado dentro de um modelo de isolamento do estado em relação a metrópole em seu próprio alicerce de manutenção autonômica.

Por outro lado é o povo desejoso do vínculo transferencial do relacionamento através de bases não monetárias, verificada na distribuição de renda onde existe uma grande massa que concentra instrumentação material e uma pequena minoria de 1% descolada propositadamente pela sociedade a acumular recursos monetários e a servir de forma inconsciente como mecanismo de punição, opressão e restrição da manutenção da vida.

O recalque coletivo desencadeia uma série de comparadores em que a grande massa sinaliza constantemente estar refém da minoria capitalizada. Mas ela faz esquecer de propósito que é ela própria a responsável por alimentar o sistema segregativo deste 1% que integraliza o capital da sociedade em termos acumulativos.

A ideologia comunista está presente na forma de patriarquismo estatal, onde o cidadão não quer pagar pelos serviços básicos e ter acesso ao usufruir dos bens considerados públicos.

A tendência comunista recalcado no espírito do brasileiro está condicionado a presença de um maciço assistencialismo na forma de bolsas para as mais variadas atividades e necessidades do indivíduo brasileiro.

Existe no processo de recalque um instrumento de controle monetário do ganho alheio, observado na resistência do indivíduo em reconhecer profissões como a psicologia, medicina, direito, construção civil, educadores, ... quando a uma natureza monetária que retribua a lei do esforço.

Muitas vezes o processo descrito acima é observado como processo de barganhas que visam deslocar o entendimento do profissional para uma redução progressiva do valor monetário pelo esforço despendido.

Este condicionamento é devido ao processo colonial em que as dificuldades eram resolvidas na maioria das vezes por trocas materiais e não monetárias, na forma de deslocamento e transferências de necessidades e partilha de bens.

Qualquer pesquisador se elaborar um pequeno experimento acadêmico em disponibilizar um serviço de jornais em praça pública com uma placa a indicar o valor do conteúdo do material ofertado, com um pote em que possibilita ao indivíduo administrar ele mesmo o pagamento e troco constatará a natureza da maioria dos brasileiros em tomar posse do produto sem a devida recompensa pelo serviço, razão esta fundamentada na percepção de que o indivíduo observa o descaminho não como um furto a propriedade alheia, mas como um retorno do recalcado no sentido de simbolizar que a partilha deve ser coletiva do bem em questão.

Muitas vezes este processo que é confundido como falta de caráter é na realidade uma disfunção da projeção que o indivíduo possui dentro de si que o condiciona a crer que o mundo deve ser compartilhado em bases de mesma dimensão comuns a todos os indivíduos.

Em um outro experimento se um empresário colocar disponível para o download algum projeto de software e indicar que o pagamento deva ser desenvolvido através do sistema de pagamentos do empreendimento, o espírito comunista do povo brasileiro irá ignorar o aviso de que o objeto é pago, para colocar no consciente a vantagem indevida como a percepção de uma subtração legítima que não irá afetar o consciente deste indivíduo.

Porque dentro de si não está realmente condicionado o elemento de “Esperteza” mas sim sua tendência natural de aproximar o seu vínculo de autossuficiência da era colonial.

O brasileiro não quer manipular o capital na forma de dinheiro. E sempre encontra brechas para ter acesso a serviços para não fazer do desembolso a regra básica da manutenção da sobrevivência entre os indivíduos deste país.

São infrutíferas todas as tratativas em que o comércio é exercido aqui sem sistemas rígidos de controle que gerem barganha pela entrega do serviço. Por que o brasileiro ignora sua tendência a pacificação comunista, mas ao agir prefere este último como um símbolo de resistência dentro de seu intelecto.

Se fossem colocadas como em algumas cidades europeias, americanas e japonesas sistemas de livre trânsito de tiquetagem de transporte em que o sujeito é responsável por ele mesmo manifestar o uso do sistema público de transporte, em poucos meses a rede de transporte iria completamente a falência.

Em razão do exposto faço saber que a “falta de caráter” muitas vezes visualizada na necessidade do brasileiro de levar vantagem em tudo, não é sinal de uma personalidade má, mas sim uma personalidade em eterno conflito entre diversas estruturas de comportamento econômico que aqui vigoraram na época colonial.

Não quer de fato o brasileiro viver em um regime capitalista, porque dentro de si está constituído uma partilha pelos valores materiais que a todos são compartilhados.

E o deslocamento de 1% de seu próprio povo para o extremo monetário é um preço muito caro que todos pagam para demonstrar a sua própria insatisfação projetiva de um sistema monetário que nunca agradou o inconsciente dos indivíduos que moram por estas paragens.

Assim me despeço e desejo as autoridades êxitos em suas administrações,

Cordialmente,

Max Diniz Cruzeiro

Neurocientista Clínico

Psicopedagogo Clínico e Empresarial

Estudante de Psicanálise

LenderBook Company

www.lenderbook.com

**A VIAGEM DO LEITOR INSAUT 149**

**A viagem do Leitor**

A construção do anímico necessita da extração a partir do real de uma metacognição chamada de simbólica cujo objetivo principal é a criação de slots na forma de fichários que servem para indexar as alocações dinâmicas.

Ao real representa o tipo de informação transferencial do ambiente que é captado via estímulo. Entenda como estímulo um vetor de eixo físico e químico do ambiente que pode ser absorvido por um organismo biológico.

Qualquer modificação que o interior de um indivíduo gera com sua matéria prima, o estímulo, é transformada em força e esta força é denominada pulsão que será responsável por orientar o sentido dos mecanismos de afetação em que a energia primária, o estímulo, foi capaz de transmitir a capacidade de reação do organismo.

Porém com o desenvolvimento temporal do humano, o sentido da força se vicia em núcleos de contenção e equilíbrio homeostático. E isto ocorre graças a formação de nós em que Freud atribui aos fatores de apreensão e fixação cuja constituição é a origem e formação do ego.

Quando alguém lança sobre seu intelecto espectros visíveis em que imagens são formadas na mente humana ativa o princípio do imaginário. Já a imaginação é o ato de dar significação ao imaginário em que aspectos do real e do simbólico podem estar embutidos dentro deste processamento de informações.

O simbólico é a fabricação de uma estrutura estilística e de linguagem que serve para agrupar respostas motoras em núcleos mnemônicos coesos que desencadeiam funções específicas, no qual é fundamental para a restrição do consumo energético e ao sintetizar instruções e comandos colabora para que o anímico seja de fato gerado e o senso de programação de um indivíduo saia da natureza física do biológico para a geração de um software mental em que as instruções são compiladas conforme as necessidades ambientais desencadeadas por sobre o indivíduo.

Muito se ouviu falar que quando uma pessoa lê é ela promotora de uma viagem lúdica. O fato mais visível em narrativas que contém laboriosas descrições, o impacto da letra, que é a estrutura do real em que o estímulo vindo da reflexão da luz até os olhos do leitor irá transportar para dentro do indivíduo uma representação pictográfica.

A experimentação do indivíduo, no contato prévio com a pictografia irá deslocar uma força ou pulsão interna que aproxima a imagem captada da zona interna onde o significado do significante pictográfico fará um sentido para o indivíduo.

Neste momento o significado foi uma apreensão prévia que é ativada na memória do indivíduo e servirá de recurso junto com outros símbolos para ativar zonas específicas do corpo humano.

Porém a Imagem ao qual nos referimos em primeiro plano no início deste texto, não é a imagem extraída do ambiente, mas um significado que o indivíduo constrói a partir de suas apreensões que represente dentro do intelecto um microambiente pictográfico do real ou seja do mundo cuja a intensidade do estímulo permite absorver como informação.

Esta Imagem com o advento da leitura não é gerada espontaneamente, porque são necessários mais recursos para sua ativação. Para que o ícone na forma de letra se junte e forme a palavra é necessário que a palavra encontre significação dentro do indivíduo.

E uma vez que a identificação é gerada é necessário que a pulsão desloque diretrizes do aprendizado do indivíduo a ativar o núcleo somático no córtex occipital para a geração de mecanismos de reprodução de imagens.

Uma vez que as imagens são geradas dentro do indivíduo a tríade: Real; Simbólico; e, Imaginário; já está formada. E caberá ao simbólico gerenciar as imagens produzidas no Imaginário a reproduzir uma sequência simbólica na forma de uma lógica de afetação a criar instruções na forma de pensamentos que servirão para apropriação de recursos na forma de saídas dinâmicas de situação resposta-motora como tratativa de um contraestímulo na direção do ambiente.

Porém o encaixe da Imagem interna com a apropriação do mesmo fragmento de texto de um indivíduo para outro faz diferir em termos de estrutura lógica de pensamento e também na forma que os signos se relacionam, porque a vivência de cada indivíduo difere de outro porque as referências mnemônicas da apreensão apontam para distintas particularidades de cada signo criado que é exclusivo de cada indivíduo.

Em outras palavras se no texto denota-se a palavra “FLOR” cada indivíduo irá promover dentro de sim uma visualização interna de acordo com sua experiência quanto as qualidades que irá sintetizar o seu conceito. De forma que alguns poderão visualizar quando em contato com signo formado uma rosa, um crisântemo, margarida, jasmim, violeta, ... cada um reproduzirá a sua cor de preferência, o estado de vitalidade do que ele denomina ser a flor, a irradiação em que a imagem faz fluir dentro de si.

Mesmo que uma descrição esteja bastante detalhada, ainda não é suficiente para despertar o mesmo núcleo de pensamento do autor, mas apenas irá aproximar os aspectos de formação do pensamento para o Real interno mais próximo do definido pelo autor.

Mesmo que a descrição seja clara a composição do leitor irá diferir do autor em termos da lógica em que os entes configurados na forma textual terá representatividade dentro do indivíduo que absorve a informação.

A leitura é, portanto, o encaixe de dois universos, daquele que transmite a informação para a recodificação daquele que capta a informação. Sem nunca de fato poderem se tocar no mundo anímico. Ou melhor, até que um dia se construa uma tecnologia para que o isolamento físico do anímico conduza os dois universos para um relacionamento mais sólido.

Max Diniz Cruzeiro

LenderBook Company

www.lenderbook.com

**VIDA DE FEIJÃO & VIDA DE INSETO INSAUT 151**

**Vida de Inseto**

**Insetos servem para assustar a gente. Andam em esgoto e proliferam doenças entre os seres humanos. Por isto eu os odeio. E por esta razão devem ser exterminados. Não consigo recordar quantas vezes eu corri de uma barata que insistia em cruzar o meu caminho, nem sei também quantas vezes uma mosca perturbou meu sono e pernilongos insistiam em zunir ao pé dos meus ouvidos.**

**Mas nada era tão repugnante quanto aquele exército de formigas que insistia em cavar buracos em meu jardim. Os desenhos na tv serviam para orientar a fórmula de extermínio ao qual poderia eu aos meus 07 anos acabar com aquele tipo de infestação de indivíduos nas proximidades de minha casa, e vir a salvar minha mãe, meu pai e minha irmã de vir a ficar doente com algum tipo de contaminação que aquela praga de certa iria carregar para dentro de minha casa.**

**Por outro lado,...**

**A Vida de Feijão**

**Era a cristalização de toda a harmonia celestial. Onde eu brincava com apenas um cobertor marrom de algodão, uma almofada que servia para elevar o terreno ao ser colado debaixo do cobertor e fazer surgir no centro da sala uma montanha cuja delimitação da coberta dava refúgio a uma ilha paradisíaca que precisava ser habitada e precisava ter uma história para dar sentido àquela gleba de terra.**

**Seus habitantes eram gados, pinguins, javalis, imigrantes europeus, índios, veados e até mesmo países inteiros. E o único caminho para se chegar até o paraíso era através da rota do mar, onde a esperança se renovava e os conflitos se formavam ao longo das encenações de uma criança criativa.**

**A vida de feijão acaba com a hora do almoço, onde inúmeras vezes o rebanho tinha que ser desfeito para fazer parte da refeição que iria ser cozida dentro de uma panela de pressão.**

**Esta hora eu tinha que ser forte, pois todo o povo com seu rebanho iria perder a sua vida para me dar sustento e ferro para que eu pudesse crescer um adulto saudável e esperto.**

**Era preciso ter coragem para enfrentar o mundo, então insetos e Feijões servirão de inspiração para o mundo que estava em constante inicialização de ideias.**

**Vida de Inseto – O exército inimigo**

**O jardim estava devastado. Havia pragas para todos os lados. Era preciso pedir autorização para mamãe para que o extermínio pudesse ser iniciado.**

**Mas eu tinha que traçar uma estratégia de guerra. Não podia ter compaixão para com as invasoras formigas. Elas destroçaram todo o meu reino, e precisávamos reunir forças o mais rápido possível para retornar o equilíbrio ao paraíso.**

**Então corri até a cozinha e peguei uma caixa de palito de fósforo. Minha mãe perguntou o porquê eu iria querer aquele objeto. Então eu a respondi que era para encurralar as formigas que tinham destruído o meu jardim.**

**Como não adiantava falar nada, saí correndo peguei os palitos de fósforo e acendendo um a um foi matando as invasoras que teimavam em fazer uma trilha rumo ao sentido da casa.**

**Òh céus, percebi naquele momento que minha missão era proteger a casa e fazer com que a doença não invadisse nosso lar.**

**Então corri para casa e peguei uma porção de folhas de papel que era para fazer uma coluna de fogo para exterminar um número maior de formigas.**

**Percebi que elas ficaram logo desorientadas com a fumaça toda. E saiam desesperadas para suas trincheiras.**

**Vi seus corpos pegando fogo enquanto minha mente imaginava tiros de canhão a consumir suas vítimas humanas. Estava naquele instante a matar soldados extremamente maléficos para com meu povoado.**

**Havia notado na televisão um grande número de perseguições a soldados que eram chamados de nazistas. Ora meu espírito queria matar os opressores, e ora um algo irreconhecível dentro de mim queria fazer parte do exército que estava sendo oprimido.**

**Não muito satisfeito percebia que muito dos invasores entravam em suas residências, e eu corri para casa para pegar uma colher emprestada com a minha mãe. Queria saber onde iria dar aquele esconderijo.**

**Saia sem dar grandes explicações e tratava de fazer buracos paralelos aos pontos de fuga das formigas para encontrar o ponto central onde elas se refugiavam.**

**Às vezes pegava um litro de água e despejava vagarosamente sobre a boca do formigueiro para fazer com que eles saíssem por afogamento desesperadas por perderem suas vidas e virem a serem consumidas em fogo.**

**Quando cavava muito profundamente cheguei a encontrar uns bólidos brancos. Ao chamar mamãe para ver ela me explicou que aqueles eram os ovos dos insetos. Então eu agrupava todos os ovos em um canto da parede e fazia uma fogueira para eliminar todas as possibilidades de recriação da espécie.**

**Quase sempre o exército inimigo era todo devorado pelo meu exército de um menino só. Não tinha piedade para com os sobreviventes.**

**Mas muitas vezes demorava demais em projetar o tipo de extermínio que a hora do almoço logo se aprontava e o chamar de mamãe para se alimentar dos feijões não me permitia concluir a matança.**

**Eu resmungava pelo serviço incompleto, porém a vontade de comer feijões superava meu desejo de extermínio e logo esquecia que estes insetos existiam.**

**Hitler era impiedoso, e nas minhas férias praticamente todos os dias eu tinha que derrotar os exércitos inimigos que ora vinham de dentro da terra do próprio jardim, ou ora das circunvizinhanças dos jardins dos vizinhos.**

**Tinha hora que tentava argumentar com o imperador alemão, mas as formigas não compreendiam. E quando eu me aproximava elas me atacavam com mordidas que por vezes eram bem ardidas.**

**Ficava feliz quando de uma semana para outra uma espécie inteira era devorada pelo fogo. Mas sempre no lugar da que desaparecia uma outra espécie mais agressiva aparecia no local para demarcar sua territoriedade.**

**Um amigo meu de minha idade havia me ensinado uma técnica para aniquilar formigueiros inteiros. Quando uma espécie invasora maior aparecia do pedaço, eu teria que pegar as cabeçudas e colocar para brigar com outras cabeçudas de espécies diferentes.**

**Desta forma o cheiro e o ódio que brotava de uma espécie em relação a outra proliferava uma briga ferrenha entre as duas espécies até que todos os membros de uma única família de formigas fossem completamente exterminadas.**

**A luta corporal demorava dias e às vezes semanas. E a espécie que ganhasse a luta era em seguida devorada pelo fogo.**

**Vida de Feijão – O paraíso na terra**

**A terra estava pacificada, não havia conflitos. A ilha estava isolada em um local paradisíaco no centro do mundo. Toda a vegetação estava intacta. Não havia insetos ou pragas.**

**Os sobreviventes do dilúvio chegaram pelo mar. Eles traziam gado, mantimentos, carroças e tudo que fosse necessário para a retomada da civilização.**

**Ao desembarcarem por uma zona costeira tratavam logo de enfileirar suas carroças e em caravana partiam para as partes mais altas da montanha, a fim de que suas vidas não fossem consumidas por ondas gigantescas que tivessem em colisão com a ilha.**

**Lá fora o mundo era inóspito e as pessoas não pareciam se entender. Então as bombas lançadas no oceano produziam grandes maremotos o que faziam com que os sobreviventes procurassem lugares mais confortantes longe das zonas costeiras.**

**Então eles passavam horas subindo e descendo morros, até se deslocar para algum platô que tivesse a se encontrar num ponto alto da ilha.**

**Os viajantes não demoravam a perceber que partes da ilha já estavam habitadas por outros sobreviventes de tempos remotos. Então era comum o aparecimento de índios durante o percurso. E a necessidade de posicionar as caravanas em formato de círculo levava a um frenesi por parte do agrupamento a fim de que os feijões ficassem um protegendo o outro até que a formação inteira estivesse completa.**

**Passado o perigo, algumas carroças eram incendiadas injustamente, alguns índios perdiam suas vidas também. Mas o poderio das armas de fogos dos retirantes era mais forte de forma que visivelmente logo os índios desistiam da perseguição.**

**Alguns soldados fortes conseguiam fazer acordo com as tribos e a paz era selada. Porque naquele lugar não poderia haver nenhum tipo de conflito, porque representava o paraíso aqui na terra.**

**Os mortos eram enterrados, alguns gados passaram a servir de alimento para a confraternização entre índios e colonos.**

**Não tardava outro dia, a ilha estava completamente tomada por veados por todos os lados. E caçadores começaram a desembarcar para fazer uso da caça.**

**A mãe natureza orientava toda a manada a seguir pelas trilhas mais altas para fazer com que todos pudessem fugir da ação dos caçadores.**

**Os animais faziam de tudo para poder sair do alcance destrutivo dos equipamentos de artilharia.**

**Mas os caçadores somente saiam da ilha quando já haviam abatido um certo número de animais.**

**Por sorte alguns animais mais espertos atraiam os caçadores para despenhadeiros. E chegando lá, encurralados: os caçadores; levavam chifradas e caiam no precipício para que o lugar voltasse a ser novamente um lugar paradisíaco.**

**Mas era preciso dar um sentido para toda aquela gente feijão em uma ilha abandonada no meio do oceano da sala.**

**E o tempo de guardar tudo e colocar na panela para cozinhar passava muito rápido. E toda aquela população deveria ser esquecida até que o próximo episódio de criatividade viesse à tona uma nova necessidade de organizar novamente a almofada e a coberta para que a ilha fosse novamente posicionada na sala e os habitantes pudessem migrar aos poucos das zonas costeiras para as partes mais altas daquelas glebas de terra.**

**Por sorte algumas vezes duas colônias de cores diferentes de feijão se estabeleciam nas proximidades de sexta-feira. Em que o prato que seria servido seria uma famosa feijoada.**

**Assim eu tinha o feijão que seria servido no sábado de cor marrom  claro e o feijão preto para simbolizar outro agrupamento de pessoas ou de animais.**

**Muitas vezes a ilha entrava em erupção e os habitantes tinham que sair desesperados para a área litorânea a fim de salvar suas vidas. Mal sabiam eles que o seu destino era reuni-los todos para habitar a panela do almoço de logo mais... risos....**

**A fúria da natureza era impiedosa quando tinha terremoto. Os feijões tremiam... alguns eram soterrados, outros caiam de suas plataformas, os poucos sobreviventes lamentavam as calamidades e partiam para a procriação da espécie a fim de proporcionar o repovoamento do lugar.**

**Os feijões agradeciam a Deus pelas suas vidas poupadas e logo mais orgulhosos iriam se transformar no ferro para sustentar a vida daquele que havia projetado e construído sua história.**

**Os feijões incorporavam a história do criador... enquanto os insetos eram devorados pela própria história que era construída pelo aniquilamento e ódio fortuito.**

**Max Diniz Cruzeiro**

**VIDA DE RATO & VIDA DE BARATA INSAUT152**

**Vida de Rato e Vida de Barata**

Morávamos em zona de periferia. Um mercado próximo abastecia as pragas que se alimentavam de nossas migalhas. O tempo todo via os meus pais trabalharem em armadilhas domésticas para fazer com que a higiene do local jamais faltasse.

Porém eles eram muitos e insistentes. Entravam pelo sistema de tubulação de esgoto e se o controle falhasse uma semana era suficiente para um repovoamento das classes invasoras.

Era muito frequente ver os excrementos de tais animais espalhados pela casa ao amanhecer.

O temor pelo peste bubônica abastecia o inconsciente dos habitantes de periferias... E o medo do extermínio levava ao extermínio dos animais como melhor forma de não se deixar afetar negativamente.

A prioridade era a manutenção de uma vida saudável. Mesmo que isto simbolizasse matar outra espécie inteira.

**Vida de Rato**

Era final de semana. A família estava reunida para o tradicional almoço de domingo. A mesa estava cheia. E como de costume celebrávamos a vida em estilo de festa com o som ligado. Os discos de vinil eram preservados para ocasiões especiais como esta. Bem como a sintonia do rádio em uma banda AM ou FM indispensável para termos acesso as principais notícias e as músicas mais baladas do momento.

Era 1981, o país era consumido por uma cortina de ferro numa ditadura militar que nos orientavam a melhor forma de perseguirmos nossos objetivos de vida. O Brasil desconfiava de sua própria sorte. Não tínhamos conflito com os militares, porque humildemente sabíamos nos colocar frente a situação que nos exigia austeridade em nossas colocações.

Sempre fomos muito pobres, mas tínhamos plena consciência de nossas colocações e o papel que nos destinava como responsáveis pelo nosso próprio desenvolvimento.

Nossas famílias eram de retirantes dos lugares mais atrasados deste país. E estar morando na capital da república já era um grande feito de desenvolvimento que nos agregava muito valor à nossa vida. E este fato contribuía para que nosso senso de valor e de vitória visualizasse sobre os militares um apresso tamanho de nos terem tirados de um isolamento secular em que nossos pais viviam dentro de um padrão-conceito de vida em áreas extremamente rurais.

Agora tínhamos oportunidade de ser alguém na vida e vir a cooperar com a civilidade representando uma força de trabalho sempre disposta a dar um pouco mais de si para um progresso que nos era projetado por meio das ondas de rádio e de televisão.

Tínhamos pouco o que comer. Vivíamos entre meio a pragas como ratos, mas como ex-fazendeiros sabíamos o nosso verdadeiro lugar na escala nobre do progresso. E lutávamos de forma partilhada com os militares em todo o esforço para que a ordem e a integridade fossem mantidas dentro de nosso agrupamento.

Numa destas celebrações de domingo após a igreja, ao chegarmos em casa visualizamos fezes de animais. Pelo tamanho deduzimos que estávamos a abrigar ratos pela casa.

Então pegamos o telefone e discamos para meu tio e pedimos para que ele trouxesse a espingarda. Já tínhamos a localização exata da casa dos roedores. E era preciso ensinar ao menino da casa como se defender dos invasores caso um dia viesse a necessitar de auxílio.

O tio trouxe o chumbinho. O primo mais velho veio com as instruções de manuseio. Fomos instruídos a praticar o alvo em latinhas que se localizavam próximas aos verdadeiros alvos que eram as tocas dos ratos.

Fizemos um campeonato entre parentes, para ver quem mais acertava o alvo que era uma lata de extrato de tomate. Meu primo já estava bastante adestrado. E conseguiu facilmente acertar o alvo a maioria das vezes.

A arma tinha um desnível de angulação em sua mira, então era preciso pelo conhecimento que se tinha do instrumento de ajustar manualmente a direção para que o alvo fosse de fato alvejado.

Meu primo e meu tio deste o início me deu instruções para nunca mentalizar como sendo o alvo outro ser humano. Porque isto iria comprometer a essência do ensinamento que eles estavam querendo transmitir para mim.

O inimigo era senão apenas um perigo eminente que nossa aflição desejasse aniquilar para reforçar o estímulo de integridade de nossas vidas.

O almoço finalmente acabou e a pedido do meu pai ele pediu a seu irmão que deixasse aqui a espingarda e uma porção de balas de chumbo.

Os tiros se prolongaram pela tarde inteira. Em uma semana já estava preparado. Dificilmente conseguia errar um alvo baseado nas correções de mira em que o instrumento me forçava a calibrar o sentido e orientação do projétil.

Ainda persistia o problema dos ratos. Nossos inimigos eram reais e atentavam contra nossa própria vida comendo nossos alimentos enquanto dormíamos.

Era uma questão de tempo para que nossa saúde viesse a contrair algum tipo de doença em virtude os excrementos e da urina dos ratos.

Então meu pai me deu a ordem de alvejamento das criaturas. Eu como um bom soltado já sabia a posição exata de onde os roedores e toda a sua família se encontrava.

Necessitei de um único sábado para ficar em posição de morto há 10 metros da toca com uma isca de queijo a esperar que os animais famintos viessem do esconderijo para pegar um pouco de queijo.

Até que o primeiro roedor sentindo pelo olfato o cheiro de queijo colocou sua cabeça de fora da toca.

Então eu esperei que seu corpo se projetasse todo para fora e alvejei sua barriga e ele se projetou estirado rente ao solo.

Meu pai o recolhedor oficial dos “ratuínos” recolheu a carcaça do animal e me instruiu para alvejar os próximos animais a partir de sua posição mais frontal próxima ao cérebro do animal, pois isto iria tornar a missão mais certeira.

Não bastou mais do que 6 horas para alvejar um a um toda a família de ratos. E a matança do sábado rendeu 9 mortes e o fim da ameaça que havia sido instalada por nossa negligência dentro de nossa casa.

O sentimento de mérito foi reforçado em vez do sentimento de culpa, pela presença que a ameaça de vida de algum membro de nossa família por parte da peste em que os animais traziam como símbolo de enfermidade nos condicionou a não sentir dor, pesar ou remorso por nossos atos de extermínio.

**Vida de Barata**

Elas eram muito numerosas. Não bastava abrir uma caixa de esgoto que uma infinidade delas na ordem das centenas entravam para dentro de nossos lares. O governo militar da época nos orientava por programas sociais o contínuo extermínio destes insetos.

Era comum comprar em postos de abastecimento de alimentos, que eram os antigos embriões dos atuais supermercados, kits de substâncias que matavam de forma eficiente roedores, baratas, aranhas e lagartixas.

Como as baratas eram numerosas era muito comum ao amanhecer algumas partes destes insetos estarem mergulhados nos restos de alimentos que sobravam de um dia para outro.

Devido sua grande quantidade, todas as noites quando assistíamos nossa TV preto e branco, tais insetos apareciam em alta velocidade a cruzar o espaço perimetral de nossa sala.

Minha mãe, logo pegava um chinelo e lançava sobre o animal e um nojo generalizado pela gosma que o inseto fixava rente ao solo fazia repugnar nossos estômagos e ativava em seguida o senso de limpeza para que os excrementos fossem liberados de nosso olhar sombrio.

Quando ao amanhecer uma comida era agraciada de forma perversa com pedaços de tais insetos todo o material era descartado e depositado no lixo.

Não tínhamos condições de termos muitas perdas de alimento pois isto poderia representar uma subnutrição com a chegada do final do período do mês.

Então optávamos quase sempre em ampliar nossa capacidade de colocar iscas de veneno por toda a casa em vez de todos os dias termos o desprazer de encontrar os insetos em nossa refeição.

Certo dia, meus pais haviam saído e eu e minha irmã ficamos em casa assistindo televisão. Era por volta das dezenove horas, o horário em que as baratas começavam a sair de seus esconderijos.

Foi neste exato instante que vimos um destes seres a voar entre o espaço em que se encontrava nosso sofá e a televisão em preto e branco.

Minha irmã apavorada e menor do que eu em dois anos de idade, exigiu que eu tomasse uma atitude e matasse o inseto.

Ela estava em delírio de desespero em imaginar que o inseto pudesse se aproximar de nós dois.

Eu não queria matar por covardia aquele animal, porque sabia o trabalho que teria em tirar suas impurezas do contato com o solo e isto para uma criança de 9 anos era um nojo muito insuportável.

Ela neste instante se agarrou a mim e implorava para que eu tomasse uma atitude.

A barata continuou a sobrevoar nossas cabeças por um certo tempo em meio aos gritos de minha irmã.

Eu nervoso me distraía dando uma de fortão e o machão da casa. Minha covardia de tomar uma atitude fazia com que meu senso critico dissesse a minha irmã que era para ela ignorar a barata que nada iria nos acontecer.

Neste instante um novo sobrevoo sobre nossas cabeças, até que na parede lateral rente ao sofá a barata se dispôs a nos observar. Minha irmã apavorada havia começado a chorar.

E eu para acalmá-la comecei a conversar com a barata. Apontei-lhe o dedo e disse umas poucas e boas para a danada.

Ameacei o inseto de morte, disse para ele ficar em seu lugar senão sua vida seria finalizada com minha chinelada.

Em um momento o inseto parou para observar meus gestos, apontou as antenas em minha direção. E em um voo síncrono saltou em minha direção no sentido de simbolizar uma afronta à minha atenção de extermínio.

Minha irmã apavorada pulou do sofá e foi aos prantos para o quarto, enquanto eu saltitante pela sala não sabia se continha a barata sobre minha blusa ou se pegava o chinela para dar cabo a sua vida.

Minha aflição foi tamanha que tomei coragem consegui tirar o inseto de minhas vestimentas e projetando-o sobre o chão dei-lhe umas boas chineladas de extermínio.

Em seguida peguei uma pá para recolher a sujeira, e limpei o chão para quando minha mãe chegar não exigir que eu o fizesse pela minha displicência.

No caminho para a lixeira chamei minha irmã e mostrei a imagem do cadáver para que ela pudesse ficar tranquila e voltar para a sala para me fazer companhia para assistir os desenhos na televisão.

Este fato não nos causou remorso... ficamos em um estado de felicidade por termos nos livrado da aflição que anteriormente havia tomado conta de nosso pensamento.

Logo mamãe e papai chegaram na casa, e contamos para eles o que havia acontecido.

Nos dias seguintes eles providenciaram reforço químico para o extermínio dos animais remanescentes.

Max Diniz Cruzeiro

**Vida de Rato e Vida de Barata**

Morávamos em zona de periferia. Um mercado próximo abastecia as pragas que se alimentavam de nossas migalhas. O tempo todo via os meus pais trabalharem em armadilhas domésticas para fazer com que a higiene do local jamais faltasse.

Porém eles eram muitos e insistentes. Entravam pelo sistema de tubulação de esgoto e se o controle falhasse uma semana era suficiente para um repovoamento das classes invasoras.

Era muito frequente ver os excrementos de tais animais espalhados pela casa ao amanhecer.

O temor pelo peste bubônica abastecia o inconsciente dos habitantes de periferias... E o medo do extermínio levava ao extermínio dos animais como melhor forma de não se deixar afetar negativamente.

A prioridade era a manutenção de uma vida saudável. Mesmo que isto simbolizasse matar outra espécie inteira.

**Vida de Rato**

Era final de semana. A família estava reunida para o tradicional almoço de domingo. A mesa estava cheia. E como de costume celebrávamos a vida em estilo de festa com o som ligado. Os discos de vinil eram preservados para ocasiões especiais como esta. Bem como a sintonia do rádio em uma banda AM ou FM indispensável para termos acesso as principais notícias e as músicas mais baladas do momento.

Era 1981, o país era consumido por uma cortina de ferro numa ditadura militar que nos orientavam a melhor forma de perseguirmos nossos objetivos de vida. O Brasil desconfiava de sua própria sorte. Não tínhamos conflito com os militares, porque humildemente sabíamos nos colocar frente a situação que nos exigia austeridade em nossas colocações.

Sempre fomos muito pobres, mas tínhamos plena consciência de nossas colocações e o papel que nos destinava como responsáveis pelo nosso próprio desenvolvimento.

Nossas famílias eram de retirantes dos lugares mais atrasados deste país. E estar morando na capital da república já era um grande feito de desenvolvimento que nos agregava muito valor à nossa vida. E este fato contribuía para que nosso senso de valor e de vitória visualizasse sobre os militares um apresso tamanho de nos terem tirados de um isolamento secular em que nossos pais viviam dentro de um padrão-conceito de vida em áreas extremamente rurais.

Agora tínhamos oportunidade de ser alguém na vida e vir a cooperar com a civilidade representando uma força de trabalho sempre disposta a dar um pouco mais de si para um progresso que nos era projetado por meio das ondas de rádio e de televisão.

Tínhamos pouco o que comer. Vivíamos entre meio a pragas como ratos, mas como ex-fazendeiros sabíamos o nosso verdadeiro lugar na escala nobre do progresso. E lutávamos de forma partilhada com os militares em todo o esforço para que a ordem e a integridade fossem mantidas dentro de nosso agrupamento.

Numa destas celebrações de domingo após a igreja, ao chegarmos em casa visualizamos fezes de animais. Pelo tamanho deduzimos que estávamos a abrigar ratos pela casa.

Então pegamos o telefone e discamos para meu tio e pedimos para que ele trouxesse a espingarda. Já tínhamos a localização exata da casa dos roedores. E era preciso ensinar ao menino da casa como se defender dos invasores caso um dia viesse a necessitar de auxílio.

O tio trouxe o chumbinho. O primo mais velho veio com as instruções de manuseio. Fomos instruídos a praticar o alvo em latinhas que se localizavam próximas aos verdadeiros alvos que eram as tocas dos ratos.

Fizemos um campeonato entre parentes, para ver quem mais acertava o alvo que era uma lata de extrato de tomate. Meu primo já estava bastante adestrado. E conseguiu facilmente acertar o alvo a maioria das vezes.

A arma tinha um desnível de angulação em sua mira, então era preciso pelo conhecimento que se tinha do instrumento de ajustar manualmente a direção para que o alvo fosse de fato alvejado.

Meu primo e meu tio deste o início me deu instruções para nunca mentalizar como sendo o alvo outro ser humano. Porque isto iria comprometer a essência do ensinamento que eles estavam querendo transmitir para mim.

O inimigo era senão apenas um perigo eminente que nossa aflição desejasse aniquilar para reforçar o estímulo de integridade de nossas vidas.

O almoço finalmente acabou e a pedido do meu pai ele pediu a seu irmão que deixasse aqui a espingarda e uma porção de balas de chumbo.

Os tiros se prolongaram pela tarde inteira. Em uma semana já estava preparado. Dificilmente conseguia errar um alvo baseado nas correções de mira em que o instrumento me forçava a calibrar o sentido e orientação do projétil.

Ainda persistia o problema dos ratos. Nossos inimigos eram reais e atentavam contra nossa própria vida comendo nossos alimentos enquanto dormíamos.

Era uma questão de tempo para que nossa saúde viesse a contrair algum tipo de doença em virtude os excrementos e da urina dos ratos.

Então meu pai me deu a ordem de alvejamento das criaturas. Eu como um bom soltado já sabia a posição exata de onde os roedores e toda a sua família se encontrava.

Necessitei de um único sábado para ficar em posição de morto há 10 metros da toca com uma isca de queijo a esperar que os animais famintos viessem do esconderijo para pegar um pouco de queijo.

Até que o primeiro roedor sentindo pelo olfato o cheiro de queijo colocou sua cabeça de fora da toca.

Então eu esperei que seu corpo se projetasse todo para fora e alvejei sua barriga e ele se projetou estirado rente ao solo.

Meu pai o recolhedor oficial dos “ratuínos” recolheu a carcaça do animal e me instruiu para alvejar os próximos animais a partir de sua posição mais frontal próxima ao cérebro do animal, pois isto iria tornar a missão mais certeira.

Não bastou mais do que 6 horas para alvejar um a um toda a família de ratos. E a matança do sábado rendeu 9 mortes e o fim da ameaça que havia sido instalada por nossa negligência dentro de nossa casa.

O sentimento de mérito foi reforçado em vez do sentimento de culpa, pela presença que a ameaça de vida de algum membro de nossa família por parte da peste em que os animais traziam como símbolo de enfermidade nos condicionou a não sentir dor, pesar ou remorso por nossos atos de extermínio.

**Vida de Barata**

Elas eram muito numerosas. Não bastava abrir uma caixa de esgoto que uma infinidade delas na ordem das centenas entrava para dentro de nossos lares. O governo militar da época nos orientava por programas sociais o contínuo extermínio destes insetos.

Era comum comprar em postos de abastecimento de alimentos, que eram os antigos embriões dos atuais supermercados, kits de substâncias que matavam de forma eficiente roedores, baratas, aranhas e lagartixas.

Como as baratas eram numerosas era muito comum ao amanhecer algumas partes destes insetos estarem mergulhados nos restos de alimentos que sobravam de um dia para outro.

Devido sua grande quantidade, todas as noites quando assistíamos nossa TV preto e branco, tais insetos apareciam em alta velocidade a cruzar o espaço perimetral de nossa sala.

Minha mãe, logo pegava um chinelo e lançava sobre o animal e um nojo generalizado pela gosma que o inseto fixava rente ao solo fazia repugnar nossos estômagos e ativava em seguida o senso de limpeza para que os excrementos fossem liberados de nosso olhar sombrio.

Quando ao amanhecer uma comida era agraciada de forma perversa com pedaços de tais insetos todo o material era descartado e depositado no lixo.

Não tínhamos condições de termos muitas perdas de alimento pois isto poderia representar uma subnutrição com a chegada do final do período do mês.

Então optávamos quase sempre em ampliar nossa capacidade de colocar iscas de veneno por toda a casa em vez de todos os dias termos o desprazer de encontrar os insetos em nossa refeição.

Certo dia, meus pais haviam saído e eu e minha irmã ficamos em casa assistindo televisão. Era por volta das dezenove horas, o horário em que as baratas começavam a sair de seus esconderijos.

Foi neste exato instante que vimos um destes seres a voar entre o espaço em que se encontrava nosso sofá e a televisão em preto e branco.

Minha irmã apavorada e menor do que eu em dois anos de idade, exigiu que eu tomasse uma atitude e matasse o inseto.

Ela estava em delírio de desespero em imaginar que o inseto pudesse se aproximar de nós dois.

Eu não queria matar por covardia aquele animal, porque sabia o trabalho que teria em tirar suas impurezas do contato com o solo e isto para uma criança de 9 anos era um nojo muito insuportável.

Ela neste instante se agarrou a mim e implorava para que eu tomasse uma atitude.

A barata continuou a sobrevoar nossas cabeças por um certo tempo em meio aos gritos de minha irmã.

Eu nervoso me distraía dando uma de fortão e o machão da casa. Minha covardia de tomar uma atitude fazia com que meu senso crítico dissesse a minha irmã que era para ela ignorar a barata que nada iria nos acontecer.

Neste instante um novo sobrevoo sobre nossas cabeças, até que na parede lateral rente ao sofá a barata se dispôs a nos observar. Minha irmã apavorada havia começado a chorar.

E eu para acalmá-la comecei a conversar com a barata. Apontei-lhe o dedo e disse umas poucas e boas para a danada.

Ameacei o inseto de morte, disse para ele ficar em seu lugar senão sua vida seria finalizada com minha chinelada.

Em um momento o inseto parou para observar meus gestos, apontou as antenas em minha direção. E em um voo síncrono saltou em minha direção no sentido de simbolizar uma afronta à minha atenção de extermínio.

Minha irmã apavorada pulou do sofá e foi aos prantos para o quarto, enquanto eu saltitante pela sala não sabia se continha a barata sobre minha blusa ou se pegava a chinela para dar cabo a sua vida.

Minha aflição foi tamanha que tomei coragem consegui tirar o inseto de minhas vestimentas e projetando-o sobre o chão dei-lhe umas boas chineladas de extermínio.

Em seguida peguei uma pá para recolher a sujeira, e limpei o chão para quando minha mãe chegar não exigir que eu o fizesse pela minha displicência.

No caminho para a lixeira chamei minha irmã e mostrei a imagem do cadáver para que ela pudesse ficar tranquila e voltar para a sala para me fazer companhia para assistir os desenhos na televisão.

Este fato não nos causou remorso... ficamos em um estado de felicidade por termos nos livrado da aflição que anteriormente havia tomado conta de nosso pensamento.

Logo mamãe e papai chegaram na casa, e contamos para eles o que havia acontecido.

Nos dias seguintes eles providenciaram reforço químico para o extermínio dos animais remanescentes.

Max Diniz Cruzeiro

**SAUDADES INSAUT 153**

**Saudades**

***Sempre as urbanas demonstrações angustiantes deixam extasiados significados!***

Quantas pessoas não foram capazes de verbalizar o que sentiam pelo distanciamento de vidas a não refletir a percepção da vontade do par a integrar um elo magnético de atração envolta numa identificação de signos que se interceptam gerando como consequência um enlace na alma de quem se deseja bem?

É um consumir a marinar a pele de sensações e um querer bem que não se opõe a felicidade do ente relacional mesmo quando o encontro não é possível.

Esperar é um dom para aqueles que não interpretam a vida como uma instância finita.

Assim como o olhar decorre do encontro entre dois eixos paralelos, assim também é a migração do sentimento que transcorre pelo infinito a localizar a mesma frequência primária que sedimenta, gera valores e integra a vida.

A saudade é, portanto esta busca pelo encontro da melodia em que o outro toca sua canção. E uma vez encontrando se deixa envolver pelo encaixe em que o som transporta os ouvidos para a localização do ideal do outro dentro do seu jardim secreto no absoluto.

A transposição do pensamento que liga minha instância psíquica ao anonimato externo da minha vida fecunda intangível e interior decorre desta abordagem de significados que irrompem vontades de estar só, de estar distante, de estar pacificado no entendimento do outro para encontrar o verdadeiro sentido que translada a efêmera chama que abastece meu interior de sensações preenchidas ao observar o outro como complemento daquilo que já fui um dia.

Talvez o olhar nunca mais se encontre no olhar do outro, talvez a vida seja ingrata e não promova o retorno de um passado em que as duas metades da laranja estavam unidas, mas o reencontro do pensamento por um instante de delírio faz unir vontades que se separam. E naquele instante sei que sou pleno e resoluto em aceitação de uma vida psíquica compartilhada.

O homem vulgar só consegue objetar insanidade sobre o aspecto tangível do espectro intelectual. Porque não consegue se inserir dentro do contexto do outro ou do casal que verdadeiramente se ama.

A comunicação da alma é a verdadeira chama que se retroalimenta e nunca se finda. Porque ela traz toda a sabedoria armazenada na forma de aprendizado da excitação exercida através do emocional do ser.

O amor pode se estender até os limites do infinito, porque incorpora a nota em que a melodia é sentida dentro do padrão vibracional em que o ser coexiste. Não existe separação ao nível da consciência, porque barreiras físicas são incapazes de impedir o distanciamento de vetores de luz.

Porém as barreiras físicas servem senão para gerarem fractais da melodia, mas uma pessoa atenta e serena é capaz de reconhecer o sinal mesmo se ele estiver imerso em ondulações de gotículas de água na superfície de um lago.

A semântica é um modelo de ordenação sensorial e sua sequência gera uma canção ritma ligada a pulsação do ser que se introjecta no amor.

O verdadeiro amor celestial exige conhecimento profundo sobre a afetação de outros seres. É a saudade um interstício entre dois momentos modelados por um instante latente que é necessário para que os amantes trabalhem suas mentes para o verdadeiro enlace matrimonial para com o infinito.

Se o amor é a prova, a doutrina é a exigência do sentido deste amor dentro de qualquer atmosfera terrestre. Porque o amor verdadeiro jamais pode ser motivo de sofrimento de outros seres que também estão vivenciando seus conflitos rumo à mesma definição do infinito.

A saudade é apenas um sinalizador que capta a percepção da ausência neste período de latência, como quem diz ao outro que coexiste consigo em mesmo grau de afetação e sintonia.

Porque o verdadeiro amor não encarcera, ele deixa o ser descobrir pelas suas veredas as verdadeiras porções de entendimento que levam a realização do amor.

E quando se chega à compreensão de tudo, o lapso de tempo da separação que fundiu na forma de desejo e saudade cai para um profundo abismo... e os seres que verdadeiramente se amam se redescobrem no amor dentro de infinitas possibilidades de existir.

Então o amor não tem mais sentido de nutrir vínculo afetivo com o outro específico, e se expande à velocidade da luz para encontrar-se com todos os elos que corroboraram para a luminescência da chama áurea.

Assim a saudade vira peça de museu. Pois está ausente de todo o ser que sabe verdadeiramente amar.

A construção de minha vida se substancia na desintegração de tudo que aprisiona, para ir à direção de tudo o que sintetiza uma integração.

Seus verdes anos são para mim lembranças áureas do absoluto. Ora se fundem em uma missão de resgate que não sei se de minha alma, ou de sua essência, mas com um nobre objetivo de encontrar dentro de si a fundição que fará sua alma sentir eterna dentro do princípio que levará a consciência do teu passado.

O estágio de seus olhos, o estágio de sua volúpia, o estágio de sua apreensão do sentimento são instâncias superiores que mesmo a falta de vínculo físico não é capaz de romper a força que nos unem.

Pode o corpo se ausentar, pode a memória esvair-se em confabulações que me distanciam de você, pode o mundo arder em chamas, o sol aquecer além da sua capacidade natural,... nem mesmo o distanciamento de nossas projeções irá fazer da saudade uma vitoriosa de seu desterro.

Porque seres angélicos sabem verdadeiramente amar. É uma identidade que o cosmos transmite como herança de geração para a geração. Pode um raio consumir tudo o que se integrou um dia, pode a vida se esvair, pode outros seres consumir em ciúmes ou falsas tratativas de separação, mas a vocação para quem verdadeiramente ama é a eternização da fecundidade do espírito.

Por isto o amor sempre triunfa. Por isto o amor é sempre paciente e sabe a hora certa para eclodir. Tudo é capaz de transformar, tudo é capaz de transmutar, porque transmite a essência da necessidade do existir.

E a saudade? Ela era aquela frequência que serviu para um dia nos unir. Que te trouxe para perto e que ao mesmo tempo o manteve distante, porque era preciso cindir, porque era preciso unificar, porque era preciso gerar entendimento,... e sobretudo se aceitar como ser divino.

Feliz de quem encontra em qualquer estágio de vida o seu alfa e o seu ômega. E ao ser tomado pela emoção se contenta pela felicidade dos seres que ama.

Feliz aquele que deixa seu amor partir quando este assim o desejar, porque o amor que egressa para outra atmosfera, quando extasiado de suas projeções de vida encontra na saudade aquele porque de excitação e regressa para próximo daqueles que a chama do amor faz cintilar o coração de quem suspira.

O enigma do suspiro de quem pede conexão num distanciamento hipotético de corpos faz surgir um desejo de reconexão que ativa os lobos sensoriais do ser ao qual a instância projetiva se enreda na direção em que a frequência do indivíduo, desejo de enlace, abastece com vibrações a sensibilidade motora em que ápices de união formaram a trajetória de uma história em um ente relacional uniforme.

Nosso momento já foi um dia, nossa trajetória se cruzou diversas vezes, mas o universo que pertenço não é condescendente com o desconhecimento das leis. Porque a ausência de conhecimento não gera sustentação para que o amor possa ser pleno e infinito. E assim o sendo o laço gerado é apenas percebido dentro das atmosferas celestiais em frações de segundos até que aquilo que nos distancia, por displicência de nossa consciência, toma conta de nosso ser, e a essência de Deus não tem outra razão do que lançar a luz do indivíduo para a atmosfera de vida que melhor lhe adeque viver.

O que nos prende ao purgatório de nossos designíos e ao inferno de nossas projeções é o desamor que não nos habilita a enxergar qualquer outro como uma extensão de nós mesmos.

Então é mais fácil visualizar a imperfeição como sendo uma instrumentação válida de nosso real sentimento. Como uma transmutação de nós mesmos.

E novamente a luz é retraída para uma zona em que a saudade se instala. Para trazer de volta para as trevas o ser que ficou adormecido. Porque a sua vibração se distanciou do padrão vibracional de quem estava numa atmosfera sombria. E é preciso remodelar o que é perfeito para que o mesmo grau de excitação possa levar ao destino do reencontro.

E quando a criatura angelical percebe que o amor novamente aflorou parte para os planos inferiores para encontrar o laço perdido. Porque sua missão é o resgate, seu desejo a ativação do amor. Sua vitória é a pacificação do ser que se ama e que o encontro não fortuito era motivo de um elo programado no Senhor.

Assim se constroem histórias de amor, para serem lidas e relidas. Para que inspirem outros a exercerem o seu dom também de cativar uma alma errante que possa ter perdido o sentido e o limite para a vida.

Porque a projeção deste plano é Maia. E sendo Maia elabora infinitas e distintas vinculações entre os seres, para tornar a vida complexa e subjetiva. Para fazer com que o ócio e a aspereza da saudade não deformem o verdadeiro sentido do existir.

Nunca estive verdadeiramente ausente dos seres que amo. Como uma prova de fogo este compromisso é sempre selado para um encontro de um episódio que está além da compreensão humana.

A minha plena felicidade é reconhecer em você o seu sorriso, sua força na forma de seu determinismo, sua dedicação como criatura do Senhor, não me importando a distância, que de fato nunca existiu, porque sei da existência de um plano que nos unem. Sei da existência de uma fraternidade que nos dignifica em termos do propósito de existirmos, sei que no infinito somos mais numerosos e concordantes com o amor celestial que um dia nos fabricou para contarmos juntos nossa história de amor.

Max Diniz Cruzeiro

**[PSICANÁLISE] O CONFLITO DE PÉRICLES INSAUT 157**

**O Conflito de Péricles**

Na remota terra de Fênix, além das montanhas de Dramaturgo, existia uma poderosa civilização em que o reinado em certa época ansiava pela vinda de Péricles, o herdeiro da coroa do reinado.

Um dia Floral, sua mãe momentos após conceber a luz, foi até o jardim agradecer ao Olimpo pela graça de ter conseguido um filho perfeito. Ela foi até a fonte de água, antes disto passou pelo roseiral e colheu uma rosa.

Tamanha era sua distração com seu momento de plenitude solar, que não se deu conta dos espinhos o que levaram a ferir-se pelo impulso que a trouxe às pressas a observar a água cristalina, que era significado de pureza em todo o reino.

Quando Floral chegou até a fonte com a rosa fez uma oração e depositou sobre a água a flor, o sangue que estava no talo e nas pétalas se misturou a fonte de água e imediatamente matou um dos peixes que estava próximo aos elementos dispostos na água.

Floral se ressentiu naquele momento. Isto era um sinal divino de que nem tudo na nova jornada que se iniciara com seu filho seria perfeito. Seu coração ficou despedaçado, e começou a chorar a própria sorte em que a identificação do leve ferimento partiu como uma lança empunhada no seu ventre.

Neste momento ela jurou a Nefertiti que seria uma mãe absoluta para seu filho e que nada o faltaria para que crescesse dentro do que estava predestinado no reino.

Péricles era um bebê esperto. Logo aprendeu a identificar como uma coisa que tinha capacidade de projeção. Para si era como se um espelho refletisse a sua própria imagem interna que aos poucos ia evoluindo e descobrindo e se redescobrindo.

Em um dado momento de Péricles toda imagem e sensações que absorvia eram desdobramentos de si mesmo. O que será que estava acontecendo com ele? Será que a maldição havia se abatido sobre o reino?

Sua mãe havia tomado para si a incumbência de se tornar absoluta na vida de Péricles.

Em um dado momento o Bebê Péricles descobriu que uma parte de si o nutria e ele passou a introjetar o elemento que saciava sua ansiedade e falta de vitalidade. Mas nem sempre quando ele projetava estar próximo de sua fonte de vida não era gerado um nexo causal que permitia corresponder a sua vontade e afetação. Então um estado de frustração tomava conta dentro de si e isto fazia com que ele se convertesse em puro choro, lamentação e lágrimas.

O Bebê Péricles descobriu que esta parte de si tinha vontade própria e elaborou em sua primitiva mente uma cisão que o permitia identificar um outro elemento distinto, alheio e refém de sua vontade.

Essa parte que o nutria era mais boa do que má. Sempre estava disposta a negociar de forma favorável a permanência em sua existência. Era sublime, era absoluta... estava sempre disponível no mínimo balbuciar e rosnar de seus lábios.

Péricles estava a elaborar dentro de si a projeção desta mãe que parecia resolver todos os problemas. E passou a não se interessar por mais nada que estivesse presente no ambiente que não fosse o seio desta mãe que estava a estabelecer com ele um elo de vida.

Até que um dia apareceu algo distinto em sua vida, e Péricles estava tão identificado com esta mãe que projetou sobre sua mente o outro elemento identificado não como seu pai, mas como a extensão desta mãe que se projetava em sua mente.

Adamo filho de Nerida, uma auxiliar do reino havia passado por processos similares, porém sua mãe dividida em cuidar da criação de Péricles e Adamo fragmentou a mente de Adamo que não teve outra opção senão alucinar a ausência do seio e alucinar a ausência desta mãe. E ao projetar sua existência sobre o mundo teve que diminuir a importância desta mãe em sua vida e conseguiu visualizar outro elemento que era seu pai como ser distinto do seio e distinto de sua mãe.

Enquanto Adamo conseguiu fragmentar ainda mais sua mente estabelecendo relacionamentos diversos em reconhecer como distintos outros agrupamentos de informações que chegavam até seu centro óptico, Péricles a cada novo contato com indivíduos visualizava nestes seres tudo o que pudesse de sua mãe estar representado sobre eles.

Adamo e Péricles cresceram juntos. Até que um dia Péricles se apaixonou por Adamo na representação que aquele havia absorvido de tudo que estava contido na idealização de Péricles na projeção desta mãe onipotente.

Porém Adamo não tinha a mesma formação psíquica, e ignorou os apelos de Péricles para que ele se enamorasse por ele. Que na realidade o queria de fato era o enamoramento desta representatividade desta mãe que Péricles visualizava em Adamo.

Um dia a mãe de Péricles adoeceu e veio a morrer sem realizar o sonho de ver seu filho constituído.

A perda da mãe levou Péricles a deslocar o seu foco de atenção ainda mais para os elementos desta mãe que conseguia visualizar no interior de Adamo. E passou a desejar Adamo como quem desejasse possuir a própria mãe.

Quando chegou a puberdade Adamo se enamorou por uma menina e quando Péricles tomou conta de tamanha afronta a sua personalidade desejou que Adamo não mais existisse por não suportar a recusa do amor na forma de um ente adorado e absoluto.

A presença do pai em Péricles era equivalente a uma ausência da realidade, enquanto a presença do Pai em Adamo era o controle externo dos impulsos transmitidos pelo exercício do poder sobre sua vida oriundo de sua mãe. Para Péricles, um elo enigmático e esquecido, Para Adamo um ente compartilhado e que permitia a permuta de importância e significância. Onde para Péricles somente os elementos que se igualavam a manifestação psíquica de sua mãe eram verdadeiramente reconhecidos.

E quando chegou a fúria de Péricles sobre a relativização do relacionamento de Adamo, Péricles se sentindo traído acusou Adamo de furtar uma pedra preciosa de seus aposentos, e ordenou a guarda que o colocasse em um calabouço.

Adamo se recusava a acreditar na atitude do amigo, não compreendia onde se encaixava tanto amor e ódio enclausurado sobre a mesma pessoa.

Então Péricles passou a visitar esta mãe no calabouço todos os dias, pois era um lugar frio e apenas onde ele pudesse se dedicar a penetrar no mais íntimo terreno da existência desta mãe que o negava. E quanto mais Adamo resistia ao encontro, mas Péricles se sentia ofendido e interiorizava severas punições ao ser amado.

Até que um dia Adamo não resiste aos castigos impostos por Péricles e seu corpo veio a falecer em meio ao martírio.

Péricles se vê em desespero novamente por perder a outra parte de sua mãe. E vai até o jardim onde uma frondosa rosa lhe chama atenção. A colhe com as mãos, não percebe o ferimento que os espinhos a provocaram em sua pele e vai até a fonte de água.

Ao chegar lá sente na rosa o perfume de sua mãe original, cai em prantos, vem dentro de si a lembrança de sua partida e a ausência da mãe originária.

Então sem forças a rosa com o sangue cai sobre a água da fonte, era como se Péricles abandonasse sua mãe neste momento. Ele resolve ir ao seu encontro, e desta vez não foi uma carpa que perdera a vida, mas a ilusão de Péricles em encontrar-se a onipotência desta mãe que não estava mais presente, símbolo do seu isolamento para com o mundo.

Autor: Max Diniz Cruzeiro

www.lenderbook.com